

**O DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL DE UM BEBÊ EM UMA FAMÍLIA
NUMEROSA: UMA APLICAÇÃO DO MÉTODO BICK**

Aline Groff Vivian

**Dissertação de Mestrado apresentada como exigência parcial
para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia sob
orientação da Prof^a Dr^a Rita de Cássia Sobreira Lopes
e supervisão clínica da Dr^a Nara Amália Caron**

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento**

Porto Alegre, março de 2006

Gente Humilde

*Tem certos dias
Em que eu penso em minha gente
E sinto assim
Todo o meu peito se apertar
Porque parece
Que acontece de repente
Feito um desejo de eu viver
Sem me notar
Igual a como
Quando eu passo no subúrbio
Eu muito bem
Vindo de trem de algum lugar
E aí me dá
Como uma inveja dessa gente
Que vai em frente
Sem nem ter com quem contar*

*São casas simples
Com cadeiras na calçada
E na fachada
Escrito em cima que é um lar
Pela varanda
Flores tristes e baldias
Como a alegria
Que não tem onde encostar
E aí me dá uma tristeza
No meu peito
Feito um despeito
De eu não ter como lutar
E eu que não creio
Peço a Deus por minha gente
É gente humilde
Que vontade de chorar*

Chico Buarque e Vinicius de Moraes

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família que sempre soube ser grande o suficiente para me dar espaço e apoio para eu me tornar e ser quem sou. À minha mãe Dossi, meu pai Amadeo, meu mano Diego e minha dinda Mara sou grata por tudo.

Ao meu amor, Eduardo, que compreende e incentiva minhas escolhas, agradeço por entender e tolerar as ausências necessárias e, ainda assim, estar constantemente comigo.

À Rita de Cássia Sobreira Lopes que me ajudou a conceber e gerar este estudo e, mais do que isso, dedicou-se à orientação e me mostrou como é possível ver o que não está facilmente à mostra e que não pode ser simplesmente traduzido em palavras.

À Nara Caron que contribuiu imensamente com sua sabedoria e olhar perspicaz na condução do grupo de supervisão, trazendo importantes contribuições para esta dissertação.

À Tagma Schneider Donelli à Lisiane Oliveira-Menegotto com quem compartilhei as observações e as idéias no grupo de supervisão.

Aos integrantes do Grupo de Pesquisa em Infância, Desenvolvimento e Psicopatologia – GIDEP, em especial às do NUDIF, que colaboraram com sugestões e às demais colegas do Mestrado, bem como aos professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRGS.

Ao relator deste trabalho, César Augusto Piccinini, meu verdadeiro professor de metodologia da pesquisa, e às participantes da banca, Maria Luiza Furtado Kahl e Maria Lucia Tiellet Nunes pela disponibilidade da presença e pelas valiosas contribuições de seus olhares e leituras precisos.

À coordenação do Curso de Psicologia, Dr^a Antonieta Pepe Nakamura, e equipe de professores, bem como ao pró-reitor de graduação, Dr Nestor Luiz João Beck, e demais colegas da Universidade Luterana do Brasil por terem confiado em meu potencial e contribuído para a construção de minha trajetória acadêmica e profissional.

À família que participou deste estudo durante um ano e que me propiciou observar uma vida desde o nascimento até o primeiro ano de um bebê, mas que me ensinou muito mais sobre o próprio viver do que pode estar escrito aqui.

A todos os demais que não foram nomeados, mas que fizeram parte de meu percurso. Muito obrigado!

Dedico este estudo à família que me auxiliou a dar à luz a ele.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	3
RESUMO.....	7
ABSTRACT.....	8
CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO.....	9
Apresentação.....	9
A importância do ambiente para o desenvolvimento emocional.....	10
O nascimento de um bebê e seu desenvolvimento na família.....	16
Considerações teórico-metodológicas sobre o Método Bick de observação.....	26
Justificativa e Objetivos.....	36
CAPÍTULO II - MÉTODO.....	37
Participantes.....	37
Delineamento e procedimentos.....	37
Considerações éticas referentes ao estudo.....	38
Instrumentos.....	39
Análise dos dados.....	40
CAPÍTULO III - RESULTADOS.....	41
O bebê e seu ambiente.....	42
O desenvolvimento emocional do bebê.....	53
A observadora.....	75
CAPÍTULO IV - DISCUSSÃO.....	89
Eixo I – O bebê e seu ambiente.....	94
Eixo II – O desenvolvimento emocional do bebê.....	97
Eixo III – A observadora.....	101
Considerações finais.....	106
REFERÊNCIAS.....	114
ANEXO - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	126

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Genograma da família no início das observações.....	43
--	----

RESUMO

O presente estudo investigou o desenvolvimento emocional durante o primeiro ano de vida de um bebê, em uma família numerosa. Foi realizado um estudo de caso único, de caráter longitudinal, com uma família participante composta pela mãe, pelo pai e seus quatro filhos meninos, de até 4 anos de idade, acompanhada em observações semanais, com uma hora de duração, no período de doze meses. Foi aplicado o Método Bick de Observação da Relação Mãe-Bebê, em seus três momentos: observação, relato e supervisão em grupo. Os resultados foram organizados em três eixos: 1) o bebê e seu ambiente; 2) o desenvolvimento emocional do bebê; e 3) a observadora. Apesar das condições economicamente desfavoráveis do ambiente, foi surpreendente o desenvolvimento emocional do bebê na família, bem como a riqueza do ambiente em termos emocionais. A mãe se mostrou atenta e afetiva no cuidado dos filhos, apresentando uma capacidade inesgotável de discernir e atender às múltiplas demandas dos mesmos, revelando sua preponderante identidade materna. O bebê recebia especial atenção e a mãe costumava relatar suas habilidades e aquisições ao longo do primeiro ano de vida. Alguns aspectos típicos do desenvolvimento de um bebê no primeiro ano de vida foram observados, assim como particularidades relativas ao contexto de uma família numerosa, de baixa renda. No eixo denominado a observadora, foi relatado o impacto emocional causado pelas observações neste contexto particular. Além de auxiliar no entendimento aprofundado das fases iniciais do desenvolvimento, de forma intensiva e detalhada, acredita-se que a aplicação do Método Bick em pesquisa possa colaborar para conhecer a realidade das famílias antes de propor intervenções em contextos diferenciados.

Palavras-chave: desenvolvimento emocional, família numerosa, Método Bick de observação.

ABSTRACT

The present study investigated the emotional development during the first year of a baby's life, in a large family. A longitudinal single case study was carried out with a family comprising the mother, the father and their four boys, aged up to four years old. They were weekly observed in one-hour observation sessions during twelve months. The Bick Infant Observation Method was applied, in its three moments: observation, written report and group supervision. The results were organized alongside three axes: 1) the baby and his/her environment; 2) the baby's emotional development; and 3) the observer. In spite of the unfavorable economic environmental conditions, the baby's emotional development in the family was surprising, as well as the environment's emotional richness. The mother was shown to be attentive and affective in caring for the children, showing an endless ability to discriminate and attend to the multiple demands of the children, revealing her predominant identity as mother. The baby received special attention, and the mother used to report his/her abilities and acquisitions during his first year of life. Some typical aspects of infant development during the first year of life were observed, as well as particularities concerning the specific context of a large, low income, family. In the axis named the observer, the emotional impact caused by the observations in this particular context was highlighted. Besides helping to understand more deeply the initial developmental phases, in an intensive and detailed way, it is believed that the application of the Bick method may help to know the families' reality before proposing interventions in specific contexts.

Key-words: *emotional development, large family, Infant Observation Bick Method.*

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

Apresentação

Nas últimas décadas ocorreu um aprofundamento nos conhecimentos psicanalíticos da vida emocional primitiva. Autores como Winnicott (1956/2000), Spitz (1979), Bowlby (1988), Mahler (1982), Klein (1952), A. Freud (1968) e Bick (1964) contribuíram para ampliar o conceito de criança de Freud (1915). Brazelton e Cramer (1992) e Stern (1997) também favoreceram uma compreensão psicodinâmica das interações iniciais. A abordagem psicanalítica, portanto, tem se destacado dentre as perspectivas teóricas que reconhecem a importância das primeiras relações como experiências fundamentais no desenvolvimento emocional. Além disso, alguns dos autores desta abordagem foram pioneiros no uso da observação para fins de pesquisa (Bick, 1964; Bowlby 1989; Mahler, 1982; Spitz, 1979; Winnicott, 1957/1983).

No presente estudo, a escolha da observação como forma de coleta de dados foi empreendida com base na potencialidade da aplicação do Método Bick em pesquisa (Rhode, 2004; Rustin, 2003b; 2001b; 1989). Segundo Bick (1964), o método oferece uma oportunidade de se observar o desenvolvimento de um bebê desde o nascimento e descobrir como se originam as relações da criança com seu meio.

O surgimento do interesse pelo tema, que é foco do presente estudo, iniciou quando participei na capacitação dos visitantes do Programa Primeira Infância Melhor¹, como multiplicadora, em cursos sobre psicologia do desenvolvimento. Também acompanhei visitas domiciliares, regularmente, para observar tais profissionais em suas intervenções. O grande número de filhos em cada família era um fenômeno recorrente na população residente em uma vila de uma cidade da região metropolitana, atendida pelo referido programa. A partir desse trabalho, emergiu a questão de como ocorre o desenvolvimento emocional de bebês em famílias com mais de um filho em idade pré-escolar, de zero a seis anos, que passou a ser objeto de atenção do presente estudo.

Inicialmente, será revisada a literatura sobre o desenvolvimento emocional primitivo com ênfase na importância do ambiente. A seguir, serão apresentados estudos sobre o nascimento e

¹ No Estado do Rio Grande do Sul, o programa Primeira Infância Melhor é coordenado pelo Grupo Técnico Estadual (GTE), da Secretaria Estadual da Saúde e desenvolvido em parceria com as Secretarias Estaduais de Educação, Cultura, Trabalho, Cidadania e Assistência Social, com o apoio da UNESCO, UNICEF e suporte do *Centro Latinoamericano para la Educación Preescolar* (CELEP), em Cuba. Em Canoas, o programa é coordenado por um Grupo Técnico Municipal (GTM).

desenvolvimento de bebês e sua relação com os irmãos em uma família numerosa, além de estudos empíricos. Por fim, serão realizadas algumas considerações teórico-metodológicas sobre o Método Bick de observação utilizado, sua aplicação em pesquisa, bem como sua adequação para a investigação do desenvolvimento emocional e sua importância para a compreensão das primeiras relações em família.

A importância do ambiente para o desenvolvimento emocional

O ambiente é fundamental para o desenvolvimento infantil e a mãe exerce um importante papel nos momentos iniciais. Winnicott (1945/2000) foi um psicanalista que se dedicou ao estudo do desenvolvimento emocional primitivo. Seu trabalho realizou-se com base em suas observações de crianças e bebês, ao longo de mais de 20 anos de prática na clínica pediátrica, em hospitais públicos de Londres. O autor postula que o desenvolvimento emocional passa por três estágios que são a dependência absoluta, a dependência relativa e rumo à independência (Winnicott, 1963/1983). Inicialmente, o bebê encontra-se em estado de dependência absoluta dos cuidados maternos. Essa fase corresponde, aproximadamente, aos quatro primeiros meses em que a criança está em fusão com sua mãe, e quanto mais esta compreende exatamente as necessidades do filho, melhor este se desenvolve. A fase seguinte é a da dependência relativa, que se estende, aproximadamente, do sexto mês ao fim do primeiro ano. Essa fase já começa a ser esboçada desde o quarto mês, de modo variável, de acordo com cada bebê. É ao longo desse período que a criança se diferencia da mãe, não esperando mais uma compreensão e uma satisfação mágica de suas necessidades. Torna-se capaz de estabelecer uma relação objetal. Na fase da dependência relativa, a criança começa a estar consciente da dependência. A terceira fase tem início no segundo ano de vida, quando a criança evolui, pouco a pouco, para a independência. A criança enfrenta o mundo de forma progressiva, passa por processos de identificação e, paralelamente, desenvolve a socialização. Torna-se, dessa forma, cada vez mais capaz de tolerar a frustração e adquirir um sentido de segurança que a conduz rumo à independência (Winnicott, 1960/1983).

A fim de oferecer provisão ambiental, a mãe tem que perceber adequadamente as necessidades emocionais dos filhos, o que lhe exige bastante (Winnicott, 1960/1983). Nesse sentido, a mãe é o ambiente facilitador no começo do desenvolvimento infantil, que vai auxiliar nas tarefas evolutivas e nos processos iniciais do desenvolvimento emocional, a saber, integração, personalização e estabelecimento de relações objetais (Winnicott, 1945/2000). Para este autor, a integração é o processo que conduz a criança a um estado de unidade e a constituição do *self*, conseqüente ao *holding* que é o aspecto de sustentação fornecido pelo

ambiente facilitador. A personalização, por sua vez, é a instalação da psique no soma e o desenvolvimento do funcionamento mental, que são efeitos do *handling*, concernentes ao manejo. Já o estabelecimento de relações objetais e o uso do objeto são determinados pelo modo através do qual o ambiente apresenta a realidade exterior à criança. Estes três processos estão intrincados e permitem chegar à capacidade de estar só. Em suma, essa maturação se dá a partir de três esquemas principais estudados por Winnicott (1945/2000). Portanto, o ambiente permite o desenvolvimento do ego da criança através do *holding*, o modo como a criança é amparada, do *handling*, a maneira como ela é cuidada e manipulada ou tratada, e do modo de apresentação de objetos. O *holding* tem função de proteção e compreende toda a rotina de cuidados cotidianos que necessitam de uma adaptação progressiva e se tornam dispensáveis à medida que a criança cresce. Por fim, o processo de maturação é assegurado pelo *holding* adequado, que preserva o sentimento contínuo de existir do bebê (Winnicott, 1963/1983).

Winnicott (1960/1983) aponta que o cuidado materno capaz de satisfazer as necessidades específicas de desenvolvimento do filho é fundamental. A mãe devotada comum é capaz de fornecer um ambiente no qual os processos complexos e essenciais do *self* podem se desenvolver. Para Winnicott (1958/2005), o funcionamento do meio ambiente facilitador começa com uma adaptação praticamente perfeita que vai diminuindo de acordo com as necessidades do bebê, bem como uma disposição da mãe de se identificar temporariamente com o filho. O autor revela a importância de distinguir entre a capacidade que uma mãe tem de identificar-se com seu bebê, mantendo naturalmente sua autonomia, e o estado próprio ao bebê de não haver emergido ainda da dependência absoluta. Com isso, entende-se que o bebê só se torna capaz de separar o eu do não-eu, gradativamente. Um importante passo no desenvolvimento emocional ocorre quando o bebê pode reconhecer o fato da dependência e conseguir ter um *self* apenas relativamente dependente.

Para compreender como a mãe consegue fazer uma adaptação quase perfeita às necessidades do bebê, torna-se importante apresentar um conceito preconizado por Winnicott (1956/2000), denominado de preocupação materna primária. Esse estado de sensibilidade aumentada se desenvolve no período final da gravidez, seguido das primeiras semanas após o nascimento, em que a mãe está dedicada ao cuidado do seu bebê, que de início parece ser parte dela mesma. Além disso, o autor menciona que a mulher está muito identificada com o filho e sabe como ele está se sentindo. Isso lhe possibilita ser uma presença constante e receptiva no atendimento às necessidades do bebê. Desta forma, torna-se capaz de fornecer um contexto para que a constituição da criança comece a se manifestar, para que as tendências do desenvolvimento possam desdobrar-se e para que o bebê comece a experimentar movimentos espontâneos e se

aproprias das sensações correspondentes a essa etapa inicial. Por isso, propiciar um ambiente suficientemente bom na fase mais primitiva capacita o bebê a começar a existir, a ter experiências, a constituir um ego pessoal, a dominar os instintos e a defrontar-se com as dificuldades inerentes à vida.

Outros autores conceituam o período em que se instaura a maternidade, considerando-o um momento diferenciado para a mulher, a exemplo da preocupação materna primária (Winnicott, 1956/2000). Cramer e Palácio-Espasa (1993) apontam que a chegada do bebê desperta nos pais, especialmente na mãe, a revivência de fantasias infantis, promovendo o que denominam de neoformação psíquica, ou seja, uma forma particular de funcionamento psíquico. A partir deste processo, os pais costumam atribuir características e significados ao comportamento do bebê, através da identificação projetiva. Usando um outro conceito para referir-se à mesma fase, Stern (1997) definiu uma organização psíquica inaugurada com o nascimento de um bebê, denominando-a de constelação da maternidade. Essa constelação é capaz de favorecer, temporariamente, uma nova série de tendências de ação, sensibilidades, fantasias, medos e desejos. Entretanto, para este autor diferentemente de Winnicott (1956/2000), que circunscreve este momento aos primeiros meses, a constelação da maternidade teria uma duração mais variável, podendo persistir por alguns meses ou até por muitos anos. Ela torna-se o eixo central da vida psíquica da mãe e envolve um conjunto de preocupações distintas sobre os seguintes temas: vida-crescimento, relacionar-se primário, matriz de apoio e reorganização da identidade. O primeiro tema, denominado pelo autor vida-crescimento, gira em torno da capacidade materna de manter o bebê vivo, além de promover seu crescimento e desenvolvimento físico. É comum perceber a preocupação das mães em verificar se o bebê adormecido está respirando, além de se preocuparem com as questões sobre a alimentação ou ainda que não se deixe o bebê cair. O segundo tema do relacionar-se primário, também preconizado por Stern (1997), implica na capacidade materna de envolver-se emocionalmente com seu bebê, de forma suficientemente autêntica, para promover seu desenvolvimento psíquico. O terceiro tema diz respeito à matriz de apoio (Stern, 1997) e refere-se à necessidade da mãe de criar, permitir, aceitar e regular uma rede de apoio protetora para si, para que possa realizar as tarefas dos temas anteriores: manter o bebê vivo e promover seu desenvolvimento psicoafetivo. A primeira função da matriz de apoio é proteger a mãe fisicamente, provendo suas necessidades vitais e permitindo que possa dedicar-se ao bebê. A segunda função é de ordem psicológica e educativa: a mãe precisa sentir-se apoiada, valorizada e apreciada. O pai parece cumprir melhor a primeira função, enquanto que as figuras maternas da mãe são evocadas para auxiliar na segunda. Nesse sentido, observa-se uma tendência à reativação e reorganização do

relacionamento da mãe com sua própria mãe (Stern, 1997). O quarto tema é chamado pelo autor de reorganização da identidade. A mãe precisa transformar e reorganizar sua identidade. Isso é necessário para que a mulher consiga alterar seus investimentos emocionais, sua distribuição de tempo e energia em suas atividades. Nesse ponto, a necessidade de modelos é evidente, pois o trabalho mental exigido para tal transformação fará com que a mulher reviva sua história de identificações com a própria mãe e com outras figuras maternas e parentais. Por fim, para Stern (1997), a constelação da maternidade reúne o discurso da mãe com sua própria mãe, seu discurso consigo mesma e seu discurso com o bebê, formando a trilogia materna.

No que se refere ao bebê, durante os primeiros anos ocorrem pulos descontínuos em termos de desenvolvimento, seguidos por períodos de relativa consolidação de novas aquisições (Stern, 1997). Através desse processo surgem novas capacidades sociais, afetivas, motoras e cognitivas, e a interação com os pais também passa por uma reorganização. Questões como independência ou confiança são negociadas de forma diferente e em termos da capacidade de relacionar-se adquirida pela criança. Outros autores apontam que, ao longo do primeiro ano de vida, a criança apresenta mudanças expressivas em seu desenvolvimento, que vão desde o crescimento físico até o emocional, com destaque para o incremento das habilidades de linguagem, locomoção e de exploração do ambiente - uma vez que passa a apresentar uma maior capacidade para realizar movimentos de afastamento e de reaproximação (Brazelton & Greenspan, 2002; Lopes, Oliveira, Vivian, Bohmgahren & Piccinini, submet.; Mahler, 1982; Newcombe, 1999).

A literatura tem destacado que o bebê nasce com capacidade de enviar sinais a seu ambiente. De acordo com Brazelton (1988), na medida em que é cuidado e recebe respostas de quem o cuida, o bebê obtém um controle sobre suas reações, bem como adquire uma base para responder e participar de eventos importantes em seu contexto. Essa idéia é corroborada por Bowlby (1988) que também considera que os cuidados maternos nos primeiros anos de vida são essenciais para a saúde mental da criança. É preciso que o bebê e a criança pequena experimentem um relacionamento íntimo e contínuo com sua mãe, no qual ambos encontrem satisfação e prazer. Para Bowlby (1989), as primeiras relações são fundamentais para o desenvolvimento do apego entre o bebê e sua mãe.

Ainsworth, Blehar, Waters e Wall (1978) desenvolveram um trabalho pioneiro que contribuiu para a sistematização da teoria do apego. Ainsworth e cols. (1978) postularam o conceito de sensibilidade materna, definida como a habilidade da mãe de perceber, interpretar e responder de forma adequada e contingente aos sinais da criança. De acordo com Bowlby (1989), a criança nasce com uma necessidade social primária que é satisfeita pelos contatos com

a mãe, a qual se torna usualmente sua figura de apego, tornando-se uma base segura.

Considera-se que as primeiras representações mentais do recém-nascido são constituídas a partir da interação com a mãe, que tem uma função crucial no desenvolvimento do bebê. Para Vincent (1991), a mãe desempenha um papel regulador de respostas específicas do bebê, através de estímulos táteis, sonoros, visuais e olfativos. O mesmo autor ressalta que a criança apreende o que sua mãe está sentindo através do afeto, e, por suas representações emocionais, a criança compreende não somente o rosto, mas o corpo de sua mãe; é a partir dessa troca que se constitui o desenvolvimento intersubjetivo. As atividades da mãe podem incluir gestos, fala, toque, olhar o bebê e amamentá-lo. As atividades do bebê correspondem a olhar o ambiente, ver a mãe, tocá-la e vocalizar. Um observador atento e sensível é capaz de apreender o clima emocional desta relação inicial.

Retomando a teoria winnicottiana, considera-se a confiabilidade como um elemento essencial na relação mãe-bebê, construída através da presença receptiva da mãe. Confiabilidade significa previsibilidade (Dias, 2003). E a comunicação deste sentimento é silenciosa, baseando-se na empatia materna. Nesse sentido, segundo Elkind (2004), além de ligações específicas, as crianças também devem estabelecer um senso de confiança, que seja capaz de superar a desconfiança. Esse resultado saudável depende muito da experiência do bebê com os cuidadores. A criança que sente o mundo como um lugar seguro, cujas necessidades são satisfeitas de maneira consistente e adequada, é capaz de adquirir este senso de confiança, que costuma estender-se às demais pessoas.

Outra importante consideração nesta mesma direção é realizada por Mahler (1982) ao apontar que a mãe é o suporte da evolução psicoafetiva do bebê e que seu papel deve se moldar constantemente para se adaptar às necessidades próprias do ritmo da criança. No que concerne aos períodos do processo de separação-indivuação descritos por Mahler (1982), as noções de autismo normal e fase simbiótica são atualmente criticadas (Wendland, 2001), porém os demais períodos permanecem atuais. Esta autora estabelece três grandes etapas no desenvolvimento psicoafetivo normal da criança de zero aos três anos, que seriam, sucessivamente, a fase do autismo normal, a fase de simbiose normal e a fase do processo de separação-indivuação. Esta última é dividida em quatro etapas, que acabam por sobrepor, e são: diferenciação-desenvolvimento do esquema corporal; treinamento; reaproximação; consolidação da individualidade e início da constância do objeto emocional. Esse processo de separação-indivuação, conceituado por Mahler (1982), é orientado por duas linhas de desenvolvimento. Uma leva à separação e diz respeito à evolução no sentido da diferenciação, a distância, formação de limites e desligamentos da mãe. A outra leva à indivuação e diz respeito ao

desenvolvimento das funções autônomas, como percepção, memória e demais capacidades cognitivas. É necessária uma adequação temporal entre essas duas linhas de desenvolvimento. A garantia do processo normal é o ambiente, representado pela mãe, cuja disponibilidade física e emocional deve se adaptar à evolução da criança.

A partir de estudos sobre a dependência emocional do bebê e o papel da mãe como facilitadora desses movimentos de separação, Mahler, Pine e Bergman (1977) destacaram que o processo de separação e de individuação da criança ocorre paralelamente à maturação e à integração das funções autônomas do ego, como motilidade e linguagem. Contudo, essas tendências individuais inatas para a integração e o crescimento, que variam de um indivíduo para outro, não seriam as únicas a garantir o desenvolvimento emocional, cognitivo e social, dependendo também dos cuidados maternos e da qualidade do próprio ambiente (Mahler, 1982; Winnicott, 1963/1983). Além disso, Mahler e cols. (1977) apontaram que a mãe deveria desempenhar a necessária função de reabastecimento emocional ao retorno do bebê, já que seu empenho explorador costuma durar apenas períodos curtos de tempo. Nesse sentido, a função materna seria a de permitir liberdade para o bebê distanciar-se e a oportunidade para explorar o ambiente, bem como estar disponível física e emocionalmente no momento de retorno de seu filho.

Diante das idéias expostas com base em diversos autores, considera-se que o potencial herdado de um bebê só pode se desenvolver se a criança receber cuidados maternos adequados durante o período de dependência. Segundo Winnicott (1952/2000), considera-se que esses cuidados não são os únicos a garantir a boa saúde mental, porém eles permitem prevenir distorções precoces. O ego da mãe supre o ego da criança que está se constituindo, oferecendo-lhe um ambiente facilitador. Para nosso principal autor, logo no início, os cuidados maternos suficientemente bons são uma necessidade absoluta. No princípio da vida, o bebê não é uma unidade. A unidade é o conjunto ambiente-indivíduo. Gradualmente, um ambiente pessoal é criado pelo indivíduo. Usualmente, o ambiente criado pelo indivíduo torna-se similar ao que todos percebem e nesse processo de desenvolvimento o mesmo passará da dependência à independência.

As tarefas ligadas aos primeiros estágios do desenvolvimento emocional da criança, portanto, só podem ser levadas a cabo em um ambiente suficientemente bom (Winnicott, 1952/2000). O ambiente suficientemente bom é aquele que se adapta ativamente às necessidades do bebê. No início, essa necessidade é absoluta. Um ambiente que não dê conta dessas necessidades transforma-se em intrusão. Através da observação direta de bebês Winnicott (1957/1983) constatou que a criança precisa ter um certo grau de amadurecimento físico e

psicológico, antes de ser capaz de apreciar a totalidade da experiência emocional. A maioria dos bebês percorrerá normalmente as fases do desenvolvimento, embora quanto mais novos sejam mais necessitarão de algum grau da cooperação sutil que as mães sensíveis são capazes de fornecer, uma espécie de apoio sem domínio.

Cabe à mãe devotada comum, com sua capacidade de adaptar-se às necessidades do bebê e identificar-se com ele, saber quais são as necessidades de seu filho (Winnicott, 1949/2000). Para o autor, se a mãe é suficientemente boa, o bebê virá a dar conta de suas falhas, através de sua atividade mental. Ele é capaz de transformar a falha relativa da adaptação em um êxito adaptativo. A compreensão do bebê libera a mãe da necessidade de ser quase perfeita. Além da adaptação ativa inicial, outra característica da função materna é promover uma gradual falha na adaptação, conforme a capacidade individual do bebê de suportá-la ou tolerá-la, por meio da atividade mental e da compreensão. Nas falhas da mãe suficientemente boa ocorre o crescimento baseado no verdadeiro *self* rumo à capacidade simbólica. Winnicott (1949/2000) enfatizou a continuidade do ser e, sobre esta base, mãe e bebê negociam trocas intensas que mantêm coesas necessidades como os gestos, o olhar, a alimentação, o brincar, o dormir. Com a continuidade dos cuidados maternos, a criança progride para a independência, e sua capacidade de estar só evolui paralelamente ao estabelecimento de relações triangulares. A criança atinge a unidade e o ambiente é introjetado, permitindo a autonomia, através das relações interpessoais, no âmbito familiar e da sociedade.

A partir do que foi apresentado, pode-se destacar a importância das primeiras relações para o desenvolvimento emocional, considerando-se o ambiente que envolve a criança. O primeiro ano de vida é um período fundante para o psiquismo do bebê, em que ocorrem importantes aquisições de desenvolvimento. Em termos emocionais são necessárias condições ambientais favoráveis para que esse desenvolvimento ocorra de forma individualizada o suficiente para que a criança progrida rumo à independência, conforme postulados winnicottianos. Esta questão torna-se ainda mais complexa em famílias numerosas, devido à multiplicidade de solicitações dirigidas à mãe, que busca atender às necessidades dos filhos em idades próximas, inclusive em termos de desenvolvimento emocional.

O nascimento de um bebê e seu desenvolvimento na família

As relações familiares se complexificam à medida que aumenta o número de filhos em idades próximas. Cabe esclarecer que a literatura revisada apresenta diferentes definições para caracterizar uma família numerosa ou extensa. No presente estudo, optou-se por duas delas, por

preconizarem que quando há cerca de cinco pessoas por núcleo familiar (Alencar & Frota, 2003) ou quatro irmãos (Bastos & Almeida Filho, 1990) pode-se classificar a família como numerosa.

A decisão de ter um novo bebê é um passo complexo que requer a adaptação a uma nova configuração familiar. Brazelton (1988) aponta que a capacidade de controlar a fertilidade através da contracepção adiciona responsabilidade ao casal. Para o autor, o planejamento para ter somente um ou dois filhos aumenta a pressão para que sejam criados de modo a não falharem. Ao passo que, em uma família com muitos filhos, os irmãos podem inclusive ajudar na criação dos menores. De acordo com Muslow, Caldera, Pursley, Reifman e Huston (2002), a chegada de um bebê requer uma nova organização familiar. Essas mudanças podem ser positivas e estimulantes para muitas mães e, ainda assim, gerarem estresse em função da nova adaptação. Segundo Klaus e Kennel (1993), a mãe também pode sentir-se culpada por ter menor disponibilidade de tempo para com seus filhos mais velhos e ressentida pelas intrusões destes, no tempo despendido com o recém-nascido. Para Brazelton (1988), a necessária deserção parcial de um filho é uma das maiores dificuldades para uma mulher que espera outro bebê. Este autor aponta a existência deste medo da mãe de abandonar um filho ou de prejudicá-lo pela rivalidade com o novo bebê. Contudo, a maioria das crianças é capaz de se beneficiar enormemente do fato de ter que compartilhar e aprender a se adaptar a um novo irmão, muito embora, na literatura, encontram-se divergências quanto aos aspectos positivos e negativos da experiência de ter irmãos, que serão apresentados a seguir.

Para algumas crianças, a experiência de se tornar um irmão tende a estar entre as mais estressantes do início da infância (Legg, Scherick & Wadland, 1974). Tanto as rotinas familiares como os relacionamentos alteram-se em função da chegada de um novo bebê. Embora a atenção dos pais seja muito necessária após o nascimento de um irmão, os pais podem não estar disponíveis justamente em função das demandas do bebê. Para Klaus e Kennel (1993), o nascimento de um novo irmão pode se tornar um evento estressor, na medida em que vier perturbar a rotina familiar e não propiciar o apoio e conforto necessários para o manejo de novas experiências.

Segundo Klaus e Kennel (1993), o aparecimento de um irmão exige grande capacidade de adaptação de crianças pequenas. Para estes autores, do ponto de vista da criança de dois anos e do pré-escolar, a separação da mãe pode se constituir em uma experiência dolorosa. Muitas crianças também são capazes de desenvolver relacionamentos ternos nas primeiras semanas, além de desejarem participar dos cuidados do bebê. Carter e McGoldrick (2001) apontam que em famílias com crianças pequenas a cooperação pode ser um resultado tão provável quanto a competição, dependente também da disponibilidade de cooperação dos pais. Assim como a

competição seria determinada não apenas pela disponibilidade dos pais, mas pela maneira como eles se relacionam com os filhos.

O tratamento diferenciado por parte dos pais para com os irmãos de uma mesma família pode se tornar mais evidente à medida que a criança cresce. Para Dunn, Plomin e Daniels (1986) ocorrem mudanças de desenvolvimento visíveis nas crianças com idade entre um e dois anos, em termos de habilidades comunicativas, cognitivas e sociais, bem como na expressão de um senso de autonomia, que levam as mães a tratar seus filhos de formas particulares para atender às demandas de cada faixa etária. De acordo com Elkind (1991), as crianças de três a quatro anos de idade também realizam progressos significativos em termos de desenvolvimento emocional, social e intelectual, em um período de tempo relativamente curto. É comum, porém, atribuir às crianças nesta faixa etária mais competência e maturidade do que elas realmente possuem (Elkind, 2004), especialmente, no caso de haver muitos irmãos com idades próximas na mesma família.

Para Winnicott (1982), a grande maioria das crianças recebe cuidados iniciais suficientemente bons, para que certa dose de integração seja efetuada na personalidade, e o perigo de uma erupção maciça da destrutividade inteiramente vazia de sentido torna-se bastante improvável. De acordo com o autor, para a prevenção, o mais importante é reconhecer o papel que os pais desempenham na facilitação do processo de maturação de cada criança, no decurso da vida familiar; e, em especial, aprender quão fundamental é o papel da mãe nos primeiros tempos, quando as relações do bebê com ela transitam das puramente físicas para aquelas em que se opera um encontro do filho com a atitude materna, e o que era físico começa a ser enriquecido por fatores emocionais. O mesmo autor preconiza que as relações consangüíneas são de extrema importância no deslocamento gradual das relações de duas a três pessoas, no sentido da mãe para fora e do pai para a sociedade, em seu aspecto mais amplo. Também considera que para uma criança é valiosa a experiência da chegada de um novo irmão. Para Winnicott (1982), em famílias com grande número de irmãos, as crianças têm maiores possibilidades de desempenhar papéis diferentes em suas relações mútuas e isso as prepara para a vida em grupos mais vastos.

Cabe destacar a importância de se atentar para as diferenças individuais de cada criança nas diferentes faixas etárias. Winnicott (1970/1999) menciona que se uma mãe tem oito filhos, há oito mães. Isto não ocorreria simplesmente pelo fato de a mãe ter tido atitudes diferentes em relação a cada um dos filhos. Se ela pudesse ter sido exatamente a mesma com cada um, cada criança poderia ter tido sua mãe distinta, vista sob seu próprio olhar. Em relação à provisão ambiental apropriada para uma criança, Winnicott (1970/2005) aponta que mesmo ocorrendo falhas em termos de adaptação às necessidades e confiabilidade é possível repará-las através do

reestabelecimento de um ambiente suficientemente bom e adequado ou, ainda, através de intervenções psicoterápicas.

Ainda no que se refere às particularidades das relações iniciais, Debray (1988) ressalta o fato de que cada bebê é único em seu gênero, mesmo que se possa observar os mesmos comportamentos ou atitudes similares em diversos bebês. Da mesma forma, nenhuma mãe é idêntica para seus diferentes filhos. A singularidade da relação que se instaura entre ela e cada um de seus bebês terá características completamente próprias em termos dinâmicos. A autora relata o caso de uma mãe cujos três filhos apresentaram sucessivamente distúrbios do sono e os quadros de insônia primária afetaram fortemente a vida familiar, mas o desenvolvimento posterior pôde mostrar o quanto a relação materna primária havia sido, na realidade, diferente para cada um deles. Segundo Debray (1988), além dos cuidados maternos, também o pai e o meio familiar em que vivem, inclusive os irmãos, participam do equilíbrio da relação e das interações com o bebê.

Diversos autores têm examinado como a chegada de um novo bebê gera uma mudança fundamental, tanto no corpo como na mente da mãe e na estrutura familiar (Dessen & Braz, 2000; Dunn & cols., 2000; Muslow & cols., 2002). Destacamos o estudo de caso observacional, com base no Método Bick, realizado por Negri (1988). A autora constatou que o nascimento de um novo bebê foi capaz de despertar não somente a pulsão epistemofílica do irmão, ou seja, atilar a curiosidade de conhecimento e compreensão das coisas, como contribuiu para o desenvolvimento emocional da criança mais velha.

Além disso, outros trabalhos investigaram temas relacionados ao número de irmãos e sua interação na família. Um estudo investigou a reação de primogênitos, com idade entre um e seis anos de idade, ao nascimento de um irmão (Sostek & Read, 1979). Nesta pesquisa, oitenta e cinco mães preencheram questionários, quando seus bebês estavam com dois meses de idade e, novamente, quando tinham entre nove a dez meses. Os resultados indicaram que o comportamento de prender a atenção da mãe e o relacionamento afetivo com o bebê foram mais freqüentes do que regressão e hostilidade. Para Klaus e Klaus (1989), as crianças pequenas costumam mostrar interesse umas pelas outras e o simples olhar desprotegido de um bebê pode ajudar a conquistar o mais cético dos irmãos mais velhos.

Conforme descrito na literatura, ter e se tornar um irmão tende a introduzir alterações na vida de uma criança pequena. As reações mais comuns ao nascimento de um irmão ou irmã incluem hostilidade ou agressão para com o bebê ou a mãe, regressão em algumas áreas do funcionamento e esforços aumentados para chamar a atenção (Trause & Irvin; citado por Klaus & Kennel, 1993). Ao mesmo tempo, os investigadores relatam que as crianças freqüentemente

incrementam o desenvolvimento do domínio ou independência, uma vez que tenham se tornado irmãos mais velhos.

Contudo, a mudança não é necessariamente estressante para as crianças pequenas, até porque um certo grau de novidade pode ser estimulante dentro do contexto familiar. No estudo realizado por Legg e cols. (1974), as mães perceberam que o desenvolvimento de seus filhos se intensificou após o nascimento de um irmão mais novo. Algumas aquisições relatadas foram a capacidade aumentada para brincar de forma mais independente e o rápido estabelecimento do controle esfinteriano. Estas mães ofereceram uma variedade de modificações para o apoio aos outros filhos, preparando-os para a chegada do novo bebê.

Outro trabalho apontou para uma diminuição consistente nas expressões de afeto, tanto nas mães como nos filhos, após o nascimento de novos irmãos (Taylor & Koogan, 1973). Através de sessões gravadas em vídeo, os pesquisadores observaram que as mães no puerpério pareciam reagir a seus filhos de dois anos e meio a três anos e meio, com mais esforço e fadiga, durante um a dois meses após o nascimento do bebê. Estas mães relataram ter menos tempo para tudo, à medida que o número de crianças pequenas aumentava.

Um estudo mais recente investigou a influência que o ambiente familiar exerce nas diferenças entre os irmãos (Plomin, Asbury & Dunn, 2001). Os resultados apontaram que não foi significativa a influência ambiental não compartilhada entre as crianças, embora os pais tratem seus múltiplos filhos de forma diferenciada. Ainda assim, as diferenças individuais entre os irmãos podem ser influenciadas por experiências entre pares e outras vivências fora do ambiente familiar. Além disso, uma investigação sobre as relações pais-filhos em diferentes configurações familiares (Dunn, Davies & O'Connor, 2000) afirmou que muitos efeitos das transições familiares, desvantagens socioeconômicas, problemas sociais e outros fatores de risco para crianças são provavelmente mediados pelos processos mais íntimos das relações emocionais dentro da família, especialmente as relações entre pais e filhos.

Bolsoni (2000) investigou a relação entre empatia e o número de irmãos, bem como avaliou se o número de irmãos consistia em elemento de proteção ou risco ao desenvolvimento. As crianças que tinham muitos irmãos podiam estar em situação de risco em famílias muito pobres, que dividiam entre tantos filhos os poucos recursos disponíveis. Contudo, o cuidado entre irmãos, nestas famílias numerosas foi considerado um importante fator de proteção. As crianças que tinham irmãos apresentaram maior desenvolvimento emocional e social, especialmente em relação à empatia.

Com a chegada de um novo filho surge a necessidade de a família criar novas estratégias para lidar com as tarefas de desenvolvimento. Dessen e Braz (2000) apontam para a importância

da participação do pai, dos avós e da rede social de apoio para auxiliar a mãe e a família na adaptação exigida pelo momento de ampliação familiar. Ainda no que se refere às famílias com mais de uma criança pequena, o nascimento de um novo bebê pode constituir uma valiosa experiência para os filhos mais velhos, ou pode ser um enorme problema (Winnicott, 1982). Para este autor, os pais podem refletir para evitar possíveis erros, mas não podem impedir os diversos sentimentos dos outros filhos, nem o conflito de lealdade, mediante a reflexão.

Segundo Brazelton e Greenspan (2002), algumas necessidades são essenciais para que as crianças possam crescer, aprender e se desenvolver, tais como: ter relacionamentos sustentadores contínuos, de proteção física, segurança e regras; experiências que respeitem as diferenças individuais; experiências adequadas ao desenvolvimento, estabelecimento de limites, organização e expectativas; além da necessidade de comunidades estáveis, amparadoras, de continuidade cultural e de proteção ao futuro.

Por fim, retoma-se que os mecanismos que impulsionam as crianças através das fases de desenvolvimento estão ligados ao ambiente facilitador para o desenvolvimento inicial (Winnicott, 1970/2005). Para o autor, é necessário que haja compreensão das necessidades do bebê, pois na medida em que a mãe é incapaz de perceber adequadamente essas necessidades emocionais, podem surgir inadequações no processo desenvolvimental. Há uma continuidade no desenvolvimento do indivíduo, iniciando na concepção, através de toda a infância, levando ao estado adulto. O objetivo do cuidado dispensado à criança, portanto, não é apenas que ela seja saudável; é também permitir que o desenvolvimento de um adulto saudável seja alcançado. No caso de falha ambiental durante esse período, há uma sensação de imprevisibilidade e uma ameaça de aniquilação por parte do bebê. A desadaptação gradativa que a mãe é capaz de promover favorece uma boa passagem da fase de dependência rumo à independência da criança. Além disso, o cuidado materno transforma-se em um cuidado oferecido por ambos os pais, que juntos assumem a responsabilidade por seu bebê e pela relação entre todos os filhos (Winnicott, 1958/2005). Conforme o autor, o cuidado proporcionado pelos pais evolui para a família e esta palavra começa a ter seu significado ampliado, passando a incluir os avós, primos e outros indivíduos.

Tendo em vista o que foi apresentado, considera-se que a realização de uma investigação sobre o desenvolvimento emocional de um bebê em uma família numerosa torna-se importante no primeiro ano de vida. Além disso, o foco nesse período inicial do desenvolvimento justifica o estudo num momento em que a mãe se depara com suas próprias demandas, além das solicitações do bebê e dos outros filhos pequenos.

Ao se fazer referência ao desenvolvimento emocional de crianças pequenas, é importante analisar criticamente a excessiva ênfase atribuída ao nível socioeconômico das famílias numerosas. Alguns dos estudos encontrados na revisão da literatura acabam por ressaltar a interferência negativa das questões econômicas e financeiras no desenvolvimento emocional. De acordo com a antropóloga Fonseca (2002), nos estudos de populações de baixa renda o que costuma ganhar visibilidade são os casos problemáticos, podendo gerar reducionismos, ao não se considerar outros fatores relevantes, além dos socioeconômicos. A autora refere que os grupos populares ou os “pobres” são facilmente assimilados à noção de problema social. É preciso analisar estes artigos criticamente, pois estes estereótipos propiciam generalizações incorretas e conclusões tendenciosas sobre as camadas de baixa renda.

O fato de os participantes do presente estudo serem materialmente carentes não será desconsiderado, tampouco sua inserção temporária em um programa de atenção à primeira infância. Contudo, não será este o enfoque da pesquisa. Considera-se, para fins do presente estudo, que as condições psíquicas não estão necessariamente atreladas às variáveis econômicas, embora a família participante esteja inserida em um contexto sócio-histórico e cultural próprio.

Um estudo divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística aponta alguns dados populacionais apresentados a fim de contextualizar a situação das mães de nosso país (IBGE, 2005). Este censo traça o perfil das mulheres que tiveram o primeiro filho muito jovens, com idade entre 10 a 19 anos, e em idades relativamente avançadas, entre 40 a 49 anos, próximas do término do período fértil feminino. A partir das informações censitárias, foram identificadas as características que diferenciaram o grupo das mães jovens das mais velhas. Constatou-se que as mulheres que foram mães pela primeira vez, com idade entre 40 e 49 anos, fazem parte de um segmento populacional com alta escolaridade (59,1% têm oito anos ou mais de estudo) e pertencem a famílias com alto poder aquisitivo (25,7% com rendimento mensal familiar de mais de 10 salários mínimos). A maioria se declarou branca (58,7%) ou parda (31,7%). Além disso, 58,8% são economicamente ativas e 79,3% estavam unidas ou já tinham experimentado uma união estável com companheiro no passado. O perfil socioeconômico das mães jovens, que tiveram o primeiro filho entre 10 e 19 anos, diferenciou-se do perfil das mulheres que se declararam economicamente ativas (24,9%). As adolescentes com idade entre 15 e 19 anos, viviam em famílias com rendimento total de até três salários mínimos, possuíam escolaridade baixa ou equivalente ao ensino fundamental, sendo que menos de 50% viviam em união com um companheiro.

Tais dados apontam importantes fatores a serem considerados em termos demográficos e sociais. Porém, Winnicott (1975) buscou demonstrar o equívoco ou o preconceito de se atribuir

demasiada importância ao nível socioeconômico, ao mencionar que costumamos dirigir nosso olhar em direção à miséria e à pobreza não apenas com horror, mas também com olhos abertos para a possibilidade de que, para um bebê, ou criança pequena, uma família pobre pode ser mais segura e melhor como meio ambiente facilitador do que uma família numa casa encantadora, onde haja ausência das perseguições comuns. Pode se considerar a situação de pobreza como um conjunto de eventos e condições desfavoráveis que se enlaçam (Kim-Cohen, Moffit, Caspi & Taylor, 2004). Nessa direção, a UNICEF (2001) postula que da mesma forma que bem-estar significa mais do que riqueza, pobreza significa mais do que renda insuficiente para cobrir as necessidades mínimas de uma família.

Em Pelotas, no Rio Grande do Sul foi realizado um estudo epidemiológico sobre os determinantes psicossociais dos problemas de comportamento em crianças pré-escolares (Anselmi, Piccinini, Bastos & Lopes, 2004). Os resultados apontaram alguns fatores preditores destes problemas, tais como número de irmãos menores, qualidade do ambiente familiar e idade da mãe. Muito embora as famílias numerosas e de baixa renda tenham sido apontadas como grupos vulneráveis (Martins, Costa, Saforcada & Cunha, 2004), cabe ressaltar que não se pode inferir legitimamente que o potencial estimulador do ambiente esteja centrado apenas na renda familiar ou no conhecimento da classe social. Segundo Bee (1979), os grupos de *status* socioeconômico baixo apresentam a mesma amplitude de práticas de criação de filhos e atitudes encontradas nos grupos de nível socioeconômicos médios. Neste sentido, acima de uma boa renda está a relação construída entre pais e filhos, com base no afeto e nos vínculos.

Embora o nível socioeconômico da família investigada não seja um aspecto de ênfase deste estudo, a literatura tem demonstrado fartamente que existem fatores socioeconômicos ligados a diversos aspectos do desenvolvimento infantil (Bastos, Urpia, Pinho & Almeida Filho, 1999). Considera-se que os mecanismos subjacentes a estas relações, configurando condições de risco ou de proteção para a saúde mental, precisam ser ainda melhor descritos, de forma específica e isenta de juízos de valor. Bastos e cols. (1999) investigaram o impacto do ambiente familiar nos primeiros anos de vida em 56 adolescentes que residiam em um bairro popular na Bahia. Aplicaram um inquérito epidemiológico para avaliar o poder preditivo de variáveis ambientais e socioeconômicas quando estes sujeitos tinham entre zero e cinco anos de idade. O resultado mais importante foi o de que alguns fatores que indicavam adversidade nos primeiros anos predisseram níveis mais altos de competência na adolescência. Desta forma, os autores alertaram para a complexidade inerente à determinação de vulnerabilidade no processo de desenvolvimento, que envolve muitas variáveis.

O estudo de Raver e Leadbeater (1999) examinou o ambiente, as crianças e a díade mãe-filho, avaliando a eficácia da maternagem realizada sob pressão em 44 famílias de baixa renda, de uma área urbana de concentração de pobreza. Os resultados sugeriram que uma maternagem adequada estava inversamente relacionada aos riscos ambientais e ao temperamento das crianças. Marshall (2004) apontou que a qualidade do cuidado inicial das crianças pequenas e seu impacto no desenvolvimento infantil requerem a consideração do interjogo família e sociedade, para contextualizar amplamente a questão dos cuidados infantis.

Nos Estados Unidos, estudos com mães em situação de risco realizados no primeiro ano de vida da criança (Heinicke & cols., 1999) e no segundo ano de vida (Heinicke, Fineman, Ponce & Guthrie, 2001) dos filhos, demonstraram que as visitas semanais de profissionais da saúde, bem como a realização de grupos de mães-crianças foram preditoras de respostas positivas das crianças, e de mães mais responsivas e capazes de realizar o adequado atendimento às necessidades de desenvolvimento de seus filhos de um e dois anos de idade.

O interesse na prevenção primária em saúde mental varia de acordo com o clima político, cultural e econômico (Shore, 1998). O Banco Mundial, inclusive, tem fomentado e promovido políticas de incentivo a programas para crianças pequenas (Penn, 2002). O efeito da estrutura familiar, os indicadores parentais, a situação psicológica e o *status* profissional também podem interferir na saúde mental da criança (McMunn, Nazroo, Marmot, Boreham & Goodman, 2001).

No Rio Grande do Sul, Fonseca (2002), a partir de uma abordagem antropológica e a utilização de uma descrição etnográfica, realizou um estudo sobre a maternidade e a divisão do cuidado dos filhos, em classes populares, demonstrando a circulação e a importância da divisão desses cuidados entre os moradores de uma vila. Em outros estudos com crianças brasileiras constatou-se também que a interação e responsividade do ambiente e as atitudes maternas em relação às demandas da criança têm claras implicações sobre o desenvolvimento e a autonomia infantil (Lordelo, 2002; Lordelo, Fonseca & Araújo, 2000), assim como podem sofrer interferências da qualidade do ambiente familiar (Bastos & Almeida Filho, 1990).

Embora a literatura aponte que o ambiente de pobreza pode interferir na maternagem e na saúde mental (Durkin, 2002; Heinicke & cols., 1999; Heinicke & cols., 2001; Martins & cols., 2004), torna-se importante considerar o fato destes estudos terem sido realizados em lugares de atendimento para pessoas com problemas específicos (Fonseca, 2002). Estas pesquisas, muitas vezes, têm como objetivo explícito contribuir para a solução destes problemas ou avaliá-los para propor intervenções (Brum & Schermann, 2004; Durkin, 2002), o que não se aplica ao presente estudo, embora se considerem estas temáticas extremamente relevantes em termos de saúde

pública. Os fatores socioeconômicos não podem ser generalizados para todas as populações, em termos universais.

Não foram encontrados estudos específicos sobre o desenvolvimento emocional de bebês, durante o primeiro ano de vida, em famílias com mais de um filho em idade pré-escolar. Porém, essa temática é trabalhada indiretamente em programas de intervenção, amparados pelos governos estaduais (PIM, 2003) e federais, como o Programa de Saúde da Família - PSF (Trad & Bastos, 1998), que privilegiam o atendimento às demandas da população em termos de saúde pública e física. Segundo Trad e Bastos (1998), tais programas precisam estar adaptados ao contexto cultural e social no qual vivem as populações atendidas. Para os autores, estes projetos precisam enfatizar também a dimensão sócio-cultural. Em termos de método, estes pesquisadores sugerem aliar abordagens diversificadas, alterando as intensivas, de cunho etnográfico e as extensivas, de natureza epidemiológica.

Em geral, os projetos de atenção primária à saúde, anteriormente mencionados, não incluem psicólogos ou profissionais da saúde mental. Porém, no contexto brasileiro há o relato de experiências como o programa *Casa da Árvore* que leva a psicanálise a favelas cariocas. Este projeto de extensão universitária é coordenado por Milman (2004), psicanalista e professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e foi inspirado em uma experiência criada por Françoise Dolto, que se chama *Casa Verde*. Através da ONG Casa da Árvore é obtido o financiamento para remunerar o trabalho de cerca de 40 profissionais envolvidos. Os atendimentos são realizados em locais da comunidade, com crianças de até três anos de idade, acompanhadas de um adulto responsável, podendo ser ampliados conforme a demanda. As intervenções com base na teoria psicanalítica realizadas nesta faixa etária são consideradas preventivas e os temas de trabalho são livres, podendo variar desde questões familiares até problemas sociais. Há sempre três profissionais atendendo durante um turno na semana, por três horas. Os materiais lúdicos são diversos e não há limite de tempo para a permanência e frequência dos atendimentos pela população.

Para concluir as reflexões a respeito do desenvolvimento emocional em famílias numerosas, é importante destacar que embora alguns estudos enfatizem a influência negativa do número de irmãos ou dos fatores socioeconômicos (Bastos & Almeida Filho, 1990), há estudos que consideram, além das condições financeiras, a importância da relação de trocas entre os irmãos em famílias numerosas, como fator promotor do desenvolvimento social e emocional (Bolsoni, 2000).

Destaca-se, portanto, a necessidade de realizar um estudo específico sobre o desenvolvimento emocional de um bebê, durante o primeiro ano de vida, em uma família

numerosa, no contexto brasileiro, a partir de uma aplicação do Método Bick de observação, com base no referencial psicanalítico.

Considerações teórico-metodológicas sobre o Método Bick de observação

Para a sistematização do presente estudo foi realizada uma aplicação do Método Bick. O método original foi desenvolvido por Esther Bick, em 1948, com o objetivo de auxiliar na formação de psicoterapeutas infantis; incluído como parte do curso de formação da Clínica Tavistock, em Londres e, em 1960, incorporado ao plano de estudos no Instituto de Psicanálise Britânico. No Brasil, a disciplina de Observação de Bebês é ministrada, desde 1974, na Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro. O método também é utilizado em cursos de formação psicanalítica em São Paulo e em Porto Alegre, com o intuito de familiarizar o aluno com a observação direta da relação mãe-bebê, capacitá-lo a analisar as ações da dupla mãe-bebê, identificar os padrões de vínculo que se estabelecem na díade, além de compreender o desenvolvimento emocional da criança (Kompinsky, 2000). Após algumas considerações sobre o método original, serão apresentadas as aplicações em pesquisa que vêm sendo desenvolvidas atualmente.

Quanto aos procedimentos de observação, a escolha da família costuma ocorrer através do auxílio de um intermediário que apresenta o observador. Terziani (2005) relembra a importância de não se realizar as observações com pessoas conhecidas, para preservar a idoneidade do trabalho. Para Houzel (1989) o intermediário deve dar o mínimo de informações possíveis, tais como a necessidade de o observador aprender sobre o desenvolvimento de um bebê, para fins de formação profissional. Sugere-se que o contato do observador com os pais seja estabelecido durante o período da gestação, para que sejam feitas as combinações necessárias e o esclarecimento por parte de quem observa de que este será um período para aprofundar seus conhecimentos sobre o desenvolvimento infantil na família. O observador pode sanar eventuais dúvidas sem, contudo, enfatizar sua formação ou postura como profissional. Houzel (1989) indica que o observador solicite ser avisado sobre o nascimento do bebê para fazer uma visita na maternidade. Tão logo a mãe esteja disponível para contatar e recebê-lo, são iniciadas as observações na residência da família.

O Método Bick (1964) de observação da relação mãe-bebê padrão consiste em o observador realizar visitas semanais à casa da família, desde o nascimento até o final do segundo ano de vida da criança. Cada visita possui duração aproximada de uma hora. Durante as observações não se tomam notas, para não interferir na atenção livre e para que o observador possa atender à demanda emocional da mãe. O relato de cada visita é feito logo após a

observação, sem incluir interpretações teóricas. Este material escrito é supervisionado em grupo (Bick, 1987). Portanto, o método pressupõe a existência de três momentos: observação, relato da observação e supervisão em grupo.

A regularidade das observações, que ocorrem no mesmo lugar e na mesma hora, demarca um *setting* constante, o que permite ao observador acompanhar a formação original das estruturas psíquicas iniciais e observar o início da constituição da personalidade do bebê, em interação com seus cuidadores (Rustin, 1997). O *setting* mostra o estreito vínculo com a psicanálise, ou seja, atenção aos mínimos detalhes, observação do contexto, contrato de trabalho, supervisão continuada – com psicanalista experiente – compreensão dos conflitos e sentimentos com seus dinamismos.

Durante as observações, que se constituem como o primeiro momento do método, é importante que o observador se sinta incluído no ambiente familiar, para poder experimentar o impacto emocional advindo do nascimento de um bebê, sem, no entanto, sentir-se comprometido a desempenhar papéis que possam vir a lhe atribuir, como o de conselheiro ou o de juiz. Para Bick (1964) isto não exclui a possibilidade de mostrar-se útil em algumas ocasiões, sendo um observador participante e privilegiado.

Mesmo sem definir previamente um foco, é possível apontar algumas das preocupações do observador (Rustin, 1989). O observador tem interesse nas experiências e sensações corporais do bebê, que são vistas como a base da emergência dos estados emocionais e mentais; a natureza das relações do bebê com a sua mãe nos primeiros meses de vida, especialmente em relação à alimentação, mas incluindo todo o cuidado infantil; o processo de desmame e seu significado para mães e bebês; o desenvolvimento das capacidades infantis de expressar e explorar os estados da mente simbolicamente, através do brincar, sobretudo a tolerância da ausência materna, e o crescimento da consciência do contexto familiar maior; as reações dos adultos frente a um novo bebê e suas demandas, incluindo a maneira como a mãe pode experimentar seu bebê com insatisfação, sofrimento, fúria ou rejeição; os sentimentos dos irmãos, principalmente, os mais jovens; as relações da mãe com outros adultos significativos, como o pai e os avós do bebê, e a forma através da qual eles podem ajudar a oferecer um ambiente de sustentação e cuidado infantil.

É importante salientar que este método privilegia o olhar, repetidas vezes, os detalhes, gestos, trocas, sensações, encontros e desencontros da dupla mãe-bebê, promovendo a descoberta ou redescoberta da comunicação não-verbal (Caron, 1995). O observador fica numa condição eminentemente receptiva e precisa contar com uma disponibilidade interna para poder aceitar as projeções do bebê e/ou dois pais, tanto positivas quanto negativas, sendo facilmente envolvido

pela situação observada. É um estado aproximado de atenção flutuante, preconizado por Freud (1912). Em *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise*, Freud (1912) denominou de atenção flutuante o modo como o analista escuta o analisando, ou seja, o analista não deve privilegiar *a priori* qualquer elemento particular do discurso do analisando. É esta regra que o permite descobrir as conexões inconscientes no discurso do paciente. Outra preocupação de Freud (1912) referia-se à interferência das motivações conscientes do analista em sua atenção. Segundo Laplanche e Pontalis (1995) e Chemama (1993) a análise pessoal e a supervisão seriam alternativas empregadas para impedir essa interferência na escuta, a fim de suprimir os pré-julgamentos conscientes e as defesas inconscientes.

Portanto, a transferência e a contratransferência são outros importantes fenômenos implicados na observação. Chemama (1993), com base nos postulados freudianos, define a transferência como o processo pelo qual os desejos inconscientes se atualizam sobre determinados objetos, nos diversos tipos de relações estabelecidas. É uma repetição e reatualização de protótipos de relacionamentos infantis não somente no *setting* terapêutico, mas também nas demais relações (Laplanche & Pontalis, 1995). Sobre a contratransferência, Freud (1910) nos diz que esta surge no analista como resultado da influência do paciente sobre os seus sentimentos inconscientes. Analogamente, podemos entender a importância de se atentar para estes fenômenos que também são inerentes à observação da relação mãe-bebê.

Quanto à questão transferencial, Bick (1987) também apontou para a importância de se reconhecer a contratransferência do observador. Neste sentido, o Método Bick seria uma importante alternativa de aprendizagem, uma vez que permite ao observador reconhecer e conter os sentimentos contratransferenciais, através das supervisões. O observador que se entrega à observação, deixando-se envolver, permitirá um uso positivo da contratransferência, procurando nos participantes da observação algo com que possa entrar em contato. O maior risco que o observador corre é o de se impermeabilizar, na tentativa de proteger-se de sentimentos suscitados pela observação. Baseada nas idéias de Winnicott, Ramos (1994) chama a atenção para o fato de que o medo de ser inundado por amor, ódio e a angústia que a situação de observação desperta, pode levar o observador à negação destes sentimentos.

Para Reid (1997), o que vemos, ao observar as relações humanas tão de perto, é extraordinariamente comovente e belo, mas também pode tornar-se profundamente perturbador. A autora compara este método a olhar as relações humanas em um microscópio, focalizando os menores detalhes envolvidos na interação e nas trocas observadas. De acordo com a autora, levar em consideração as percepções e as reações transferenciais configura-se em uma pré-condição para o entendimento das situações familiares.

Após a observação propriamente dita, parte-se para o segundo momento do método que consiste no relato escrito das observações que deve ser produzido tão logo seja possível, buscando descrever detalhadamente o que foi observado e procurando expressar o clima emocional vivenciado sem, contudo, teorizar ou utilizar termos técnicos. O terceiro momento é a participação no grupo de supervisão semanal que ajuda o observador a colocar em palavras sensações inomináveis experimentadas durante a observação. Segundo Lopes, Vivian, Oliveira-Menegotto, Donelli e Caron (no prelo), na supervisão, o observador pode compreender, organizar e dar sentido às experiências cruas e concretas vivenciadas, resgatando mais facilmente a sua função. Para as autoras, o relato do observador atinge o grupo de supervisão, permeando e contaminando seus participantes, que se distribuem em papéis e funções, em um trabalho de decodificação das comunicações primitivas do texto. O grupo se deixa tocar e surpreender pela experiência viva da dupla mãe-bebê e do observador.

Partindo das idéias expostas, torna-se claro que o Método Bick de observação foi desenvolvido a partir do método clínico da psicanálise. Conforme Houzel (1997), são utilizados alguns princípios técnicos psicanalíticos mencionados anteriormente, tais como atenção flutuante, transferência e contratransferência. Neste sentido, o observador ocupa papel de destaque nesse método, buscando evitar inferências teóricas precipitadas e julgamentos morais. Deve colocar-se na observação como alguém receptivo que tem o cuidado de produzir o mínimo de interferência possível, para assim, captar o inesperado.

Apoiando-se na metapsicologia como teoria do enquadre, o que permite a exploração de alguns aspectos do funcionamento psíquico, Houzel (1997) aponta três postulados fundamentais que estão na base do método de observação de bebês: a) existem processos de pensamento inconscientes; b) o psiquismo é organizado em instâncias; e c) tem uma dinâmica que se exprime nos fenômenos de transferência e contratransferência. Em relação ao primeiro postulado, o inconsciente é o instrumento do observador para captar as mensagens explícitas e implícitas do bebê e seu entorno. No que se refere ao segundo postulado, o trabalho do observador se distribui em tempos e lugares sucessivos, tais como o tempo da observação, o tempo das anotações e o tempo da supervisão, que podem ser associados às três instâncias psíquicas (inconsciente, pré-consciente e consciente), as quais foram objeto de descrição das tópicas freudianas. O terceiro postulado implica que o observador se deixe tomar pelo fluxo das trocas conscientes e inconscientes de um bebê com seu ambiente. Ele deve estar atento aos mínimos detalhes que compõem a cena observada.

Apesar de o método ser denominado internacionalmente de “observação de bebês” (*infant observation*), para Perez-Sanchez (1983), o que se observa é a família, dentro da qual um bebê

nasceu. O registro, portanto, dever ser o mais fiel e global possível, captando além dos acontecimentos, os comportamentos, os gestos e as atitudes do bebê, da mãe, do pai ou de qualquer outro membro da família. Estas questões também são importantes por suas singularidades ou repetições.

A inter-relação mãe-família-ambiente é, portanto, o aspecto mais importante descrito pelo observador e discutido em grupos de supervisão (Kompinsky, 2000). O observador estabelece as combinações necessárias com a família, deixando claro que está aprendendo sobre a relação mãe-bebê e o desenvolvimento através da observação no ambiente. De acordo com a autora, embasada nos postulados de Bick (1964), esta aliança de trabalho é muito importante para que o próprio observador possa manter-se em postura neutra, com uma atitude de não-interferência e não-crítica, para que a mãe possa exercer sozinha a função que lhe compete.

A observação da relação mãe-bebê oferece ao observador a oportunidade de contatar as comunicações primitivas e a linguagem não-verbal, ambas ligadas a etapas iniciais do desenvolvimento (Feldman, 2002; Miranda, 1982). Também propicia uma nova percepção da realidade observada, e oferece novas vias de pensamento. O método em questão privilegia a compreensão da situação, mais do que o agir ou intervir e, também, preocupa-se com a análise dos sentimentos contratransferenciais do observador. Por isso, torna-se um instrumento de trabalho valioso também em situações especiais, como em atendimento domiciliar, no trabalho em instituições, com pacientes com patologias clínicas graves, pacientes terminais, idosos, sala de parto e atendimento a equipes (Furhmeister & cols., 2001).

A influência da psicanálise e suas contribuições para a pesquisa clínico-qualitativa são discutidas por Turato (2003). Este autor evidencia a importância de uma atitude clínica a ser assumida pelo pesquisador, no sentido de manter uma postura de escuta e lançar um olhar sensível que deve interagir com seus conhecimentos teóricos da metodologia de investigação, em direção àquela pessoa ou ao fenômeno que melhor quer conhecer e compreender cientificamente. Ainda que não se aplique apenas à observação, o autor refere-se ao método clínico-qualitativo que remete à valorização dos aspectos emocionais psicodinâmicos mobilizados na relação com os sujeitos em estudo. Este método busca dar sentido aos múltiplos fenômenos que podem ser estudados. Neste caso em específico, ressalta-se sua importância para a compreensão do desenvolvimento emocional primitivo.

Nesta mesma direção, Guirado (1997) aponta para a importância dos estudos de caso e sugere que se tente superar a dicotomia entre os paradigmas quantitativos e qualitativos, buscando interfaces da pesquisa e da clínica como objeto de estudo em si. Também para Pinto (2004), na pesquisa qualitativa em psicologia, é importante considerar que o pesquisador atua

sobre o que pretende estudar, a partir de uma interação. Por fim, Rustin (1989) afirma que tanto estudos clínicos como observacionais são capazes de prover importantes exemplos do desenvolvimento emocional.

O método de observação de bebês diverge dos métodos que os empiristas, críticos da psicanálise, reconhecem como válidos (Borensztein, 2001). Ele é intensivo e não possibilita realizar estudos comparativos sobre o desenvolvimento. Seu maior potencial está na possibilidade de gerar novas hipóteses e seu alcance consiste na profundidade da análise, não na quantidade. O trabalho pertence ao contexto da descoberta, assim como na psicanálise, mais do que à validação. As ciências humanas dependem de um ponto de vista específico, de um marco definido que seleciona aspectos do mundo para seu estudo sistemático. Esta seletividade de interesses é totalmente compatível com as normas de consistência lógica e exatidão empírica na aplicação de teorias e conceitos à experiência.

Uma distinção epistemológica no que se refere à metodologia observacional é realizada por Houzel (1997). O autor menciona que alguns psicanalistas recorreram a observações do tipo experimental, como Spitz (1979) e outros se inspiraram neste tipo de observação, como Bowlby (1989). Ele ressalta, porém, a importância de não se confundir estes estudos com os de observação psicanalítica. O autor refere-se ao fato de que a observação experimental visa pôr em evidência um fenômeno previsto por hipótese teórica, que serve de suporte e referência ao experimento, de tal forma que se possa afirmar a relação de causa e efeito entre o fenômeno observado e as variáveis do contexto experimental. Geralmente, não são considerados os estados psíquicos internos do sujeito observado, nem do observador.

No que concerne à observação psicanalítica, além de considerar o estado emocional do observador e observado, a definição da pesquisa ocorre a partir do enquadre e seus limites constituem o objeto da atenção e do rigor do observador (Houzel, 1997). Conforme o autor, neste tipo de observação, há limites temporais e contratuais que permitem definir o espaço concreto da observação, além de limites contratuais e psíquicos, que formam o enquadre e dependem das capacidades do observador, não somente daquilo que recebe por seus sentidos, mas também daquilo que percebe por sua emoção e por sua capacidade de pensar. Embora este enquadre seja cuidadosamente definido, os fenômenos não são observados para provar a correlação com algum tipo de parâmetro previamente estabelecido ou previsto teoricamente. Também para Shuttleworth (1995), a observação psicanalítica não comporta a intencionalidade de se confirmar uma hipótese de trabalho ou uma categoria de fatos *a priori*, pois deve respeitar a atenção flutuante para receber as comunicações implícitas e explícitas. Portanto, este tipo de observação não é estruturado em protocolos, medidas ou codificações.

O observador deve ter uma qualidade fundamental, qual seja, possuir a paciência de quem pode aguardar as coisas falarem por si mesmas (Rosa, 1995). O mesmo autor também aponta a intuição como pertencente à categoria do método dedutivo científico, sendo por ele utilizada como um método legítimo de investigação, sem qualquer conotação mágica. Isso corrobora um dos pontos positivos que essa atividade possibilita, segundo Bick (1964), que é o desenvolvimento da capacidade de observar e de sentir, antes mesmo de apressar-se a teorizar. O observador aprende a tolerar e até a apreciar a forma como cada mãe cuida do seu filho. Dessa maneira, os futuros analistas infantis têm a oportunidade de tornar-se mais flexíveis, bem como de desprender-se de idéias pré-concebidas sobre como os pais podem cuidar de um bebê.

A regularidade do Método Bick permite que o sentido surja com o tempo, na articulação do intrapsíquico com o interp-síquico ou intersubjetivo. Houzel (1997) também aponta que a observação de bebês está muito ligada à atenção, cuja função está no cerne da atitude analítica. Para este autor, este tipo de observação consiste em dar atenção aos pais que dão atenção ao filho. O rigor que o Método Bick transmite não deve ser entendido como tentativa de reduzir a observação aos seus fatos, mas sim de desenvolver e aprofundar o entendimento sobre o fenômeno a ser estudado.

Nesta mesma direção, considera-se que este método de observação não consiste apenas em se prestar atenção à relação mãe-bebê. Implica em disponibilidade e comprometimento em registrar o que o observador vê e pensa, além de dedicar tempo para elaborar e refletir sobre o que foi observado, bem como o impacto emocional desta experiência (Borensztein, Abdala, Dimant, Urman & Ungar, 1998). Autores que utilizam o método também destacam a importância fundamental da discussão do material relatado a partir das observações, no grupo de supervisão (Borensztein & cols., 1998; Houzel, 1989; Rustin, 2001a). Outro aspecto relevante é o caráter preventivo do método (Houzel, 2000; Miller, 2002; Terziani, 2005). O fator terapêutico na observação pelo Método Bick também merece destaque (Houzel, 1999; Rosa, 1995), pois a presença do observador influencia e modifica o ambiente.

Seu valor como instrumento de pesquisa também vem sendo cada vez mais destacado na literatura (Lacroix & Monmayrant, 1997; Lopes & cols., 2006; Perez-Sanchez, 1983; Rustin, 2001b; 1989). Embora seu potencial para a pesquisa esteja apenas começando a ser explorado (Rhode, 2004). Além disso, a pesquisa sobre o desenvolvimento infantil pode contribuir para o avanço das teorias sobre o desenvolvimento emocional primitivo e refinar a teoria psicanalítica (Salo, 2005). Os resultados de investigações nessa área podem contribuir para uma melhor prática na clínica psicanalítica. Para este autor, a observação direta de crianças pode produzir maior desenvolvimento teórico que a criança reconstruída. Outros pesquisadores também

destacam a importância de se integrar conceitos advindos de estudos em desenvolvimento infantil que são relevantes para a atualização da teoria (Stern, 1997). Rustin (2005) também recomenda a publicação de estudos de casos únicos, tendo em vista que estas experiências individuais podem ser formas efetivas de comunicação e transmissão de conhecimento.

Perez-Sanchez (1983; 1998) realizou a observação a partir do método padrão, tendo o caso supervisionado por Esther Bick. Este autor acompanhou um bebê durante o primeiro ano de vida (Perez-Sanchez, 1983) e continuou a realizar as observações semanais durante o segundo ano de vida (Perez-Sanchez, 1998) de um menino, que tinha mais três irmãos, embora o foco dos relatos tenha privilegiado a relação da mãe com o filho mais novo. Em dois livros publicados com os resultados e entendimento psicodinâmico das observações, apontou para a necessidade de compreender o significado do primeiro e segundo ano de vida, para o desenvolvimento subsequente, especialmente com base no entendimento da teoria psicanalítica.

Ainda que o uso do Método Bick como instrumento de pesquisa seja recente, a literatura aponta diversos estudos que utilizaram o método ou sua aplicação (Briggs, 1999; Borensztein & cols., 1998; Coll, 2000; Henry, 1984; King, 2002; Piontelli, 1995; Reid, 1997; Reynolds, 2003; Rustin, 1997). No meio acadêmico brasileiro, contudo, o método ainda pode se expandir. Há relatos de algumas instituições em que o mesmo vem sendo utilizado. No Rio de Janeiro, Chahon (em Piccinini & cols., 2001) aponta para a importância do Método Bick de observação e suas várias possibilidades de desdobramento, aplicação e pesquisa em diferentes contextos da universidade e da comunidade, tais como o Serviço Materno-Infantil do Hospital Universitário da Universidade Federal Fluminense (UFF), o Serviço de Psicologia Aplicada, Juizados da Infância e Adolescência e Conselhos Tutelares, com variações possíveis. Cordeiro, Pereira, Andrade, Mourão e Picanço (2004) relatam a inserção da observação na creche da UFF, em que as crianças eram acompanhadas inicialmente em casa e depois na creche, através do Método Bick de observação.

No Rio Grande do Sul, está sendo desenvolvido um projeto de pesquisa longitudinal, baseado no trabalho pioneiro de Piontelli (1995), cujo objetivo é investigar o desenvolvimento da relação mãe-bebê desde a gestação até o terceiro ano de vida (Caron & Lopes, 2001). Toda a coleta de dados foi feita através de observações inspiradas no Método Bick, realizadas por observadores previamente treinados no método padrão. Na gestação, um grupo de observadores acompanhou os exames de ultrassonografia e o nascimento do bebê. Outro grupo passou a observar a dupla mãe-bebê após o nascimento, em casa, como prevê o método originalmente proposto por Bick (1964). Outros dois grupos independentes observaram os vídeos dos exames ultrassonográficos: um deles visou a apreender o clima emocional despertado apenas pelas

imagens do feto, enquanto o outro se deteve na descrição dos movimentos fetais. Todo o material foi submetido a supervisões sistemáticas, e atualmente encontra-se em fase de análise.

O estudo realizado por Piontelli (1995), anteriormente mencionado, merece destaque entre os trabalhos que utilizaram a observação da relação mãe-bebê em pesquisa. A referida autora investigou, através de uma aplicação do Método Bick de observação, a continuidade entre os comportamentos pré e pós-natais de crianças. Para tanto, observou onze fetos, através de ultra-sonografias, mensalmente, a partir da décima-sexta semana de gestação até pouco antes do nascimento. Seguiu observando esses bebês semanalmente, até completarem um ano de vida, uma vez por mês até o segundo ano e de duas a três vezes por ano até completarem quatro anos.

Diversos estudos são relatos de aplicações do método em outros países. O estudo de King (2002), realizado em Londres, utilizou a observação baseada nos moldes originalmente desenvolvidos na Tavistock, como parte da formação de psicoterapeutas de criança. As observações foram relatadas e supervisionadas semanalmente em grupo. A pesquisadora enfatizou a importância de se compreender e observar o desenvolvimento emocional da criança no ambiente familiar, bem como estar atenta às necessidades que não são expressas de forma verbal. Bydlowski (2003) recomenda que antes da realização de práticas interventivas é preciso aprender a partir da observação, especialmente, através do registro e supervisão do material. A observação de bebês é uma oportunidade de se adquirir conhecimento sobre o desenvolvimento infantil e de como as relações humanas emergem e se desenvolvem, de acordo com que preconizou Bick (1964).

Outra pesquisadora, Reid (1997), deteve-se ao estudo de famílias atípicas. Ela descreveu as manifestações iniciais de defesas do autismo em uma criança. Encontrou convergências entre estas observações e os achados de estudos empíricos do autismo de Spitz (1979) e outros autores. Demonstrou o valor do método de observação de bebês para a compreensão do autismo, através da utilização de estudo de caso único. Briggs (1999) também aplicou o Método Bick em suas investigações com crianças que viviam em situação de risco, realizando o estudo da resiliência em crianças expostas a maus tratos e abuso sexual. Ele acompanhou cinco crianças, observadas semanalmente em suas casas, durante dois anos. Com base nos resultados elaborou uma escala, advinda das comparações quantitativas entre os casos. Por fim realizou uma discussão epistemológica sobre a observação como método de pesquisa e apontou para a possibilidade de sistematizar estudos de casos múltiplos.

Cabe mencionar alguns aspectos importantes apontados por pesquisadores que utilizam o Método Bick de observação, tais como a possibilidade de aprofundamento qualitativo de cada caso estudado na família (Mélega, 2001; 1997; 1987), além de se constituir como um recurso

para gerar idéias e entendimentos em psicanálise (Rustin, 2003b). Rustin (1998) também ressaltou que, através do estudo de caso, o pesquisador seria capaz de produzir descrições do fenômeno, encontrando diferentes conexões entre aspectos e gerando novas hipóteses. Rustin (2005) apóia a publicação de casos clínicos, com descrições individuais de experiências, como formas efetivas de divulgação científica de aplicações práticas e teóricas do trabalho psicanalítico, para além do consultório.

Encontrar formas sistemáticas de generalizar desde instâncias individuais seria uma das dificuldades encontradas, contudo o método favorece a descrição de condutas diretamente observáveis com riqueza de detalhes (Turp, 1999). Nesse sentido, Rosa (1995) confirma que este método não foi adaptado para testar hipóteses causais, estudos descritivos em grandes escalas, ou para a replicação exata de estudos. Contudo, são ressaltadas as muitas aplicações potenciais e atuais do Método Bick de observação, em âmbitos da saúde, da educação e social, bem como em crianças pequenas e mais velhas na própria família e em instituições (Trowell & Rustin, 1991) ou, ainda, em grupos de pais-crianças (Reynolds, 2003). Além de sua utilização na formação de psicoterapeutas (Trowell & Miles, 1991; Tutters, 1988), o método vem sendo ensinado a profissionais de educação, serviço social e outras áreas da saúde (Miles, 2002).

Segundo Winship (2001), as idéias pioneiras de Esther Bick (1964) no campo da observação, com base na técnica psicanalítica, ampliaram o uso deste método como uma ferramenta de pesquisa não apenas corroborando a teoria psicanalítica, mas também capacitando a geração de novas hipóteses e idéias. Para Fleming (2004), o resultado das teorias de autores de escolas psicanalíticas como Freud (1920) e Klein (1952) sobre o desenvolvimento emocional contribuíram para aprofundar o entendimento da infância, além da contribuição imprescindível de Bick (1964; 1987). O mesmo autor destaca que a observação de crianças é capaz de oferecer conhecimento sobre o desenvolvimento infantil e também de contribuir para aumentar a habilidade clínica e a sensibilidade do observador. Pode-se dizer que este método pode favorecer a atualização de teorias no que concerne ao desenvolvimento infantil. Também para Covington (1991), a observação de crianças pode ser considerada um método e uma ferramenta de pesquisa que possibilita testar e formular teorias de desenvolvimento.

O Método Bick (1964), portanto, é diferente de outros utilizados por estudiosos do desenvolvimento infantil. Nele, o observador é orientado a suspender, tanto quanto possível, seus hábitos terapêuticos, desejos e teorias de apoio. Deve estar receptivo a situações e ocorrências específicas às quais está exposto, e mais disponível para pensar e responder a novas experiências na observação (Caron, 1995; 2000). Neste sentido, a observação de crianças em seu ambiente natural contribuiu para uma exploração e revisão de temas do desenvolvimento infantil

primitivo, bem como para integrar alguns conceitos advindos da pesquisa (Briggs & Meltzer, 2002; Farias & Turcheman, 1988; Feldman, 2002; Houzel, 1989; Reid, 1997).

Tendo em vista o que foi apresentado, torna-se incontestável que o uso da observação também é recomendado para a pesquisa, além de propósitos clínicos (Aspland & Gardner, 2003). Estes autores citam as vantagens de utilizar-se o método observacional se comparado à utilização de entrevistas com os pais, que são mais facilmente influenciadas pelas expectativas dos pais.

Atualmente, o método encontra-se bastante difundido e vem sendo aplicado mundialmente em diferentes contextos, porém seu uso em pesquisa ainda precisa ser expandido, principalmente no meio acadêmico. Diante do exposto, o estudo realizado para esta dissertação também visa difundir e ampliar a aplicação do método para fins de pesquisa.

Justificativa e Objetivos

De acordo com o que foi apresentado na revisão da literatura, constata-se que o primeiro ano de vida e as relações do bebê em seu ambiente são fundamentais para o desenvolvimento emocional da criança. Tendo em vista o reduzido número de investigações específicas sobre o desenvolvimento emocional de bebês em famílias numerosas, destaca-se a relevância de realizar um estudo que busque contribuir para a compreensão da temática, durante o primeiro ano de vida. Além disso, a investigação poderá auxiliar a difundir a aplicação do Método Bick no contexto acadêmico, demonstrando as potencialidades da observação como instrumento de pesquisa.

Assim sendo, este estudo, de caráter qualitativo, utilizou como método de investigação uma aplicação do Método Bick (1964), com o objetivo de investigar como se dá o desenvolvimento emocional de um bebê, no primeiro ano de vida, em uma família numerosa. Para atingir tal objetivo, foi realizado um estudo de caso único, buscando o entendimento longitudinal do tema investigado.

CAPÍTULO II

MÉTODO

Participantes

O presente estudo contou com a participação de uma família composta por mãe, pai, um bebê e mais três crianças em idade pré-escolar. A mãe e o pai tinham 23 anos e completaram 24 no decorrer dos doze meses em que se desenvolveu o estudo. No início das observações o bebê tinha 29 dias e os demais filhos estavam com dois, três e quatro anos, respectivamente. De acordo com os critérios descritos na literatura, esta família é considerada numerosa, por ter quatro irmãos (Bastos & Almeida Filho, 1990) e/ou cerca de cinco pessoas por núcleo familiar (Alencar & Frota, 2003).

A escolha da família, com tais características, ocorreu através de uma profissional do Programa Primeira Infância Melhor, que a atendia no início das observações. A visitadora serviu como intermediária para a realização do contato inicial. Antes de selecionar esta família para participar do estudo, outras dez observações foram realizadas em diferentes residências, em companhia de profissionais do programa, a fim propiciar uma inserção no contexto de famílias numerosas.

A família residia em uma vila da região metropolitana de Porto Alegre, com nível socioeconômico baixo. O pai realizava serviços gerais e esteve desempregado ao longo das observações, fazendo pequenas tarefas esporádicas até encontrar novo trabalho. A mãe, dona-de-casa, realizava o cuidado integral dos filhos até que começou a prestar serviços como diarista, passando a exercer a atividade de empregada doméstica a partir do décimo-primeiro mês de vida do bebê, quando uma sobrinha assumiu os cuidados das crianças, temporariamente.

Tendo em vista a especificidade do método adotado, a observadora e o grupo de supervisão também são considerados participantes e suas contribuições são apresentadas nos resultados.

Delineamento e procedimentos

Foi utilizado um estudo de caso único (Stake, 1994; Yin, 1992), de caráter longitudinal, buscando investigar como ocorre o desenvolvimento emocional de um bebê em uma família numerosa, buscando compreender de maneira aprofundada o caso, considerando-se sua unicidade. Segundo Yin (1992), o estudo de caso é uma inquirição empírica que investiga um

fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, no qual os comportamentos relevantes não podem ser manipulados, mas onde é possível se fazer observações diretas e sistemáticas.

Após a apresentação à família através da intermediária, conforme descrito anteriormente, foram explanados os objetivos do estudo e suas peculiaridades. A partir da aceitação da mãe em participar da pesquisa, foi assinado o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido*. Com a anuência da família, combinou-se o dia e horário para as observações, que foram realizadas semanalmente, durante uma hora, no mesmo dia da semana, na casa da família, e tiveram início antes de o bebê completar o primeiro mês, estendendo-se até a criança contar com um ano de idade.

Para tal coleta de dados, foi utilizada uma aplicação do Método Bick, tendo em vista que o método padrão compreende a observação do bebê do nascimento até o segundo ano de vida. Conforme descrito anteriormente, neste método observaram-se as três etapas a serem seguidas: observação, relato e supervisão em grupo.

Considerações éticas referentes ao estudo

O projeto do presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, da Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob nº 2005439, por estar adequado ética e metodologicamente e de acordo com a Resolução 196/96 e complementares do Conselho Nacional de Saúde. Portanto, foram seguidos os princípios éticos que concernem à proteção dos direitos, bem-estar e dignidade dos participantes (Barker, Pistrang & Elliot, 1994). Da mesma forma atentou-se quanto à minimização de prejuízos potenciais, dispostos na resolução 016/2000, do Conselho Federal de Psicologia. A família acompanhada no presente estudo não sofreu qualquer privação de benefícios. A particularidade de observar semanalmente uma família até que o bebê completasse um ano foi amplamente discutida com a participante, em termos das particularidades do método de observação em caráter longitudinal.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi lido para a mãe, pela pesquisadora (ver Anexo A), que o assinou ao concordar em participar do estudo, de forma voluntária. Neste momento foram explicados quais seriam os principais objetivos e procedimentos da investigação. O Termo também continha os telefones para contato com a pesquisadora e a orientadora na Universidade, possibilitando maiores esclarecimentos que porventura se fizessem necessários para uma decisão livre e informada sobre a participação no estudo. A confidencialidade e privacidade foram garantias dadas à família participante, exceto para fins de

divulgação em periódicos e eventos científicos, onde serão resguardadas suas identidades, através da utilização de codinomes ou siglas.

Cabe ressaltar que a cópia do relato de cada observação foi entregue às integrantes do grupo de supervisão que, por sua vez, mantêm o compromisso de resguardar a identidade dos participantes. Os dados discutidos em grupo serão arquivados no Instituto de Psicologia, sala 108, em caixas-arquivo, guardadas em local fechado.

Uma particularidade deste método concerne à supervisão, considerada como um aspecto importante do método, capaz de aperfeiçoar o instrumento (Souza, 1995; Houzel, 1997). Este momento de encontro também propicia a discussão em grupo, de aspectos éticos relativos à pesquisa. De acordo com Mélega (1995; 1997), a supervisão contribui para a contenção do observador e para que o mesmo possa exercer uma influência facilitadora na interação mãe-bebê. Além disso, a supervisão também é considerada como fundamental no processo de ensino-aprendizagem na abordagem psicanalítica, sendo capaz de propiciar a introjeção de modelos éticos e técnicos, bem como de conhecimentos teóricos, aliado ao desenvolvimento de uma experiência emocional capaz de promover mudanças (Zaslavsky, Nunes & Eizirik, 2003).

Considera-se que uma pesquisa só é eticamente válida caso seus benefícios para a sociedade sejam maiores que os possíveis prejuízos causados aos participantes. Enfim, este estudo é capaz de trazer benefícios especialmente à população com características semelhantes à da família estudada, mas também à sociedade em geral, uma vez que pretendeu oferecer a compreensão do desenvolvimento emocional de um bebê em uma família numerosa. Esse conhecimento pode inclusive contribuir para o entendimento e para auxiliar a abordagem de profissionais que trabalham com mães múltiplas, em contextos de famílias numerosas.

Instrumentos

A partir da concordância em participar da pesquisa, expressa após a assinatura do *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido*, passaram a ser realizadas as observações do bebê no seu ambiente, em interação com a mãe, pai, irmãos e demais presentes em seu cotidiano.

Relato da observação: Durante as observações não foram tomadas notas, porém imediatamente após elas foram relatadas com detalhes. Tais relatos procuraram abranger aspectos não-verbais e da interação mãe-bebê e seus outros filhos, buscando contemplar também o aspecto emocional da experiência. Ao todo foram realizadas 50 observações.

Relato da supervisão das observações: após cada supervisão, foi redigido um texto sobre o relato das observações discutidas pelo grupo. Os relatos de observação descritos anteriormente foram supervisionados em grupo, uma vez por semana, durante os primeiros cinco meses e

mensalmente nos últimos sete meses, sendo que cada encontro teve a duração de duas horas, e foi coordenado por uma analista com experiência no método, acompanhado pela orientadora do estudo. Após a supervisão, era produzido um relato do material lido, contendo uma descrição dos principais pontos do texto original, feito por uma relatora designada entre as colegas do grupo que além da supervisor e orientadora da mestranda, era constituído por mais duas doutorandas que conduzem seus estudos com base neste método. Este relato era revisto antes da leitura do relato de observação seguinte e entregue às participantes. O texto continha interpretações e compreensões das situações apresentadas, auxiliando na construção de eixos norteadores, definidos a partir dos padrões que tenderam a se repetir durante as observações ou, ainda, de suas singularidades. O grupo realizou 40 horas de supervisão, em 25 encontros. As categorias utilizadas para a análise dos dados serão descritas a seguir.

Análise dos dados

Os relatos das observações resultaram em cerca de 150 páginas de texto. Esses dados foram reunidos e lidos novamente, destacando-se as particularidades do desenvolvimento emocional do bebê, durante o primeiro ano de vida, em uma família numerosa. Da mesma forma, atentou-se para as anotações e os relatos do grupo de supervisão, com base no texto original. A partir deste material, da orientação e da supervisão em grupo foram definidas três grandes categorias de análise, com base na literatura: *o bebê e seu ambiente*, incluindo a mãe, os irmãos, o pai; *o desenvolvimento emocional do bebê e a observadora*. A fim de compreender como ocorre desenvolvimento emocional do bebê em sua família, os dados obtidos através das observações foram descritos em termos evolutivos, iniciando-se pela impressão geral, história familiar, acrescidas de informações fornecidas pela mãe de forma espontânea sobre os filhos, bem como dados obtidos durante as observações. Cabe destacar que foram observadas as aquisições do bebê em termos de desenvolvimento, além dos cuidados dispensados pela mãe, rotinas de alimentação e sono, relacionamento com os irmãos e entre eles, bem como as atitudes da mãe em relação ao seu bebê e demais filhos. A presença do pai e demais familiares também foi considerada, ainda que não tenha sido enfatizada para fins do presente estudo. Os resultados foram confrontados com a literatura revisada.

Conforme descrito por Bick (1964), os relatos de observação e de supervisão acabam revelando repetições que podem ser identificadas como temas recorrentes que chamam a atenção do observador e que norteiam a compreensão da situação apresentada. As categorias descritas pormenorizadamente no próximo capítulo são o bebê e seu ambiente; o desenvolvimento emocional do bebê e a observadora.

CAPÍTULO III

RESULTADOS

Neste capítulo serão apresentados os resultados das observações realizadas com o objetivo de conhecer como ocorre o desenvolvimento emocional de um bebê, durante o primeiro ano de vida, em uma família numerosa. Ao todo foram 38 horas de observação, das 50 propostas, realizadas semanalmente, durante um ano. O material foi discutido e revisado, durante os 25 encontros de supervisão sistemática, com duração de 40 horas. As observações foram relatadas e supervisionadas em um grupo coordenado por uma psicanalista com experiência no Método Bick de observação. A orientadora também se fez presente nestes encontros. Tal material foi relatado por uma colega, doutoranda, integrante do grupo. As vinhetas utilizadas nos resultados foram retiradas dos relatos das observações e organizados em três eixos: *o bebê e seu ambiente*; *o desenvolvimento emocional do bebê e a observadora*.

Algumas das observações não ocorreram em função de feriados ou faltas da família. Cabe ressaltar que no Método Bick as observações não realizadas também são numeradas, em função da continuidade no desenvolvimento da criança. Destaco que estive presente em todas as semanas combinadas em que ocorreram as 36 observações, de um total de 50, sendo que quatro delas (2^a, 3^a, 41^a e 49^a) não foram realizadas em função de ser feriado no dia da observação. Fui avisada cinco vezes (6^a, 9^a, 15^a, 17^a e 22^a) para não comparecer e estive presente cinco vezes (10^a, 20^a, 21^a, 41^a e 47^a), sem encontrar a família, por terem ocorrido imprevistos que os impediram de entrar em contato comigo. Os sentimentos decorrentes destas ausências, assim como o impacto emocional diante de alguns eventos são apresentados na seção cujos trechos dos relatos referem-se à observadora.

A seguir, será realizada a descrição dos resultados obtidos através das observações. Nas duas primeiras seções, foi feita a opção de relatar as situações a partir das citações, ainda que longas, para caracterizar o contexto em que ocorria o que foi observado. Os indicadores cronológicos, entre parênteses, seguem o número da observação e demonstram a idade do bebê, naquele período. Na seção denominada de *o desenvolvimento emocional do bebê* será observada a seqüência de aquisições da criança. Já em *o bebê e seu ambiente e a observadora* não será seguida uma ordem temporal. Inicialmente, a fim de situar o leitor, haverá uma exposição breve de cada participante envolvido no estudo e no ambiente do bebê observado.

O bebê e seu ambiente

Nesta seção, será enfatizado o ambiente em que Vitorino se desenvolveu e seu relacionamento com a mãe, contemplando também a interação com os irmãos, o pai e demais familiares que se fizeram presentes no contexto das observações. Os dados sobre o bebê não foram dispostos evolutivamente, como na seção seguinte. Os relatos de supervisão e as contribuições do grupo serão incluídos na medida em que os trechos das observações forem sendo apresentados. Eles complementam os dados originalmente coletados, além de auxiliarem no entendimento dinâmico do caso, colaborando para o objetivo de compreender como se dá o desenvolvimento emocional de um bebê em uma família numerosa. Os nomes utilizados são fictícios e foram criados com o intuito de preservar a identidade dos participantes.

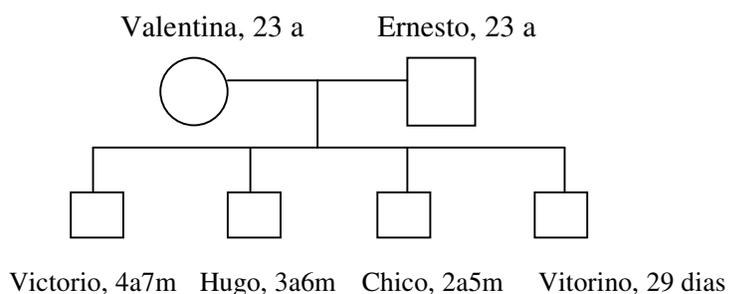
O início das observações ocorreu na companhia de uma visitadora do Programa Primeira Infância Melhor. A família não se encontrava na data em que foi planejado o primeiro contato, por meio da visitadora que foi designada de intermediária. Esta profissional do referido programa auxiliou na escolha dos participantes. Ela forneceu alguns dados e mostrou-se bastante solícita para acompanhar as duas primeiras observações. Logo depois, desligou-se do projeto e não mantivemos mais contato.

A fim de contextualizar o local, será realizada uma descrição da vila onde se situava a casa da família. O lugar era considerado irregular ou “*ocupado*”, nome utilizado para designar áreas invadidas no momento da constituição da vila. O contexto ambiental era bastante diversificado, com uma escola municipal próxima e uma creche distante da residência dos participantes. Havia um posto de saúde, uma associação de moradores e inúmeras igrejas de várias religiões, assim como muitos bares e pequenos estabelecimentos que comercializavam alimentos e bebidas. Existia um sistema de transporte coletivo que passava perto da casa da família, porém, além dos ônibus, os habitantes desta região costumavam utilizar bicicletas, cavalos, carroças e carros antigos para seu transporte. Alguns também criavam galinhas, vacas e porcos. Animais de estimação eram freqüentemente vistos na região, especialmente pássaros, cães e gatos. As casas eram bastante simples e, por diversas vezes, havia crianças pequenas brincando na rua ou nos pátios em frente às suas residências. A circulação de mães e bebês também era intensa e parecia haver muita familiaridade e informalidade nas relações entre os vizinhos, que costumavam contar bastante com o auxílio uns dos outros.

A vila era considerada “*local de risco*” pelas entidades governamentais e recebia apoio de projetos sociais, embora a família observada tenha deixado de obter tal atendimento no início das observações, por intercorrências do programa que a acompanhava. No início das observações, a casa onde residiam tinha apenas um quarto e uma outra peça com cozinha e sala. Com o decorrer

do tempo foi ampliada, sendo construído um quarto para os filhos, distinto do quarto dos pais, e uma sala de estar separada da cozinha. O banheiro situava-se no lado de fora da residência. A casa era feita de madeira reaproveitada, sem pintura, assim como o assoalho que era repleto de frestas. Possuíam água e energia elétrica, porém não havia telefone fixo nem calçamento no pequeno pátio, protegido por um cercado de tábuas. Em frente à moradia passava um valo, sobre o qual foi construída uma pequena ponte de madeira, que dava acesso à moradia.

Figura 1 - Genograma da família no início das observações



A família observada era composta por seis membros. A mãe, Valentina, com 23 anos, era casada com Ernesto, com quem teve quatro filhos. No início das observações, Victorio tinha quatro anos, Hugo três anos, Chico dois anos, além de Vitorino, o bebê observado desde a quarta semana até completar um ano de idade. Após o nascimento do bebê, permaneceram por três semanas na casa da avó materna, que auxiliou a mãe nos cuidados iniciais. Ao retornarem, foram contatados pessoalmente e aceitaram participar do estudo que se desenvolveu para esta dissertação. A seguir, será exposta a impressão geral sobre os participantes.

Valentina era uma mulher negra, de estatura média, com um corpo robusto e seios fartos. Seu rosto redondo era emoldurado por cabelos volumosos, seu olhar parecia quase ingênuo, embora muito atento ao que se passava na casa, com as crianças. Tinha um nariz alargado e a boca com lábios carnudos e dentes pronunciados. Vestia-se sempre com simplicidade e mantinha gestos calmos, apresentando tranquilidade e firmeza no trato com as crianças. Era bastante dedicada à família e tinha uma surpreendente capacidade de maternagem. Não costumava conversar com eloqüência durante as observações, mas se comunicava muito, através de suas atitudes e pela postura decidida com que levava a vida e conduzia sua família. Dedicava-se ao cuidado dos filhos em tempo integral, até que ao final do nono mês de vida do bebê iniciou uma atividade duas vezes por semana, como diarista e, a partir do final do décimo mês, tornou-se empregada doméstica da mesma família.

Ernesto, o marido de Valentina e pai dos meninos, esteve presente em poucas observações. Era um negro alto e magro, porém forte, com aparência bastante jovem. Não se encontrava em casa no dia em que foi realizado o contato inicial, tampouco nas observações subsequentes, que eram realizadas à meia-tarde. Em certa ocasião, a esposa disse que ele trabalhava prestando serviços gerais, porém ficou desempregado e isto dificultou a situação financeira da família. Esteve mais presente enquanto buscava novo emprego. Trabalhou prestando serviços ocasionais e, algum tempo depois, voltou a encontrar “*serviço*”. Seu nome era evocado com frequência pela mãe, especialmente, quando queria dizer para os meninos se comportarem ou para aguardarem a chegada do pai com a comida.

Embora a ênfase das observações tenha recaído nas interações mãe-bebê, o pai é parte importante do contexto ambiental. Quando esteve ausente, o nome de pai era mencionado muitas vezes pela esposa. A primeira observação em que Ernesto esteve em casa foi quando o bebê tinha dois meses e 11 dias, porém ele não se apresentou a mim nesta ocasião. Perguntei à Valentina se ela havia dito ao marido que eu estaria acompanhando a família e ela confirmou. Nosso primeiro contato, posteriormente, foi breve: *“Fiquei esperando um pouco em frente à casa e vi que o pai dos meninos estava vindo em minha direção, hesitou, quase deu meia volta e eu o chamei, cumprimentando-o, dizendo que eu era Aline e que só havia falado com ele por telefone. O homem mal me olhou e eu estendi a mão que, por sua vez, ele não apertou. Foi um estranho cumprimento em que segurei seu pulso. Pensei que ele poderia estar com as mãos sujas e por isso evitara o contato. Ele não me disse seu nome. Pude vê-lo por estes poucos instantes, pois logo tratou de voltar pelo mesmo lugar de onde despontara...”* (11ª observação, 3 meses e 9 dias).

Na observação seguinte o pai dos meninos, que estava junto com sua esposa, passou outra impressão. Ele pareceu-me mais afável desta vez, respondendo ao cumprimento, porém não permaneceu conosco. Passados alguns meses, a imagem do pai foi se alterando, pelos contatos mais frequentes. Ele passou a mostrar-se mais receptivo e, inclusive, tomou conta do bebê e de Chico, em uma das observações na qual Valentina estava trabalhando.

Quanto aos filhos do casal, os meninos Victorio, quatro anos, Hugo, três anos e Chico, dois anos e o bebê Vitorino contribuía para enriquecer a dinâmica familiar, pois costumavam interagir entre si e com os outros, além de brincar ativamente durante as observações.

O filho mais velho, Victorio, contava com quatro anos no início das observações. Era magro e ágil, ativo e perspicaz. Fisicamente, parecia-se com o pai. Foi o primeiro que se aproximou e buscou contato comigo. Sorria e alegrava a casa, desafiando a mãe em alguns momentos e interagindo com os irmãos de forma a coordenar algumas brincadeiras. Costumava auxiliar Valentina em pequenas atividades, como quando ela lhe solicitava que buscasse algo

para o bebê. Quando ele nasceu, os pais residiam na casa dos avós maternos. A mãe relatou que quando se mudaram para esta residência Victorio estava começando a caminhar.

Com o decorrer do tempo Valentina ia revelando alguns fatos sobre os filhos. Um pouco da história do primogênito emergiu em uma das observações: *“Victorio tropeçou no desnível entre a cozinha e a sala e caiu com força no chão, deixando rolar um copo que segurava nas mãos. Começou a chorar de maneira pouco natural, parecia querer fazer as lágrimas brotarem e mostrava o joelho para a mãe. Ela só comentou: ‘tu caiu’. Depois ele buscou uma toalha de secar louças e pediu para ela amarrar. Ela explicou que tinha que ser outro pano e que antes ele precisava lavar a perna. O menino trouxe um pé de meia marrom, mas ela repetiu que não era aquilo que iria colocar ali. Victorio chorou e eu pude ver que seu joelho já tinha cicatrizes, inclusive uma recente, que recomeçava a sangrar. Valentina me contou que ele quase teve uma perna amputada quando tinha dois aninhos. Fiquei atenta à história. Ela falou que o filho caiu e pegou tétano. A perna havia ficado muito inchada e tinham marcado uma cirurgia. No dia em que ele estava no hospital ‘aquilo explodiu’ e o que inchava sua perna desapareceu, então ele não precisou amputá-la”* (44ª observação, 10 meses e 25 dias). O primogênito, por vezes, era solicitado a auxiliar a mãe em pequenas tarefas; ela comentou que: *“Victorio ficou terrível desde que Vitorino, o último filho nasceu”* (5ª observação, 1 mês e 27 dias).

Quanto a este menino, o grupo de supervisão produziu o seguinte relato, baseado na quinta observação: *“O primeiro membro da família a avistar a observadora era Vitorino. Chama atenção do grupo a forma como ele se relaciona com a observadora. Ele é o mais velho e o mais distante do bebê, apesar de ter apenas quatro anos. Mas já é o bastante para que consiga estabelecer uma forma diferente de relacionamento, permeado pela fala e pela maior interação. O grupo acabou pensando no assunto da rivalidade entre irmãos, e de como é comum em observações, quando há mais de um filho, a disputa do mais velho pela atenção do observador. E não deixa de ser uma competição desleal, pois o mais velho não evoca sentimentos tão regressivos, e é capaz de usar mais recursos para seduzir e capturar a atenção do observador”*.

Poucas vezes a atenção da mãe era dispensada exclusivamente a um dos filhos, como neste dia com Victorio: *“Ela fala para Victorio contar que não quis obturar o dente, pois sentiu medo. Ele disse que teve medo e que vai voltar à dentista acompanhado pelo pai, não vai ser com ela. Então, ele muda de assunto e começa a cantar de forma atrapalhada ‘pão, pão, na cozinha, assusta o ladrão’. A mãe o observa de boca aberta e Victorio pede que ela o ajude a lembrar a letra. Valentina suaviza a voz e entoia a cantiga que falava algo como: ‘o pintor que pintou uma bananeira, para alegrar a cozinheira; e o cão que faz cara feia para assustar o ladrão no portão’. No refrão repetiam, cantando juntos: ‘borboletinha, tá na cozinha, fazendo chocolate pra vovozinha’. Foi um belo momento de alegria. Até os outros meninos que haviam chegado da rua, pararam para prestar atenção”* (24ª observação, 6 meses e 8 dias).

O filho mais velho de Valentina parecia corresponder à necessidade de crescer rapidamente para “se virar melhor” no ambiente em que viviam: *“Victorio virou estrelinha em nossa frente e falou que era um golpe do Power Rangers. Valentina disse para ele parar, pois poderia se machucar. Victorio disse que já estava ‘quase grande’ e seguiu se impulsionando e virando cambalhotas”* (34ª observação, 8 meses e 16 dias).

Hugo, três anos, era o mais introspectivo dos meninos. Também o mais gordinho e parecido fisicamente com a mãe. Ele tinha o mesmo tipo pronunciado de arcada dentária, em que a parte superior se projetava para fora da boca, não sendo totalmente envolvida pelos lábios. Muitas vezes encontrava-se indisposto e era o filho que mais solicitava comida e atenção. Mostrava-se mais irritado e chorava com mais frequência que os demais. Foi também quem mais demorou a interagir livremente comigo, porém quando o fazia era com muita espontaneidade. A mãe comentou não ter podido amamentá-lo, pois teve trombose na gestação de Chico e tomava medicamentos que a impediam de lhe dar de mamar. Embora por um curto período ele tenha usufruído o leite materno, teve seus dentinhos afetados pela medicação para trombose. Ao longo do primeiro ano de vida, este menino ficou muito tempo em companhia da avó materna, em função destas complicações na saúde da mãe, que não conseguia se movimentar bem.

Foram poucas as observações em que Valentina conversou demoradamente, pois costumava se envolver com os cuidados dos filhos. Porém, nesta ocasião falou sobre o filho Hugo, em tom de confissão: *“Em quase todo o primeiro ano de vida, ele vinha para casa apenas por alguns dias para ficar comigo, pois em função da trombose não podia nem levantar da cama. Contou que seu sangue ‘coagulizou’ nas veias e passava muito mal. Por isso Hugo foi o único que não mamou como os outros. Disse que ficou só com Victorio em casa, pois já ele já caminhava. Relembrou que Hugo teve que ser consolado por Chico quando ela foi para o hospital ganhar Vitorino. Ele disse que a mãe já voltava e o irmão ainda assim chorava desesperado por ela não estar em casa”* (7ª observação, 2 meses e 11 dias).

Valentina lembrou que Hugo era o neto preferido dos avós maternos, já Victorio era dos sogros. Em uma das observações em que conversava com a vizinha ficou evidente a sensibilidade da mãe para com os filhos, especialmente em relação a quem confiar os cuidados dos meninos: *“Margot disse que Victorio e o neném eram os preferidos dos sogros e Chico e Hugo dos avós maternos. Valentina discordou dizendo que eram apenas os dois primeiros os preferidos, sendo o primogênito dos pais do marido e o segundo filho dos pais dela. Contou que se tiver que deixar o Victorio por uma ou duas semanas com os sogros fica tranqüila, já o Hugo nem um dia ela deixa, porque não confia, sabe que é só do Victorio que eles cuidam bem”* (25ª observação, 6 meses e 15 dias).

Desde o início, a fome das crianças apareceu freqüentemente nas observações, sendo por vezes saciadas, por vezes adiada e muitas vezes representada pelos pedidos de Hugo. Quando

não havia alimentos na casa, no momento, Valentina pedia que aguardassem. Em algumas ocasiões, o colo era oferecido como alternativa ao filho Hugo que pediu comida: *“Hugo pediu pão e ela lhe pegou no colo, mantendo-o próximo ao seio e aquecendo-o com o cobertor. Fazia muito frio nesta tarde”* (24ª observação, 6 meses e 8 dias). Em uma observação em que os outros irmãos dormiam Hugo teve a atenção da mãe só para si. O menino pediu comida e ela fazia a divisão igualitária do alimento escasso, repartido entre os filhos e essa situação era, repetidamente, uma cena comovente: *“Vi que Hugo parecia alegre por ter o colo da mãe só para ele e logo pediu bolachas. Valentina levantou-se e buscou bolachas recheadas, dando duas ao filho. Ele as devorou e quis mais. Ela disse que tinha que dividir e a parte dele tinha acabado. O menino começou a chorar alto e ela pediu que ele não acordasse os irmãos. Ergueu-se e foi até o armário buscar mais bolachas”* (37ª observação, 9 meses e 7 dias).

Chico, dois anos, dono de um sorriso muito belo e contagiante, era o filho que ainda dividia o seio com o bebê, além de disputar a atenção com os demais. Era magro, sem ser demasiado pequeno, tinha uma dicção pouco clara, mas perfeitamente inteligível para a mãe. Demorei um pouco, mas logo passei a entendê-lo. Em determinada ocasião, a mãe lembrou que Chico nascera alguns dias antes de seu aniversário, referindo-se ao filho como se fosse um presente. Relatou ter feito uma *“ligadura”* após o nascimento de Chico, com o consentimento do marido. Estavam decididos a não ter mais filhos, pois ela costumava passar muito mal nas gestações. Valentina relatou que o menino *“já estava criado”*², referindo-se ao fato de já estar caminhando quando ela soube que a *“ligadura”* não funcionou e ela havia engravidado de Vitorino.

Sobre esta criança, a partir do relato da quinta observação, o grupo compreendeu que: *“Chico, o menino de dois anos, parecia ser o que mais estava sofrendo com a chegada do irmão, pois ele acabara de perder o posto de bebê da casa. O grupo pensou em quão rapidamente se perdia a vez nessa casa. E passou a lembrar e fazer associações com os animais, e como se dá esse processo de separação entre mãe e filhote. Os meninos evidenciavam a necessidade de lutar pela vida, pela comida e pela atenção da mãe, assim como os filhotes, e o fato de conseguir se beneficiar dos restos parecia uma qualidade psíquica positiva nesse contexto”*.

Essas constatações se confirmavam diante de alguns comportamentos regressivos apresentados pelo menino: *“Chico estava sentado no sofá próximo ao meu e mastigava um mordedor azul, em forma de pezinho, que devia ser de Vitorino. Ele me olhava e deixou cair o mordedor próximo de meus pés. Alcancei a ele e o menino sorriu, menos que de costume, parecia abatido neste dia e trazia os cabelos raspados. Valentina voltou a sentar-se e o pegou no colo. Ele seguiu brincando com o mordedor que derrubava de tempos em tempos, como as crianças pequenas costumam fazer, eu lhe*

² Grifo da autora, em expressões utilizadas pela mãe.

alcançei o objeto de volta por diversas vezes. Até que Valentina disse para ele mesmo pegar do chão e parar de jogar. A mãe acomodou o menino no colo, deitando-o em seu braço esquerdo, como se fosse amamentá-lo, mas não o fez. Disse que se ele ficasse gelado não ia ganhar teta” (34ª observação, 8 meses e 16 dias). A mãe demonstrava também boa capacidade para identificar a fala de Chico, que ainda não tinha uma boa pronúncia: “Chico quebrava pedacinhos de tijolos e pronunciava as palavras sem incluir a maioria das consoantes. Valentina entendia e traduzia, repetindo, não vai quebrar. Ele dizia: ‘vo e-a’ (vou quebrar)” (7ª observação, 2 meses e 11 dias).

Chico e a mãe possuíam um código para caracterizar o leite materno, eles o chamavam de “remédio”. Em uma das observações o menino veio pedir para mamar, indiretamente, alegando estar febril: *“O menino estava deitado no chão e disse que estava com febre. Ela me olhou e falou que quando ele ficava doente ela lhe dava a ‘teta’. Pediu para ele sair de baixo da cama, dizendo que ela tinha remédio para lhe dar. O menino demorou um pouco para levantar-se e ir mamar. Então, ela acomodou o bebê na cama, próximo a Hugo e pegou Chico no colo, para amamentá-lo. Hugo se inquietou e puxou o cobertor de Vitorino, descobrindo o bebê, levantou-se e seguiu Vitorino para a rua. Ela os espiou pela porta, mas não fez comentários sobre terem saído. Ficou atenta ao filho que lhe sugava o seio com prazer” (24ª observação, 6 meses e 8 dias).*

Houve uma observação em que ela amamentou simultaneamente Chico e o bebê: *“Valentina posicionou Vitorino próximo ao seio e começou a amamentá-lo. O menino passava as mãozinhas pelo colo da mãe e sugava o seio com vigor. Chico se aproximou, ficou olhando por alguns instantes e pediu para mamar. Ela disse que agora não tinha como lhe dar a teta. O menino começou a chorar e sentou-se próximo à mãe, como se fosse aguardar. Então ela retirou o seio esquerdo e lhe ofereceu. Chico expressou um grande contentamento e se aconchegou no braço disponível da mãe, dividindo o espaço do colo com o bebê. Foi uma cena incrível, dois filhos mamando harmoniosamente e um silêncio repleto de sentidos pairou no ar. Vitorino colocava a mão no seio em que Chico mamava, e o apertava, como que auxiliando o irmão. Ele também fazia este movimento no seio em que estava sendo amamentado, como se assim o leite fluísse melhor ou tivesse mais vazão. Eu os contemplava e mal percebia que a TV estava ligada na reprise da novela que falava de escravos e senhores do café. Ficamos um bom tempo ao som da mamada, de quando em vez ouvia-se algum estalido e eu admirava Valentina, por ser tão inesgotável” (42ª observação, 10 meses e 12 dias).*

Em diversas observações ela comentou que estava tentando desmamar Chico, desde que o bebê havia nascido, quando ele ainda tinha dois anos de idade: *“Disse que agora estava fazendo de tudo para que Chico largasse o seio de noite, porque ficava muito cansada por ter que ‘dar mamá’ para os dois. Contou que o menino vai até seu quarto para mamar e acaba ficando por lá. Falou que até pimenta ela já botou no bico para tentar fazer ele largar o seio à noite, mas ainda não conseguiu” (16ª observação, 4 meses e 13 dias). Essa situação perdurou ao longo das observações, sendo que ao final do primeiro ano de Vitorino, Chico já tinha três anos e cinco meses de idade. Porém, na*

última observação ela contou com alívio que conseguiu “*tirar a teta de Chico*” (50ª observação, 1 ano, 1 mês e 17 dias).

Durante todas as observações em que esteve presente, a mãe demonstrava ter sensibilidade em relação aos demais filhos, além do bebê. A fraternidade era bastante desenvolvida na família, os meninos costumavam alternar momentos de diversão e desentendimentos, muitas vezes mediados por Valentina. Geralmente quando um dos meninos se machucava em uma brincadeira, ela dispensava um momento para cuidar deste filho, oferecendo-lhe colo, mas deixando o bebê por perto. Em algumas observações comentou que eles nem sempre a obedeciam e ela costumava lembrá-los de que seu pai chegaria e ficaria brabo quando ela contasse o que fizeram. Também costumava lhes dizer para agradecer, pedir licença ou dizer por favor quando queriam pedir algo, embora eles nem sempre a atendessem.

Ela também recorria a artifícios como se quisesse contê-los, dizendo que seriam levados pelo “*mudinho*”, um homem magro e corcunda que passava de bicicleta, coletando lixo reciclável, acompanhado por um cão debilitado: “*Hugo e Chico corriam um atrás do outro e ela os ameaçava com o ‘mudinho’, dizendo que ele logo iria passar. Victorio pareceu ficar temeroso e Hugo disse que ia matá-lo*” (7ª observação, 2 meses e 11 dias). Também dizia que ia colocar pimenta na boca dos meninos e, algumas vezes, quando os filhos não a atendiam, ela os ameaçava com um cinto que ficava pendurado na sala: “*Valentina levantou-se e pegou o cinto, gritando com voz bem aguda, pediu para eles pararem*” (44ª observação, 10 meses e 25 dias). Apesar destes recursos, a maior parte das intermediações com os meninos se dava através de pedidos para que eles parassem de brigar ou de conversas para acalmá-los.

Houve uma única vez em que ela deu uma chinelada em Chico, quando este brincava com uma faca. O bebê viu a cena e, em seguida, a mãe também lhe perguntou se ele iria desafiá-la: “*Chic o queria pegar uma faca e Valentina não deixou, mas o pequeno insistia. O garoto entrou em casa e trouxe uma faca bem pontiaguda, do tipo de cortar carne. Quando a mãe mandou ele guardar, o menino atirou o objeto com força para dentro da casa e entrou. Valentina foi atrás do filho com o bebê no colo, deixou Vitorino no sofá, que estava em um novo lugar e deu uma chinelada em Chico. O bebê sorria, alheio ao choro forte do irmão. Chico ficou de castigo dentro de casa e ela o alertou para que não voltasse a brincar no pátio. Ela foi para a frente da casa e sentou-se em uma caixa plástica, colocando Vitorino de pé, apoiado no botijão de gás vazio. O bebê fez menção de sentar-se e ela não permitiu, pois o pátio estava cheio de cascalhos. Ele resmungou, brabo. E ela falou ‘até tu vai brigar comigo agora?’ Porém, seu tom de voz já era bem mais ameno*” (43ª observação, 10 meses e 19 dias).

Mesmo sendo raras as vezes em que Valentina usou de força física para conter os meninos, com Hugo isto ocorreu em dois momentos: “*Quando a mãe voltou da cozinha para a sala, sentou-se no sofá próximo a mim e viu que o bebê dormia, então pediu silêncio aos meninos, que*

baixaram o tom de voz por cerca de 30 segundos. Recomeçando a bagunça e vindo por cima de mim. Ela ordenou que parassem, mas eles ignoraram, então ela deu uma chinelada na perna de Hugo e disse que eles já sabiam... O menino não chorou, mas eles logo pararam de brigar e ocorreu uma cena inusitada. Ouvimos um cacarejo tímido e eis que surge Chico, com uma galinha no colo, retirada debaixo da estante da TV. Valentina reclama por eles terem deixado o bicho ali e manda levarem para a rua. Chico, ajudado por Hugo, leva a penosa para os fundos da casa, fazendo muito barulho” (24ª observação, 6 meses e 8 dias). Em outra ocasião em que recebia a visita de Robusta, após esta ter batido na filha e Hugo ter continuado incomodando, Valentina lhe deu uma cintada, mas diferente da sobrinha, logo chamou o filho para perto de si: “Após o ocorrido, Valentina levou o filho para perto de si. A prima foi para o sofá e fez uma bola de chiclete que estourou na cara do menino. Hugo ficou enfurecido, dizendo não ter gostado daquilo e foi para o canto do sofá. A mãe o chamou para lhe falar algo no ouvido. O menino foi até ela e Victorio se interpôs dizendo que também ouviu. Logo, veio sentar-se ao meu lado e apoiou-se em minhas pernas, Valentina mandou que ele sentasse direito. O garoto tirou o chiclete da boca e enrolou nos dedos. Ela o ameaçou com a cinta caso ele não obedecesse. Ele não obedeceu e pensei que ele também iria apanhar, mas Valentina o repreendeu dizendo ‘tu tá brincando né?’, sem bater no menino” (31ª observação, 7 meses e 26 dias). Mas Victorio que costumava brincar de desafiar a mãe não recebia o mesmo tratamento: “Victorio cantarolava uma música funk e parou na portinhola, perguntando para a mãe sobre onde estava a sua bola. Ela lhe disse onde procurar, mas ele falou que havia furado. Valentina pareceu ficar braba e disse que contaria isso ao pai quando ele chegasse, então ‘Victorio ia ver só’. Eis que o menino ergueu a bola com um sorriso, por ter enganado a mãe, escondendo o brinquedo atrás de si” (44ª observação, 10 meses e 25 dias).

Os limites costumavam ser claramente definidos por Valentina, sobretudo quando os meninos queriam envolver o bebê em suas atividades mais agitadas: “Valentina tinha acabado de amamentar o bebê no seio esquerdo e o colocou na cama do casal, sem antes fazê-lo arrotar. O espaço da cama parecia imenso para o tamanho de Vitorino. Logo, Hugo se aproximou e Victorio foi fazer cócegas no bebê. Valentina pediu que eles deixassem o maninho quieto. Levantou-se e voltamos para a sala. Ela comentou que quando ele não estava com fome ou mijado não incomodava nem um pouco. Contou que comprava dois litros de leite por dia do leiteiro, ainda assim amamentava Chico e Vitorino” (8ª observação, 2 meses e 18 dias). Em alusão a esta observação, o grupo comentou: “Valentina contou para Aline que comprava dois litros de leite por dia, e ainda amamentava Chico e Vitorino. Talvez ela estivesse falando da grande demanda que precisava dar conta”. Valentina também costumava tentar preservar o bebê do excesso de estímulos que os irmãos produziam. Especialmente, quando ele dormia ou havia se alimentado recentemente: “O bebê resmungou no quarto e Victorio veio dizer que o maninho estava chorando. Ela disse que ele não estava chorando e que não era para eles ficarem mexendo nele, pois tinha acabado de mamar” (8ª observação, 2 meses e 18 dias).

Muitas vezes, Valentina prestava auxílio nas dificuldades dos meninos, não apenas quando solicitada, e os ajudava a criar seus brinquedos ou brincava com eles. Certa vez, jogavam “memória” e ela os auxiliava a encontrar as figuras correspondentes. Em outra observação, ela improvisou um carrinho com uma garrafa plástica e ensinou ao filho de dois anos como fazê-lo rodar. Em certa ocasião, deu dicas ao filho mais velho sobre como construir pipas: “*Victorio parecia triste, nos contou que: ‘perdeu a pipa dele no céu’. Ele tentava fazer outra pipa. Ela olhava para o bebê, mas explicava ao filho mais velho que aquele tipo de madeira não voava, tinha que ser taquara. Como o menino não lhe deu ouvidos ela sugeriu que ele esperasse o pai chegar para construírem a pipa, mas Victorio não desistiu de sua empreitada*” (43ª observação, 10 meses e 19 dias).

Os avós maternos e paternos foram mencionados pela mãe, porém apenas o sogro de Valentina esteve na casa da família. Na observação final, Valentina pediu que eu os levasse até à casa dos pais dela e disse que sua mãe desejava muito me conhecer. Eu dei carona a ela e às crianças e fui apresentada aos avós maternos e outros parentes e vizinhos. Em algumas observações, estiveram presentes alguns familiares, além de vizinhas e amiguinhos das crianças. Robusta era sobrinha de Valentina e tinha uma filha, Natália, com cerca de três anos. Esta mulher passou a se responsabilizar pelos cuidados dos meninos, quando Valentina passou a trabalhar como diarista na capital. No último mês de observações, ela ficava diariamente na casa da família. Uma adolescente, irmã de Robusta, os visitava com frequência, assim como um jovem que, de acordo com Victorio, fora “adotado” pela família e agora era seu irmão. Na verdade, esse rapaz era também irmão de Robusta e primo das crianças. Firmina, outra irmã de Robusta e sobrinha de Valentina esteve presente em uma observação. Fisicamente, era delgada e alta, tinha dois filhos, sendo um bebê com menos de um mês na época em que esteve na casa de Valentina, e um menino de dois anos que não era negro como ela. Uma senhora negra, com fisionomia alquebrada e olhar perdido, mãe destas sobrinhas de Valentina também esteve visitando-os em um dia em que o pai encontrava-se em casa.

Certa tarde, em uma observação na qual estavam presentes duas sobrinhas de Valentina e seus filhos, os comentários giraram em torno de algumas semelhanças e diferenças das crianças em relação a outros familiares: “*As sobrinhas passaram a falar sobre os filhos de Valentina. Lembraram do nascimento de Victorio e Firmina relata que guardava na memória a imagem viva de Valentina encostada na janela da avó, sem conseguir comer o churrasco daquele dia, retorcendo-se de dor e lembra que a acompanhou até o hospital... Elas começam a falar com quem as crianças se pareciam e Firmina nomeia cada parte do corpo de seu próprio bebê, atribuindo a alguém da família, restando-lhe apenas o queixo de semelhança consigo mesma, a mãe. Falam também dos integrantes brancos e pretos de sua família. A seguir, passam a comparar os filhos de Valentina. Ela mesma diz que tem dois misturados e dois dela. Robusta pergunta quem são e Firmina responde que devem ser o*

Victorio e o Chico, pois se parecem tanto com o pai como com a mãe. Valentina concorda e elas falam que o Hugo é o ‘vô João Loco 2’. Robusta diz isso e emenda: ‘mas quem não gosta desse guri, né?’. Hugo ouvia tudo atentamente. Comentam que Firmina também esteve no hospital visitando Valentina quando Hugo nasceu. As três concordam que Vitorino e Hugo se parecem muito mais fisicamente com Valentina e que Victorio e Chico são a mistura do Ernesto com a Valentina. Eu penso que realmente Chico e Victorio, eram mais longilíneos e tinham feições diferentes de Valentina. Victorio era mais desafiador nas atitudes que Chico, talvez pela diferença de idades, Chico parecia ser mais passivo e ameno. Hugo e Vitorino eram mais rechonchudos. Hugo mostrava-se irritado e, quando contrariado, com frequência chorava. E Vitorino, ao contrário, embora tivessem semelhança física, raras vezes reclamava ou mesmo demonstrava desconforto, mantendo-se muito dócil. Bastava uma expressão mais suave e ele retribuía com belos sorrisos, nisso se parecia com Valentina e com Chico também. As conversas sobre a família prosseguiram...” (36ª observação, 9 meses). Também trocaram informações sobre o crescimento dos filhos: “Valentina deixou Vitorino no chão e colocou alguns brinquedos de borracha para entretê-lo. Firmina perguntou com quantos quilos ele estava e Valentina respondeu que já pesava 12 quilos. Ela disse, impressionada, que o Gabriel tinha um ano e nove meses e estava com 11 quilos. Lembraram que no aniversário de um aninho do filho de Firmina, Victorio era bem bebezinho. Firmina mesmo fez as contas e disse que ele estava com 11 dias na festinha” (36ª observação, 9 meses).

A interação familiar também era marcante e desde cedo as crianças auxiliavam-se mutuamente, como por exemplo, neste dia em que iam levar Vitorino ao posto para ser vacinado, enquanto a mãe e a sobrinha se preparavam para sair: “*Em frente à casa todas as crianças se mobilizam para ajudar a prima a carregar o carrinho do bebê. Eles o erguem com dificuldade, mas conseguem atravessar a pinguela improvisada sobre o valo que percorre toda a rua e passa em frente à casa. Victorio diz que vai levar o maninho e todos querem ajudar a empurrar o carrinho. Juliana pede para Valentina mandar eles saírem de perto, mas ela não o faz. Quando ela insiste, Valentina diz para ela deixar eles ajudarem. Eram cinco crianças empurrando um bebê que ia até o posto de saúde tomar vacina” (27ª observação, 6 meses e 29 dias).*

O sogro também compareceu uma vez à casa da família. Era um homem alto de aparência jovial, vestia-se com roupas típicas de gaúcho, usando uma faca na cintura. Na ocasião, trouxe carne para a família. Entrou e abraçou os netos dizendo carinhosamente que “*eram um bando de nequinhos*” (37ª observação, 9 meses e 7 dias). Logo depois foi até o quarto cumprimentar o filho, pai das crianças, que dormia. Nos apresentamos, porém ele retirou-se em seguida, não sem antes ser avisado por Valentina dos dias em que ela estaria fora trabalhando e que, portanto, ele não encontraria ninguém em casa. Em uma observação anterior os meninos falavam que queriam usar bombachas e tocar violão e gaita como o avô: “*Valentina diz que o avô é músico, por isso eles querem estar sempre de bombachas e tocando a gaita ou o violão, conta: ‘ele é daqueles bem grosso, do interior’. Fala que o avô tem uma égua, chamada Guria” (14ª observação, 3 meses e 29 dias).*

A vizinhança era bastante unida na vila. Margot foi a vizinha que compareceu com maior constância na casa. Morava quase em frente e tinha vários filhos, porém estava mais freqüentemente acompanhada por um menino, da mesma idade de Hugo que, inclusive, nascera no mesmo dia, na época em que Valentina se mudou para esta casa. Esta mulher era branca e magra, bastante intrusiva em suas falas e comentários, mas não alterava a calma costumeira de Valentina com sua presença.

A cultura da vila parecia favorecer este espaço para rodas de chimarrão e conversas entre familiares, ao mesmo tempo em que indicava a rapidez com que se constituíam as famílias e o curto período entre o nascimento de cada criança. Sobre este fenômeno, o grupo de supervisão considerou que: *“A li na vila, existe uma forma intensa de interação entre as pessoas. E parece que o tempo parou, pois as pessoas envolvidas na cena da observação ainda conservam hábitos como conversar com os vizinhos, sentar na rua e comprar leite do leiteiro. Ao mesmo tempo em que tudo parece começar cedo na vila”*.

Em meio a esse ambiente muito dinâmico Vitorino encontrou espaço para desenvolver-se emocionalmente e crescer em uma família que enriquecia suas experiências desde o início. O bebê recebia atenção diferenciada da mãe, mas com o transcorrer do tempo ele próprio passou a interagir mais ativamente com Valentina, o pai, os irmãos e demais familiares e vizinhos. Desde as primeiras observações não foi uma criança difícil, ao contrário, parecia cativar a todos por sua tranqüilidade e surpreender com seu crescimento, durante o primeiro ano de vida, que será contemplado descritivamente na próxima seção.

A seguir, serão descritos mais detalhadamente, os resultados das observações que serão discutidos no próximo capítulo, à luz da literatura, a fim de compreender como ocorreu o desenvolvimento emocional do bebê no primeiro ano de vida. Assim como na seção *o bebê e seu ambiente*, os indicadores cronológicos, entre parênteses, que seguem o número da observação, demonstram a idade do bebê, naquele período. A organização dos dados cronologicamente visou caracterizar o desenvolvimento e demonstrar quais foram as principais aquisições de Vitorino no decorrer dos meses em que foi observado na família.

O desenvolvimento emocional do bebê

Na seção anterior foi fornecida uma impressão geral do ambiente e das pessoas envolvidas com o bebê. Nesta, será focado o desenvolvimento emocional no primeiro ano de vida de Vitorino, atentando para a cronologia das observações. O bebê e sua relação com a mãe foram bastante destacados nos principais trechos dos relatos, embora não se possa deixar de considerar a importância dos irmãos e do pai em uma família numerosa, assim como a presença da observadora.

Vitorino era um bebê grande e tranqüilo. Tinha pele mais clara que a dos irmãos e dos pais; com fartos cabelos castanhos e encaracolados. Ele nasceu logo após o natal e sua concepção veio surpreender a todos. Valentina e o marido haviam assinado um termo para realizar um procedimento contraceptivo e o realizaram quando Chico nasceu. Os médicos justificaram a falha na “*ligadura*”, pelo fato de Valentina ser “*muito fértil*”. E realmente o era, beirando o inesgotável. Embora ela tivesse passado muito mal nas gestações anteriores, o fato não ocorreu na de Vitorino, sendo que ela veio a descobrir e confirmar que esperava mais um bebê quando já estava com seis meses de gravidez. Contou ter ficado deprimida, pois não pretendia ter mais filhos, mas depois esta transcorreu como a mais tranqüila das quatro gestações. A família ainda procurou o hospital onde havia sido feita a “*ligadura*”, para confirmar o equívoco no procedimento contraceptivo, porém o prontuário da paciente não foi localizado, tampouco o médico responsável pela cirurgia. Apesar do contexto inesperado da gestação, o bebê foi muito bem recebido por todos na família, mostrando-se surpreendentemente sereno, com um crescimento a olhos vistos e conquistando seu espaço no ambiente que o cercava.

Vitorino tinha 29 dias de idade na primeira observação. Após seu nascimento, Valentina passou três semanas na casa da avó materna, com o bebê e os outros três filhos. Quando retornaram, a intermediária me acompanhou até a residência da família. Ao chegar, fomos recebidas no pátio e ele estava dormindo no interior da casa, mas logo se fez presente. A sensibilidade e atenção de Valentina o trouxeram para perto: *“Um resmungo de bebê ecoou suavemente dentro da casa. Valentina entrou para buscar Vitorino. Voltou com a criança em seus braços. Era um bebê bastante grande para quem ainda não havia completado um mês de vida. Ele ainda estava sonolento e ficou aconchegado no braço direito de sua mãe. A cabeça pendia um pouco para trás. De repente arregalou os olhos e olhou para a visitadora e depois para mim. Tinha lindos olhos castanhos e a pele era negra, porém mais clara que a dos irmãos. Os cabelos castanhos escuros eram fartos e anelados”*. O bebê parecia emitir pequenos sinais que a mãe decodificava: *“Vitorino começou a se mexer, parecendo desconfortável, embora sem fazer qualquer barulho. A mãe retirou o seio direito e ofereceu ao bebê que não conseguiu pegá-lo na primeira tentativa. O bico era bastante grande e a auréola era preta e imensa. De repente, o menino abriu bem a boquinha e ajustou o encaixe. Pouco depois Vitorino começou a sugar, um pouco desajeitado”* (1ª observação, 29 dias).

Nesta observação, e nas consecutivas, a mãe mostrou-se muito atenta aos filhos e permaneceu cuidando-os com naturalidade, em nossa presença. Valentina parecia estar muito tranqüila em relação aos meninos, olhava para eles com bastante frequência. Uma curiosidade em sua expressão facial era que mantinha a boca aberta a maior parte do tempo, como se os dentes não coubessem em sua arcada, apesar dos lábios carnudos que os envolviam. O bebê recebia atenção especial. Numa observação, assim que Vitorino chorou e Valentina ouviu seu

lamento vindo de dentro da casa, ela o buscou e começou a amamentá-lo. Enquanto o amamentava, a visitadora falava da importância do olhar e do contato neste momento, mas Valentina já estava observando os outros três filhos que empurravam uma bicicleta e uma bola, intercalando sua atenção entre eles e o bebê. Não fazia isso de forma a desprezar o ato de amamentar a bebê; ao contrário, era bastante espontânea em seus gestos.

O grupo auxiliou a compreender que este estado especial de atenção e sensibilidade da mãe para com o bebê caracterizava-se como preocupação materna primária (Winnicott, 1956/2000). Em outra observação, a um pequeno sinal do bebê ela o atendeu prontamente: *“Dentro da casa o bebê chorou e ela entrou para buscá-lo. A mãe voltou com Vitorino no colo. O bebê estava desperto e parecia muito crescido desde a observação anterior. Espremia os olhinhos e colocava a língua para fora”* (4ª observação, 1 mês e 20 dias).

Desde a primeira observação, os irmãos de Vitorino disputavam a atenção da mãe com o bebê. Eles estavam no pátio andando de balanço, porém quando a mãe trouxe o bebê para fora da casa Vitorino e Chico vieram para perto de onde estávamos. Vitorino, com quatro anos nesta época, anunciou que o bebê era seu maninho, enquanto Chico, que tinha dois anos no início das observações, aproximou-se da dupla e apenas olhou para o bebê parecendo resignado. Enquanto isso, Hugo aproveitava para embalar-se. Logo começaram a disputar a vez de quem andaria no balanço improvisado, porém a mãe teve que interceder, colocando ordem na brincadeira.

Foi, portanto, constante desde o princípio das observações, o fato de o bebê ter que dividir a disponibilidade da mãe com os irmãos, especialmente com Chico que ainda era amamentado por Valentina: *“O bebê principiou um murmúrio. Valentina ficou com Chico no colo por mais algum tempo. Vitorino começou a choramingar um pouco mais alto e ela foi até o quarto buscá-lo. Vitorino sentou no lugar da mãe e Hugo no lugar do irmão. Ela veio com o bebê no colo, novamente me surpreendi com o tamanho de Vitorino, que estava com quase dois meses. Embora ele fosse bem gordinho, não tinha aquelas dobrinhas dos nenéns nos braços e pernas, era roliço. Ele vestia um tip-top amarelo curto e usava meinhas coloridas. Valentina o segurava de frente para mim e passava a mão em seus vastos cabelos encaracolados. Sentou-se próximo ao fogão. Fui até à cozinha e me sentei ali também. Vi que o menino usava uma pulseirinha de ouro, com vários pingentes pequenos. Ele estava com os olhos bem abertos e fazia caretas, colocando a língua para fora, absorto em sua própria atividade”* (5ª observação, 1 mês e 27 dias).

Sobre esta observação, as seguintes considerações foram tecidas pelo grupo de supervisão: *‘Naquele ambiente pequeno e quase sem assentos para acomodar a todos, Aline reparou que as crianças e a mãe vão ocupando as cadeiras que vão vagando. É quase como uma dança das cadeiras, onde quem for ao ar perderá o lugar. Toda a dinâmica da observação deixou claro o esforço de Valentina para dar conta de todas as necessidades dos filhos, e também como as crianças lutam para se*

sobressair, chamar a atenção e sobreviver. Cada um dos meninos parece estar aprendendo desde cedo a 'se virar', ter iniciativa e autonomia”.

Quase ao final do primeiro mês de Vitorino, Valentina falou que queria ver o que o pediatra ia dizer no próximo encontro, pois na consulta em que o bebê estava com um mês de idade, o médico disse que o desenvolvimento dele estava muito rápido; naquela época ele já pesava mais de cinco quilos. Ela parecia satisfeita em afirmar que o filho crescia e se desenvolvia bem e vislumbrava as futuras aquisições do bebê: *“Valentina disse que só queria ver como seria quando o bebê também estiver crescido, pois no inverno estaria andando pela casa”* (4ª observação, 1 mês e 20 dias).

Ao final do primeiro mês, Valentina ainda relatava questões ligadas ao peso e tamanho do bebê, como se certificando de que seu crescimento e desenvolvimento eram satisfatórios: *“A mãe contou que ele já pesava 5.500kg e media 59 cm, sendo que nasceu com 3.450kg. Segundo ela, o médico comentou sobre ele estar se desenvolvendo bem, até demais. Disse, ainda, que ele só mamava no seio. Ela passou a segurar o bebê com o braço esquerdo e ele virou-se em direção ao peito da mãe. Valentina levantou a blusa e Vitorino buscou o mamilo, que estava bem pontudo, ao mesmo tempo em que Valentina olhava para Chico que choramingava ao colocar a mamadeira na boca. Ela disse que o menino não podia nem tomar água, por causa das feridas na boca, e que já ia passar o remédio. Lembrou-se de colocar o mamilo na boca do bebê. Ele sugou vigorosamente, fazendo pequenos estalos. Chico seguiu brincando com uma bolachinha. Vitorino mamou com gosto durante alguns minutos”* (5ª observação, 1 mês e 27 dias).

Valentina estava atenta às aquisições do bebê, mesmo com os cuidados que dispensava ao outro filho doente, contou com satisfação que Vitorino já conversava com ela: *“Enquanto dava bolachas a Chico, tirou Vitorino do seio e sentou o bebê. Ele fez um murmúrio com a boca e ela disse que eu tinha que ver como ele gostava de conversar. Vitorino, por sua vez, colocava a língua na boca e balbuciava, olhando para a mãe, como se correspondesse”* (5ª observação, 1 mês e 27 dias).

As inúmeras demandas simultâneas eram freqüentes e mantinham Valentina muito ocupada. Nas vezes em que os meninos mais velhos adoeciam, costumavam obter mais atenção da mãe, que dividia ainda mais seu cuidado entre todos: *“Chico veio pedir colo à Valentina. Ela o colocou na perna direita e disse que não queria que ele mamasse, para que o bebê não voltasse a ter feridas na boca. Contou que o levou ao médico no dia anterior e estava usando um remédio. Logo, Hugo veio pedir para a mãe ver o seu pé. Ela disse para ele esperar um pouco, depois quando ele fosse para a cama, ela iria olhar o pé. Victorio puxou um banco pequeno e sentou-se apoiado na geladeira assistindo TV. Perguntou à mãe sobre o horário de um programa e ela disse que não estava na hora. Ele, então, falou para eu olhar o Pica-Pau que ficou cego e riu muito olhando o desenho. Ela contou que Victorio bateu com a roda do carrinho em uma pedra e agora ele estava emperrado. Hugo disse que, para sair, tinham que carregar o maninho. Victorio riu com cara de sapeca. Ela disse: ‘hoje ele vai ver’, quando o*

vô dele chegar. Victorio falou que queria ir para a casa da vó Teresina. Ela olhou para mim e disse que agora, com o carrinho de bebê estragado, ficou difícil sair com os quatro filhos, pois perdeu a força no braço direito em função da trombose que teve” (5ª observação, 1 mês e 27 dias).

No relato da quinta observação a mãe tornou a contar que teve trombose. Eu estava sozinha neste dia, sem a companhia da intermediária e foi a primeira vez em que entrei na casa da família, pois anteriormente vinha sendo recebida no pátio, em função do calor que fazia. O grupo fez a seguinte referência ao relato trazido: *“A observadora foi acomodada em um banco, de costas para onde dormia o bebê da casa. O ambiente era pequeno, e alguns objetos destoavam na decoração, como a presença de um vinho argentino sobre a mesa, em um ambiente tão simples. Chico e Hugo chamam a atenção da mãe; um através do pedido de colo, e outro mostrando seu pé machucado. É como se eles precisassem mostrar suas necessidades através do corpo, da dor ou do incômodo físico. Victorio, o menino mais velho, pede para ir até a casa da avó; e Valentina explica para a observadora que o carrinho de bebê está estragado, e é muito difícil sair com os quatro filhos. Acrescentou que essa dificuldade aumentou, pois perdeu a força no braço direito, e o grupo pensou como é difícil para a mãe dar conta de tanta coisa. É como se lhe faltasse braço para tudo”.*

Aos dois meses; Vitorino protestava por ter sua mamada interrompida pela interferência dos irmãos. Valentina atentava para as constantes solicitações dos filhos, mas demonstrava uma sintonia especial com o bebê: *“Sem que Vitorino chorasse ou sinalizasse algo diferente, ela o deitou no colo e ofereceu o seio direito para o bebê mamar. Vitorino sugou com força, fazendo alguns estalidos. Valentina espremia o bico do seio entre os dedos com se quisesse ajudá-lo a aumentar a vazão da saída do leite. O bebê deixou o corpo solto durante a mamada. Valentina se mexeu para atender Hugo, que pediu para ela amarrar a cordinha de um brinquedo. O bico do seio escapou da boca de Vitorino e o bebê buscou insistentemente reencontrá-lo resmungando um pouco. Valentina ajeitou-se novamente. Logo, foi Chico quem sentou-se nas proximidades, com um martelo em mãos e começou a quebrar um tijolo carregado por Hugo. Valentina se movimentou e o bico saiu novamente da boca do bebê. Ele se agitou bastante buscando o seio e virando o rostinho. O seio de Valentina era bastante flácido e caído, embora seu bico fosse muito grande e anatômico. Se bem que neste dia pareciam menores também os seus seios. Foram várias mamadas perdidas e entrecortadas para Vitorino, interrompidas depois mais algumas vezes pela agitação dos meninos que olhavam e mostravam para a mãe um folheto de lojas e escolhiam as figuras dizendo o que queriam ganhar. Quando Valentina tirou Vitorino do seio ele chorou com um pouco mais de força e ela logo o recolocou para que terminasse de mamar. Sentou o bebê em seguida, não o fez arrotar e ele soltou vários gases, fazendo bastante barulho e um pouco de cheiro. Ela riu em um momento que todos ouviram o barulho que o bebê fez” (7ª observação, 2 meses e 11 dias).*

A amamentação foi vista na maioria das observações. Nos primeiros meses, este era um momento bastante intenso para a dupla e lhes propiciava um tempo de conexão e trocas afetivas. Em uma observação, Valentina trouxe Vitorino que estava no quarto e sentou-se a meu lado no

sofá. O bebê estava relaxado e parecia sonolento em seu colo. Vestia um tip-top de mangas e pernas compridas. A mãe o segurava sentado, de frente para mim e os irmãos, apoiando o bebê em seu braço direito. Ela trazia os cabelos bem presos e bocejava com alguma frequência: *“Passado algum tempo, posicionou o bebê para mamar no seio direito, levantou sua blusa e deixou que o bebê buscasse o bico do seio. O bebê empreendia bastante energia em sua tarefa, fazendo movimentos com a boca como se fosse um peixinho. Logo que alcançou o bico começou a mamada fazendo pequenos estalidos. Deixava o bracinho esquerdo solto e por um instante o ergueu e tocou no seio da mãe com a mãozinha, tornando a deixar o braço cair”* (8ª observação, 2 meses e 18 dias)

A prioridade da mãe, especialmente nos primeiros meses, costumava ser o bebê, pois quando ele se manifestava Valentina o atendia em pouco tempo: *“O bebê chorou um pouco mais alto. Valentina colocou Chico no chão e afastou Hugo, dirigindo-se para o quarto. Em seguida, veio com Vitorino no colo. Fico muito surpresa pelo tamanho do bebê e digo ‘como ele cresceu!’ Ela sorri falando em ‘mamanês’ com Vitorino: ‘Onde tá o bebê godo da mamã, hein?’. O menino abre um largo sorriso e vocaliza por um tempo, como se respondesse à mãe. Ele vestia um tip-top cor de laranja com detalhes brancos e meias amarelas. Estava com o cabelo crescido e bem encaracolado, emoldurando o rosto redondo, com suas grandes bochechas, ele também continuava com a pele mais clara que a dos irmãos e da mãe. Os bracinhos e perninhas estavam roliços e o corpo estava bem grande para quem iria completar quatro meses no dia seguinte. Logo, Vitorino se aproxima para beijar o maninho. Volta para o sofá e Andrew (um menino órfão que estava brincando com os irmãos) vem apertar as bochechas do bebê. Valentina diz com muita calma para ele não apertar senão o bebê poderia chorar. Ela mantém Vitorino em pé no colo por algum tempo e comenta que o pai dele não precisa de despertador, pois todas as manhãs ele acorda no mesmo horário querendo ‘conversar’. Vitorino começa a vocalizar: ‘oooo, iiiii, aaa’ e a sorrir. Hugo queixa-se de dor no joelho e Chico, muito sorridente, toca a gaita do irmão. Vitorino desliga a TV e se aproxima de nosso pequeno círculo”* (14ª observação, 3 meses e 29 dias).

Mas nem sempre o momento de amamentação era exclusivo da dupla, muitas vezes tinham a mãe e o bebê tinham que lidar com as interrupções dos irmãos. Ao final do terceiro mês, o bebê teve de aguardar seu leite por mais tempo do que o habitual, para que a mãe pudesse alimentar os outros filhos. E Vitorino protestou ao ter sido deixado sozinho: *“Estávamos na sala eu, Valentina, Hugo e Vitorino, este no colo de sua mãe. Hugo reclamava, dizendo estar com fome. Foi quando a mãe colocou o bebê no sofá e preparou uma mamadeira para Hugo, com leite de caixinha e bastante açúcar. Vitorino que estava sozinho, sem amparo, começou a choramingar, aumentando gradativamente o tom de seu lamento, parecia sentir-se desolado e solto no sofá, buscando algo com o olhar, sem mexer-se muito. Valentina alcançou a mamadeira para Hugo e o encaminhou para o quarto, para que ele fosse dormir. O bebê resmungava cada vez mais alto, mas a mãe sentou-se e não tornou a pegá-lo no colo. Hugo veio alcançar a mamadeira e olhei para Vitorino ainda sozinho no sofá, mas com a mãe a seu alcance. Chico entrou em casa e pediu ‘mamã’. Pensei que ela lhe daria o seio, como nas outras vezes, ao invés disso Valentina preparou leite com açúcar na mesma mamadeira em que Hugo*

havia sido alimentado e ele foi para o quarto tomar o leite. Vitorino chorou com mais força e Valentina, após ter atendido os outros filhos, tornou a pegá-lo no colo” (14ª observação, 3 meses e 29 dias).

Ao final do terceiro mês, o bebê também já interagia conosco e a mãe já lhe indagava sobre a capacidade de conhecer as pessoas: *“Vitorino sorriu e me olhou nos olhos. A mãe lhe perguntou: ‘está conhecendo ela ou não está conhecendo, meu bebê?’ Ele continuava soltando gritinhos e abrindo bem a boca, arregalando os olhos e mexendo os bracinhos desordenadamente. De repente o bebê vira o pescoço e o rosto para Valentina e ela o posiciona diferentemente no colo, virando-o para si e respondendo aos balbucios do filho. Foi um instante bem especial, a dupla parecia muito conectada e estavam absortos em sua comunicação” (14ª observação, 3 meses e 29 dias).*

Quando estava com cerca de quatro meses e meio o bebê já mostrava interesse em integrar-se ao clima da casa. Nesta tarde, enquanto Vitorino mamava, os irmãos disputavam o violão do avô. A mãe contornava a briga entre os maiores, usando sua sensibilidade para envolver os filhos em uma atmosfera lúdica: *“Valentina acomodou o instrumento em seu colo, deixando por cima de Vitorino, a parte superior do violão, onde se afinam as cordas. Vitorino sentou-se ao seu lado com o corpo do violão no colo e Chico ficou em frente ao sofá, tocando junto com o irmão. Ela interrompeu a mamada de Vitorino e o deixou sentado. O bebê não protestou, ao contrário, levou as mãos às cordas do violão e, descoordenadamente, tocava no instrumento, junto com os irmãos, com o olhar atento para as cordas prateadas que reluziam. Valentina começou a apertar e afinar o violão. Ficaram assim, por algum tempo, tocando e inventando músicas. Ela pediu que eles cantassem a ‘música do apê’, mas eles seguiram cantarolando qualquer outra coisa criada na hora. Até que a mãe disse ter acabado a pilha, colocando a mão em cima das cordas, de forma a impedir que o som saísse. Os meninos não queriam parar, mas ela falou que estava com dor de cabeça e pediu que eles voltassem a tocar depois. Vitorino já estava sentado com o rosto e corpo virados em minha direção e vocalizava: ‘ooo’, sorrindo, eu correspondo ao sorriso. Chico saiu da sala e logo voltou trazendo uma gaita, mas esta eles não souberam tocar” (16ª observação, 4 meses e 13 dias).*

A relação da mãe com o bebê tinha um espaço reservado em meio a todas as demandas de um ambiente dinâmico, em que os irmãos interagiam constantemente, especialmente no momento da amamentação: *“Vitorino vestia um tip-top bege, de pelúcia, e meias coloridas. Parecia estar muito satisfeito no colo de Valentina que o acomodava para mamar. Ao colocar Vitorino para mamar, a mãe faz um movimento de elevação do braço, de forma a erguer o seio e deixá-lo na altura da boca do bebê. Ele se empenhava em buscar o mamilo, até conseguir como auxílio da mãe. Sinto que ele está cada vez mais ligado à vida. Neste meio tempo Chico e Vitorino brigam por uma gaita que pertence ao avô, ela manda que eles parem e chama Hugo para a sala. Enquanto isso, no seio esquerdo, o bebê suga com prazer, mantendo uma expressão amena” (16ª observação, 4 meses e 13 dias).*

Ao final do quarto mês a mãe introduz alimentos sólidos em uma das poucas observações em que o bebê não foi amamentado no seio: *“Pega uma bolacha Maria do pacote e coloca na boca*

do bebê. Fico pensando se ela o desmamou ou se começou a introduzir os alimentos sólidos. Vitorino espreme os lábios contra a bolacha, demoradamente. Vejo que seu olho direito ainda tem aquela espécie de lágrima gelatinosa. O bebê mexe as mãos, descoordenadamente, até que alcança o plástico que envolve as bolachas e parece interessar-se pelo barulho. Valentina ajuda a segurar a bolacha próxima à boca do filho. Vitorino finalmente ingere um pedaço. A mãe tenta colocar a outra metade em suas mãos, porém ele agita a bolacha como se quisesse brincar, deixando-a cair no próprio colo. Valentina a recoloca na mãozinha e conduz à boca, mas ele não a segura. Então ela continua segurando a bolacha e dizendo que ele já come direitinho” (18ª observação, 4 meses e 27 dias). A dedicação da mãe ao bebê ficou evidente em diversos momentos, em que até os irmãos mais velhos pareciam entender e respeitar a interação da dupla: “Valentina e Vitorino se entreolham e sorriem um para o outro, enquanto os meninos pegam chaves de fenda e brincam de apagar a luz. Valentina passa a protestar menos, até que eles se acalmam” (18ª observação, 4 meses e 27 dias)

No quinto mês, foi notável a alternância de expressão que a mãe utilizava ao se comunicar com o bebê e com os demais filhos que lhe solicitavam algo, constantemente: ‘Hugo pede café! Valentina diz com firmeza que não é hora de café e manda ele esperar. O menino abre um berreiro e a mãe fala para ele ir chorar longe dela. Em seguida, muda de expressão para corresponder ao olhar de Vitorino e faz um som: ‘ts ts ts’ para o bebê que abre um sorriso e vocaliza: ‘a aa ah’ olhando para a mãe’. Além disso, encarregava-se de cuidar para que os meninos não incomodassem o bebê ou a mim: ‘Victorio senta ao meu lado e encosta -se em mim. Valentina o repreende. Ele vai ao encontro do maninho e o aperta. A mãe o afasta de Vitorino, dizendo em tom irritado que ele não aperte o guri, para não incomodá-lo. Chico vem galopando em uma vassoura e passa pela sala sem se importar com nossa presença. Pega um travesseiro que estava no sofá e o põe no chão, busca um ursinho de pelúcia, bastante encardido, colocando-o para dormir. Valentina pede que ele tire o travesseiro do chão e ele sorri dizendo algo incompreensível. Olha para mim e coloca o travesseiro no sofá ao meu lado, deitando-se com o ursinho e dando um novo e belo sorriso. Fica pouco tempo em repouso e segue sua cavalgada. Neste meio tempo Victorio que tinha ido até à cozinha com Hugo pega algo e Valentina ordena que ele deixe lá” (19ª observação, 5 meses e 5 dias).

O bebê continuava tranqüilo para fazer suas trocas com o meio e explorava cada vez mais o corpo da mãe, dando indícios de quando queria mamar: ‘Valentina sentou -se no sofá de dois lugares, com Vitorino virado para mim. O bebê abriu um lindo sorriso e eu respondi. Ele regurgitou e escorreu-lhe um líquido bege viscoso, mas Vitorino continuava a sorrir, como se fosse divertido vomitar. Ao vê-lo assim, Valentina disse: ‘que porquinho’ e pediu para Victorio buscar a roupinha do bebê, que ela havia trocado. O irmão mais velho trouxe um tip-top sujo e ela secou a boca e o corpo do bebê com esta roupa. Pouco depois, ele grudava seus lábios no braço da mãe, sugando com força suas carnes e deixando várias marquinhas redondas, no formato de sua boca, na pele molhada de saliva. O tamanho do bebê surpreende, para quem está com cinco meses. Quando Vitorino começou a passar as mãos pequeninas no peito da mãe, ela o recostou no braço esquerdo e lhe ofereceu o seio. O bebê ficou

inclinado no colo, sem deitar completamente e parecia mergulhar no seio farto de Valentina. Cerrou os olhos e mexia a mãozinha direita, abrindo e fechando lentamente, ao mesmo tempo em que explorava a pele do seio de sua mãe, fazendo um movimento similar ao de gatinhos quando mamam” (19ª observação, 5 meses e 5 dias).

Ainda que interrompida pelas intervenções dos filhos mais velhos, a mãe dialogava com o bebê, tentando traduzir o que ele sentia, mesmo tendo que atentar para as atitudes dos outros meninos: *“Valentina está vestindo em Vitorino um tip-top branco com listras azuis. Inicia colocando o braço esquerdo, deitando o menino em seu colo. O bebê parece não gostar da posição em que está, sobre as pernas da mãe e ela responde: ‘não vai levantar não, fica quietinho’. Segue vestindo o outro braço e a perna esquerda. De repente ouve-se um barulho na cozinha. Os meninos seguem mexendo em panelas e a mãe larga o bebê no sofá, faltando vestir uma perna da roupa e grita com os outros filhos: ‘que comida que tu quer que não tem!’ Hugo dispara um choro forte e Victorio corre para a sala com uma panela de carne e molho. Valentina berra para ele voltar e o menino levanta-se do tapete, correndo e espalhando molho pela casa. Vitorino começa a resmungar, mexendo braços e pernas descoordenadamente, parecendo estar solto naquele sofá, com metade da roupa por vestir. Vejo que ele inclina seu olhar em minha direção e em torno do ambiente, como se precisasse reencontrar acolhimento” (19ª observação, 5 meses e 5 dias).*

A partir dos seis meses seu desenvolvimento foi ainda mais surpreendente, assim como a capacidade de interação que aumentava a cada mês que ele completava: *“Vitorino usava um belo par de tênis jeans infantil, com bichinhos bordados. Valentina deixou o bebê no sofá e sentou-se no encosto para os braços. Eu sentei-me no sofá ao lado. Vitorino brincava com uma embalagem de presente, agitando no ar o plástico que tinha estampa infantil e divertindo-se com o barulho produzido. Olhei para o bebê e ele virou-se fixando o olhar em mim, com expressão investigativa, franziu levemente a testa e depois sorriu. Toquei em sua pequenina mão e disse: ‘oi Vitorino’, ele sorriu mais ainda. Foi quando Valentina lhe ofereceu o mordedor que eu tinha levado de presente. O bebê, que havia completado seis meses no dia anterior, estava enorme, vestia uma calça que já estava curta e uma blusinha que deixava à mostra sua barriguinha roliça. Ele olhou para os desenhos do mordedor e o levou à boca, dispensando-o logo em seguida e voltando a interessar-se pelas embalagens coloridas” (23ª observação, 6 meses e 1 dia).* O aumento destas habilidades também demonstrava que o bebê já iniciava tentativas de locomoção: *“Eu olhava para o bebê e Valentina contou que Vitorino tinha caído do sofá, por isso aquela marca na testa. Ele já estava maior, talvez por isso não ficasse mais tão quietinho” (23ª observação, 6 meses e 1 dia)*

As demandas se complexificavam à medida que o bebê crescia e também começava a solicitar a atenção da mãe de forma mais visível, concorrendo mais ativamente com os irmãos: *“O bebê começou a resmungar e ela o puxou para perto do peito. Apoiou -o em seu braço direito e o colocou no seio, Vitorino explorava a textura da blusa da mãe com uma das mãos. Chico se aproximou com os gomos de uma bola plástica desmontável, em que faltava a parte central. Ela disse para o filho*

buscar a parte que havia caído em determinado local e quando ele retornou, Valentina começou a montar a bola para Chico, ordenando as peças por cores e dizendo seus nomes, amarela, azul, vermelha e verde. Para fazer tal tarefa, colocou delicadamente a cabeça de Vitorino no apoio de braços do sofá, que ficava à altura de seu seio caído. O bebê se acomodou bem e continuou sua mamada, enquanto ela ficou brincando com Chico por alguns instantes. Depois fez um carinho nos cabelos do filho menor e disse para Chico afastar-se que ela jogaria a bola para ele. Pediu para Victorio e Hugo darem espaço e os dois foram para o pátio. Chico abriu um sorriso imenso e contagiante, durante a brincadeira. O bebê parecia esquecido em seu seio por alguns instantes. Logo, ela o sentou de frente para mim e seguiu jogando com o outro filho. Vitorino sorriu, não arrotou, porém regurgitou sobre a perna de Valentina, ela pareceu não sentir o líquido azedo cruzar o tecido de sua calça. Chico saiu para buscar a bola que havia rolado para fora da casa e, ao voltar, tropeçou no degrau de entrada, caiu e chorou. Ela disse: ‘não foi nada’, tranquilizando-o e ele veio em sua direção. Valentina o acolheu embaixo do braço direito, o bebê estava sentado sobre a perna esquerda e ela fez ‘tá tá’, apertando Chico contra o peito, o menino logo acalmou-se. Ela olhou para a rua e chamou os filhos para voltarem ao pátio. Como eles não obedeceram, levantou-se e foi até à porta vê-los” (23ª observação, 6 meses e 1 dia).

Nesse período, o bebê começou a manifestar maior interesse em relação às brincadeiras dos irmãos, mas ainda não costumava ser incluído, especialmente nas atividades mais agitadas: *“Os meninos começam a passar por baixo da cama e depois Victorio brinca de rodear os irmãos. Pega Hugo no colo e anda em círculos com dificuldade, logo é a vez de Chico rodopiar nos braços do irmão. Eles riem e se divertem bastante. Victorio fala: ‘tamo bêbado, tia!’ e, logo depois, diz para Hugo que ele não é seu irmão! Por isso, não ia mais rodeá-lo. Victorio fica de quatro e se faz passar por uma égua, relincha e troteia com Chico nas costas, depois é a vez de Hugo. Valentina levanta-se e vai até à cozinha terminar a limpeza. Havia um pote com água suja, pois ela tinha acabado de varrer o chão e os meninos buscam a vassoura para brincar de cavalinho. O bebê tenta atrair os irmãos com seus gritinhos agudos e movimentos de pernas e braços, porém os meninos não lhe dão muita atenção. Em seguida, Vitorino adormece, parecendo estar cansado da energia empreendida, como que se recolhendo depois de suas tentativas sem obter inclusão na brincadeira dos maiores” (24ª observação, 6 meses e 8 dias).*

A amamentação continuava a ser um momento prazeroso para a dupla: *“Valentina aproximou o bebê de seu peito, abriu o casaco de pijama de tecido fino, ergueu a blusa regata que vestia por baixo e acomodou Vitorino para mamar. Este, por sua vez, ficou quase sentado em seu colo e sugou o seio por alguns minutos com movimentos leves, quase não mexia o corpo, parecendo estar sendo saciado” (24ª observação, 6 meses e 8 dias).* O bebê também explorava o corpo da mãe durante a mamada: *“Valentina começa a amamentar Vitorino. O bebê agora coloca as mãos no seio da mãe, Tateando sua pele” (28ª observação, 7 meses e 5 dias).*

Mas além da alimentação, o bebê também passou a interessar-se mais em explorar objetos do ambiente: *“Vitorino acabou de mamar e sentou, logo soltou um arrote sonoro, foi a primeira vez que o ouvi arrotar de fato. O bebê agitava os braços em direção aos irmãos e soltava sons mais agudos,*

gritinhos como: ‘ih ih ih’, bem alto. Valentina o deitou e colocou algumas peças coloridas de brinquedos desmontáveis nas mãos do menino. Vitorino já era capaz de erguer a cabeça e parte do tronco. Valentina olha para ele com muito afeto e sorri, dizendo para ele ficar deitado, aproximando uma peça que caiu da mãozinha do bebê. Ele ainda não coordenava totalmente os movimentos, tentando pegar a peça amarela por diversas vezes e colocando a peça vermelha na boca” (24ª observação, 6 meses e 8 dias).

Com seis meses e meio, o bebê apresentou uma atitude diferente durante a mamada. Mostrou ser capaz de interrompê-la e voltar ao seio: ‘Vitorino começou a chorar baixinho e Valentina o colocou no seio. Ele mamou por poucos segundos e sentou-se, impulsionando o tronco sozinho, com determinação. Valentina estava no sofá ao meu lado e eu os olhava, Vitorino fixou seu olhar em mim e atirou-se para trás voltando para o seio. Valentina fez um meneio de cabeça e o bebê repetiu o movimento após mamar mais um pouco, desta vez sorriu ao me olhar. Este gesto ocorreu diversas vezes o que nos levou a sorrir juntas. Ela seguia amamentando Vitorino e rindo desta nova atitude do bebê. Por diversas vezes ela baixou a blusa, encerrando o seio e ele retornou, até que ela deixou o seio à mostra, para que ele mamasse quando quisesse. A mãe pareceu tão natural, em frente à porta, esquecida do seio exposto, com o filho no colo. Até que o bebê adormeceu, saciado e ela recolheu o seio” (25ª observação, 6 meses e 15 dias).

A partir de então, Vitorino costumava intercalar a brincadeira exploratória com a alimentação, demonstrando o que queria em tais momentos: “Vitorino manipulava alguns prendedores de roupa até que caíam no chão. Valentina os alcançou de volta e o bebê os jogou como se quisesse que ela os pegasse novamente e ela o fazia, ficaram nesta brincadeira por algum tempo, até que ele começou a resmungar, aproximando-se do seio da mãe, tateando com as mãozinhas. Ela o acomodou no colo e a mamada prosseguiu, com seus estalidos habituais”. A mãe começava a estimulá-lo de forma mais ativa após a amamentação: “Quando o bebê acabou de mamar ela o colocou de pé, no chão, segurando suas mãozinhas. Vitorino fazia movimentos com o tronco, mas não coordenava os pezinhos para dar passos. Parecia que ele já poderia sair andando, tamanho o porte avantajado para um bebê de seis meses. Ele estava com um conjunto todo azul e por baixo, usava uma roupinha amarela de tricô” (26ª observação, 6 meses e 22 dias). Neste dia, a mãe demonstrou seu desejo de que ele pudesse começar a se locomover pela casa: ‘Ela ergueu Vitorino e o sentou novamente em seu colo. Disse que tinha que dar jeito em um andador para ajudar a firmar as perninhas de Vitorino” (26ª observação, 6 meses e 22 dias).

A interação da mãe com o bebê continuava a ter espaço na intensa dinâmica familiar. Vitorino tateava o corpo de Valentina e ela conversava com o filho durante depois da mamada: “Valentina estava absorta com Vitorino. Assim que o bebê terminou a mamada, Vitorino ergueu-se do sofá e tentou pegar Vitorino, mas Valentina não permitiu. Então ele e Chico começaram a brincar de pegar, passando por dentro da sala, saindo pelos fundos e dando voltas pela casa. Valentina permanecia atenta aos movimentos dos filhos na rua, porém fazia brincadeiras carinhosas com Vitorino. O menino

explorava o rosto da mãe com as mãozinhas espalmadas, passava-as pelos olhos, bochechas, boca e puxava o cabelo de Valentina. Esta falava suavemente: ‘o que tu qué véinho?’ e fazia barulhinhos com a boca ‘tsi tsi tsi’. O menino se divertia bastante e pensei que este era um dos momentos de troca de afeto genuíno entre a mãe e o bebê” (26ª observação, 6 meses e 22 dias). A mãe preservava a habilidade de atender às necessidades dos outros filhos e manter-se atenta ao bebê: ‘Valentina colocou o bebê sentado ao seu lado no sofá, para atender aos outros filhos que a chamavam. Mantinha-se atenta aos movimentos de Vitorino, assim como eu, que estendi minha mão para o menino pegar. Ele segurou meus dedos, logo em seguida espalmou a pequenina mão gorducha e deu suaves batidinhas com a mão aberta. Sorria ao fazer estas brincadeiras e vocalizava sons diferentes. Então, Valentina ofereceu a Vitorino dois prendedores de roupa que estavam presos em sua blusa” (26ª observação, 6 meses e 22 dias).

O bebê demonstrou ter desenvolvido a possibilidade de se entreter com alguns objetos, enquanto a mãe se desdobrava para atender aos outros filhos, fazendo a divisão de seu tempo e de sua energia entre os meninos: *“Chico entra na casa e solicita algo que a mãe não compreende, ela pergunta por várias vezes o que é, por não estar entendendo. Até que ele sinta em um banquinho e pede para ela cuidar dele. Ela traduz, dizendo que ele pode ir ao banheiro, que ela já vai lá cuidá-lo. Valentina coloca o bebê na cama que está na sala e o sinta, porém ele não consegue firmar-se nessa posição e escorrega. Ela tenta sentá-lo novamente, mas o bebê não fica nesta muito firme. Ela lhe oferece uma sacola plástica vazia, sorri e diz que já volta. Vejo que a cama está com uma guarda de proteção. O menino resmunga e parece buscar um olhar, eu sento-me mais para frente no sofá de forma a ficar em seu ângulo de visão. Logo, Valentina volta e o pega no colo. Aproxima-o do rosto e mantém os olhos semicerrados, com uma expressão muito afetiva, dá-lhe um beijinho. O bebê parece estar se deliciando com o retorno e proximidade da mãe” (26ª observação, 6 meses e 22 dias).*

A fraternidade e as demonstrações de afeto com relação ao irmão mais novo eram freqüentes. O bebê também já explorava seu próprio corpo: *‘Chico vem em direção ao bebê e o beija com bastante afeto, fechando os olhos ao inclinar-se sobre o irmão. Quando ele acaba de mamar ela o sinta novamente. O bebê coloca as mãos na boca e fica chupando os quatro dedos com a mãozinha fechada. Vitorino vai em direção ao irmão e pega uma das mãos do maninho, começando a chupar os dedinhos do bebê, então beija a mãe na altura do seio. Valentina diz para ele parar. O bebê olha em minha direção e sorri. Vitorino segue explorando com prazer suas próprias mãos, alternando a mão que coloca na boca’.* A rivalidade também era visível. Em uma observação, ao presenciar a amamentação, o outro irmão parecia querer compartilhar o seio, mas nem sempre era atendido: *“Chico chegou na sala e pediu remédio. Valentina avisa que lhe dará remédio só à noite, porque hoje ele já tinha tomado. O menino saiu da sala com ar contrariado” (26ª observação, 6 meses e 22 dias).*

Aos sete meses, o bebê mostrava mais sua voluntariedade em relação ao ambiente, o que favorecia as interações que estabelecia com os demais: *“Vitorino batia o chocalho em forma de violão no chão. Fiquei bastante próxima ao bebê que estendeu sua mãozinha gorducha e sorriu para*

mim. Eu lhe ofereci meu dedo para que ele segurasse e ele tentou levá-lo à boca. Eu pensava em como o crescimento do bebê era visível agora que tinha completado sete meses. Valentina conta que o bebê já estava pesando 11 quilos. Vitorino vira-se ao ouvir a voz da mãe e resmunga. Hugo passa com o cavalinho-de-pau e encosta no irmão que começa um choro mais forte. A mãe toma o filho nos braços, virado para ela e conversa com ele indagando: ‘vai embrabecer meu neguinho?’. A criança logo voltou a sorrir e a mãe aproxima seu nariz do dele, carinhosamente, como se desse beijinhos de esquimó no bebê” (28ª observação, 7 meses e 5 dias).

O nascimento dos dentes foi logo anunciado pela mãe. Eles não eram visíveis nos sorrisos habituais de Vitorino, pois ele parecia cobrir os dentes com os lábios e a língua, mas ela fez questão de mostrá-los: *“O bebê estava acomodado no colo de Valentina e ela me contou que dois dentinhos tinham nascido. Vitorino me olhou e sorriu, eu me aproximei e peguei sua mãozinha dizendo: ‘oi Vitorino’. Ele sorriu mais ainda, porém mantinha a lingüinha em cima dos dentes de forma a encobri-los. Valentina afastou seu lábio inferior com delicadeza e mostrou as ‘serrinhas’ brancas despontando, o bebê não pareceu se incomodar, aliás ele raramente mostrava-se bravo ou irritado, apenas quando desejava mamar”.* Nessa mesma observação, a mãe brinca e conversa com Vitorino e ele mostra-se bastante disposto a continuar interagindo: *‘Ela coloca o bebê em pé no seu colo, virado para ela, segurando-lhe as mãozinhas. O menino começa a flexionar as perninhas tomando impulso, parecia querer galopar e se divertir. A mãe fala com outro tom de voz ‘ai bebê, assim a mãe não pode! Mas tu gosta né?’ E o aproxima de seu rosto, acompanhando a brincadeira por bastante tempo. Depois ela o vira para mim e o menino se sacode e sorri. A mãe diz: ‘olha a tia filho’. Quando parece cansar ela o senta e ele se espicha para tocar em minha mão. Hugo entra e se coloca entre nós e Valentina pede para ele deixar o maninho pegar a mão da tia. O bebê segura firmemente meu dedo e parece querer levar minha mão junto da sua à boca. Fico impressionada com a força e a determinação dele ao empreender esta brincadeira” (29ª observação, 7 meses e 12 dias).*

Diversas aquisições em termos de desenvolvimento são relatadas e valorizadas pela mãe e as atividades exploratórias se intensificam, assim como o contato com os irmãos: *“Valentina conta que ele já está quase engatinhando. Coloca Vitorino sentado no chão e lhe alcança uma bolinha plástica vermelha. Vitorino irrompe e chuta a bola do irmão, mas o bebê não demonstra incômodo, então a mãe pede que ele lhe alcance a bola. O filho mais velho não atende, mas abaixa-se e abraça o maninho que sorri de volta. Hugo entra, deita-se no chão e faz menção de pegar o bebê no colo, mas Valentina pede que ele deixe o maninho sentado. Ele também dá um abraço meio desajeitado e pega um macaquinho vermelho, de plástico que estava nas mãos do menino” (29ª observação, 7 meses e 12 dias).*

Com o passar do tempo, as interações de Vitorino com os irmãos tornou-se mais intensa, até que os meninos passam a corresponder ou tentam incluir o bebê em suas brincadeiras: *‘Vitorino se equilibra sobre um cobertor e tenta alcançar alguns brinquedos de borracha que haviam sido lavados pela mãe. Ele os atira e dobra o tronco, espichando-se em direção aos objetos e emitindo sons variados. Um dos bichinhos está próximo a meu pé e eu o alcanço à criança. Chico entra em casa e*

sorri para o irmão, senta-se e pega um dos patinhos, colocando-o na boca e emitindo sons. Chico ensaia um abraço no bebê, mas parece estar mais absorto com o brinquedo do que com o irmão, como se estivesse ali para imitar o que o Vitorino faz. Os dois interagem trocando objetos. Até que Chico cansa e sai. Valentina entra e sorri para o filho. Logo ele se desequilibra pendendo para o lado esquerdo e cai batendo a cabeça. Inicia um choro que parece ser mais de susto que de dor e Valentina, imediatamente o pega no colo e lhe oferece o seio. Vitorino mama calmamente, não faz mais os estalidos como antes, emite sons suaves e depois de algum tempo começa a relaxar, os bracinhos que se mantinham próximo ao seio da mãe caem ao longo de seu corpo e ele adormece” (30ª observação, 7 meses e 19 dias).

Muitas vezes o bebê também compartilhava a atenção da mãe com os irmãos tranqüilamente, como nesta ocasião em que Hugo procurava pelo bico: “Hugo grita da rua que quer seu bico. A mãe lhe responde com voz calma que não sabe onde está. O menino entra em casa brabo, dizendo que o bico estava no sofazinho. Enquanto isso o bebê emite sonzinhos agudos, como se imitasse a reclamação do irmão, porém de forma despretensiosa. A mãe segue dando dicas sobre onde poderia estar o bico. O menino não se rende e ela o chama para pegá-lo no colo, enquanto deixa o bebê no sofá, sentado. Vitorino vai escorregando e mantém-se tranqüilo, como se não fosse permeável àquela demanda do irmão” (30ª observação, 7 meses e 19 dias).

Aos sete meses, a mãe também contou uma novidade em termos de aquisição de linguagem, diferente das anteriores que se referiam à locomoção ou dentição: “Valentina conta que Vitorino já fala ‘papai e vó’. Surpreendo-me com essa notícia, pois o bebê nem completou oito meses, embora nesta ocasião, eu não tenha presenciado ele falando tais palavras. Sorrio dizendo: ‘que legal!’ Ela ergue-se e leva o neném adormecido para o quarto” (30ª observação, 7 meses e 19 dias).

Quando ele já estava com oito meses e meio a mãe continuava a estimular esta suposta habilidade adquirida por Vitorino, embora o bebê apenas vocalizasse outros sons em nossa presença. Ao mesmo tempo em que Valentina tentava fazê-lo falar, sabia aguardar até que ele o fizesse espontaneamente: “Valentina coloca Vitorino de pé, em sua frente, no sofá. O menino não move as pernas, fica olhando a mãe e mantém um equilíbrio precário. Ela o pega no colo e faz carinho no bebê, ele passa a mão no rosto dela e morde seu queixo. Valentina o chama de ‘meu bebê’ com afeto. Depois o senta e diz para ele chamar a vó. Ela diz que ele já fala vó, porém o bebê não vocaliza nada parecido com esta palavra enquanto estou ali” (34ª observação, 8 meses e 16 dias).

Aos oito meses e meio, cada nova aquisição de dentes era anunciada, também como um prenúncio de que ele já era capaz de morder o seio ao ser amamentado: “Ouvimos um chorinho vindo de longe. Ela logo vai ver Vitorino e o traz com carinho de sono. O bebê estava bem lindo, embora sonolento. Eu o cumprimento e ele ensaia um sorriso. Ela conta que ele já estava com quatro dentinhos e que agora estava difícil amamentar, pois ela mordida o seio dela, que já tinha chegado até a sangrar. Logo depois, Valentina o chamou de ‘bebê fedorento’, fazendo alusão ao cheiro de cocô exalado pelo filho, porém não fez a troca da fralda durante a observação” (34ª observação, 8 meses e 16 dias).

Cada vez mais, o bebê ampliava as trocas com o ambiente e com quem se encontrava nele: *“Vitorino estava com seu brinquedinho de borracha e dava gritinhos como se quisesse interagir com os demais. Os meninos, de vez em quando, apertavam seu cachorro que emitia sonzinhos. Margot, a vizinha, intrometeu-se em dado momento falando com o bebê algo como se ele não pudesse brincar com os maiores. Vitorino sorriu afável e gritou: ‘ba, ba, ba’...”* (35ª observação, 8 meses e 23 dias).

Certa vez, a mãe inclusive fez uma alusão de que o bebê estaria falando ao telefone, imitando os irmãos: *“Quando Chico conseguiu convencer Victorio a lhe emprestar o celular de brinquedo, deu o verdadeiro ao bebê que bateu o aparelho no chão e o levou à boca. Em determinado momento Valentina disse que parecia que ele queria falar e mostrou a Chico dizendo que conversasse com o maninho. Logo depois o bebê colocava o aparelho perto da boca e das orelhas e vocalizava, talvez para mordê-lo. Em seguida o bebê vomitou um pouco. Valentina olhava para a TV e depois que viu o líquido branco no chão e na roupa, mandou Victorio pegar um pano e limpar a sujeira do maninho. Victorio demorou a atender, mas pegou um pano que estava na porta e limpou o chão. O bebê ficou com a roupa suja e não parecia incomodado com o líquido”* (35ª observação, 8 meses e 23 dias).

Aos nove meses, as habilidades psicomotoras de Vitorino iam sendo mais estimuladas pela mãe: *“Vitorino se encostou nas pernas de Valentina e ela o pegou pelas mãos, deixando-o de pé próximo ao sofá. Depois o colocou sentado e ele foi se inclinando, como se fosse engatinhar, mas acabou ficando de barriga para baixo no tapete”* (36ª observação, 9 meses). O bebê também passou a demonstrar sua capacidade de reconhecer as pessoas: *“Vitorino parecia vibrar com a chegada da priminha que logo o beijou. Valentina comenta que Vitorino já sabe quem são ‘os dele’, fazendo alusão ao parentesco entre as crianças”* (36ª observação, 9 meses).

Com o passar do tempo o bebê já tolerava períodos maiores de afastamento da mãe, quando esta tinha de atender a um dos irmãos. Num dia a sobrinha comentou sobre a semelhança do temperamento dele com o da mãe: *“O tamanho de Vitorino continuava a me impressionar. Ele vestia um tip-top vermelho e enorme. Trazia por baixo outras roupas e mostrava com frequência os quatro dentinhos que despontavam. Fazia calor nesta tarde e Valentina vestia uma regata cor-de-rosa que lhe cobria apenas os seios, trazia a blusa enrolada, deixando sua barriga repleta de estrias à mostra. Parecia ter engordado. Vitorino puxou a blusa de Valentina e ela o deitou, acomodando-o para mamar. Ela usava uma trancinha no cabelo que pendia sobre o rosto, enquanto olhava o bebê mamar. Decidiu tirar Vitorino do seio e ele resmungou um pouco, mas ela deixou o bebê e foi atender ao pedido de Chico, que necessitava de seu auxílio no banheiro. Colocou Vitorino no colo da sobrinha Firmina. Esta comentou que o bebê era calmo como Valentina”* (36ª observação, 9 meses).

O desenvolvimento visível e pronunciado do bebê parecia causar satisfação na mãe: *“Valentina conta que saiu com Vitorino durante a semana e acharam que ele já tinha um ano, de tão grande que estava. Eu não me cansava de ficar surpresa com o tamanho do menino. Ela fala que nasceu o quinto dente e Vitorino parece ver que é dele que falamos e sorri, desta vez mostrando os dentes. Ela o*

coloca em pé e ele segura-se no carrinho com uma mão, dobrando o tronco para pegar algo no chão. Valentina diz que ele já se levanta sozinho, apoiado no sofá. Ficamos ali por mais algum tempo, Vitorino se ergue e ensaia movimentos um pouco descoordenados” (37ª observação, 9 meses e 7 dias).

Após o bebê ter completado nove meses, a mãe conseguiu um emprego de diarista, duas vezes por semana, na casa de uma família da capital: *“Voltou-se para mim e contou com expressão feliz que arrumou ‘serviço’ duas vezes por semana, na mesma casa em que a cunhada trabalhava. Valentina disse que a dona da casa teve bebê e que ela a substituiria nos dois dias em que a cunhada fazia faxina em outro lugar. Parabenizei-a pelo emprego e notei que ela parecia mais resignada do que satisfeita com a tal atividade” (37ª observação, 9 meses e 7 dias).*

Parecia que as crianças já antecipavam a falta que ela faria, pois todos haviam ficado doentes e tiveram febre, com exceção do mais velho. Até o bebê estava diferente nesta observação, chegando a recusar a comida que ela lhe ofereceu: *“Valentina segura Vitorino e acaba de acomodar um pacote de carne no congelador. Volta a sentar-se próxima a mim e eu cumprimento o bebê que, desta vez, não sorri. Todos parecem estar um pouco abatidos. O bebê fica choramingando por algum tempo. E Chico se aproxima, ela oferece a teta, mas ele não quer mamar. Vitorino mama um pouco. Victorio estava bastante calado. Hugo pede bolachas e ela busca para distribuir a todos. Dá uma a Vitorino que brinca com o waffle, deixando-o cair. Hugo pega logo do chão e ela manda que ele devolva ao irmão, pois já havia comido a parte que lhe cabia” (37ª observação, 9 meses e 7 dias).*

Ao final dos nove meses, o bebê já apareceu sem fraldas em algumas das observações e reclamou mais ativamente a presença da mãe, além de incrementar as vocalizações: *“Hugo veio para perto de Valentina e ela ergueu-se rapidamente, pois Vitorino chorava baixinho dentro da casa. Eu sequer escutara, mas ela bastante atenta voltou com o bebê no colo. Ele estava lindo, vestia uma camisa branca com um coletinho branco integrado, se bem que não estavam nada brancas as roupas, mas pareciam de festa. Na parte de baixo, ele estava apenas de cuequinhas, sem fraldas. Valentina estava bem à vontade, com shorts curtos e uma blusa erguida, mostrando a barriga. O bebê se virou para mim e sorriu. Eu respondi dizendo oi e sorrindo... O bebê vocalizou algo e Valentina corrigiu dizendo que: ‘não era a vó’, olhando para a senhora que os visitava e a quem ela chamou de dinda. Depois disso, Vitorino resmungou e ela o acomodou para mamar” (39ª observação, 9 meses e 21 dias).*

Nesta mesma observação, o bebê iniciou uma interação com Chico. Ele parecia estar muito forte e crescido, demonstrando também onde preferia permanecer: *“Chico e Vitorino estavam sentados no mesmo banco de madeira com a mãe. O bebê foi colocado em pé por Valentina. O bebê interagia e brincava com o irmão, dando tapinhas descoordenados em Chico que ria, dizendo: ‘olha o maninho’. Ficaram por algum tempo entretidos um com o outro até que Vitorino quis descer do banco, porém Valentina o levou para dentro de casa, em função dos cascalhos e pedras que cobriam o chão do pátio. O menino ficou pouquíssimo tempo com o pai e com a tal senhora que os visitava. Valentina mal sentou e teve que buscá-lo, ouvindo do marido que o menino queria ficar com ela. Chico entrou em casa e Valentina ficou sorrindo para Vitorino, só pareceu incomodar-se quando ele mordeu seu queixo com*

força. Ela contou-me que ele lhe dá mordidas fortes ‘na teta’, tanto que ela quase não agüenta de dor. Falou que Chico nunca mordeu seu seio, até hoje não morde. Talvez seja por isso que ele ainda não tenha sido desmamado. O bebê sorri e vejo que seus dentes estão mesmo enormes. Ela conta que já está com cinco dentes”. O bebê também interagiu comigo nessa mesma observação: “O bebê me olha e eu lhe estendo minha mão, Vitorino a pega e leva à boca. A mãe nos olha e sinto que ela parece querer dizer para ele não fazer isso, mas o deixa por um tempo explorando minha mão. Vejo como o menino está lindo, comunicativo e grande. Passa-se um tempo e ela decide tentar amamentá-lo um pouco mais, mas ele logo se ergue e fica nos olhando e vocalizando, como se conversasse consigo mesmo” (39ª observação, 9 meses e 21 dias).

Aos 10 meses, o bebê se locomovia pela casa, explorando o ambiente com liberdade, ainda que sob o olhar atento de Valentina: *“Vitorino engatinhou até à porta e Valentina esperou para ver se ele tentaria sair. Depois de verificar que ele poderia cair do degrau, ela pediu para os filhos que brincavam no pátio fecharem a portinhola de proteção. Chico atendeu o pedido e fechou a portinha. O bebê ficou parado ao lado da porta, fez xixi nas calças e sorriu com satisfação. Valentina viu a cena e contou que não consegue mais deixá-lo com fraldas, pois ele arranca a fita e as tira. Chamou Vitorino para trocar o calção. O menino se ergueu apoiado na mesinha da TV que estava ao seu lado e ficou ali parado. Desta vez foi ela quem riu e foi ao encontro do filho, com um calção limpo, tirando o que estava molhado e vestindo rapidamente a outra roupa. A urina ficou no chão e ele logo passou por cima, engatinhando com seu jeito peculiar, até chegar aos meus pés. Valentina contou que ele já estava pesando 15 quilos! Olhei para ele e disse que ele estava bem grandinho e esperto. O menino estendeu as mãos para mim e eu as peguei. Ele impulsionou o corpo e se ergueu, fiquei segurando suas mãozinhas e ele flexionava os joelhos como se estivesse dançando. Rimos da cena e ele fez menção de sentar” (42ª observação, 10 meses e 12 dias). Na observação seguinte, o bebê também estava sem fraldas: “Vitorino acabara de fazer xixi no chão e a mãe falou que deixava o bebê sem as fraldas, porque elas o incomodavam em função do calor. Contou que, somente neste dia, já havia lavado mais de dez calções dele” (43ª observação, 10 meses e 19 dias).*

O sentimento de que Vitorino crescia muito era renovado pelas demonstrações de novas capacidades do bebê: *“Entrei e cumprimentei Vitorino, retribuindo seu belo sorriso. Não me cansava de achar surpreendente o crescimento do bebê. Talvez porque tivessem passado duas semanas sem vê-lo, por ele ter dormido e pelo feriado nas observações anteriores. O bebê estava de pé, segurando uma das mãos de Valentina e parecia ter muita firmeza naquela posição” (42ª observação, 10 meses e 12 dias).*

Valentina sabia observar e respeitar o tempo de Vitorino quando suas habilidades de locomoção despontavam: *“Chico estava perto da porta e chamou Vitorino, mas o bebê que estava se erguendo com apoio do sofá, não lhe deu atenção. Então, Chico quis ir buscá-lo, mas a mãe lhe disse para ele esperar que Vitorino iria até ele, se o chamasse e foi o que o irmão fez. O bebê ficou em pé e por alguns instantes soltou as mãos e ficou sem apoio. Logo caiu sentado, olhou para a mãe e depois engatinhou até Chico” (42ª observação, 10 meses e 12 dias).*

Ela atribuía significado a algumas brincadeiras do bebê, interpretando o que elas pareciam representar: *“Vitorino engatinhou até o cinto que estava no chão. Quando ele pegou o objeto fez uns estalos com a boca, Valentina disse que ele estava brincando de andar a cavalo. Realmente, o bebê sacudia o cinto e fazia o tal barulhinho”* (42ª observação, 10 meses e 12 dias).

Com o passar do tempo, o bebê era cada vez mais ativo ao iniciar as interações com os irmãos, parecendo tentar se inserir nas brincadeiras: *“Victorio abriu uma pasta de onde caíram muitos papéis, com figuras pintadas e desenhos mimeografados. Vitorino mostrou interesse e engatinhou até Victorio, que se apressou em recolher os papéis, dizendo para o maninho sair, mas o bebê já estava com algumas folhas nas mãos, sendo amassadas e agitadas no ar. Vitorino ria, como se estivesse sendo acolhido na brincadeira. Foi quando Hugo gritou para ele sair e o bebê lhe dirigiu o olhar, sorrindo. Ele raramente demonstrava chateação, também não parecia distinguir quando o tom de voz lhe era hostil, pois sua reação tendia a ser amena e sorridente, na maioria das vezes. Hugo e Victorio logo se desinteressaram pela brincadeira de colégio, guardaram o material e foram brincar no pátio, deixando o bebê no meio da sala”* (42ª observação, 10 meses e 12 dias).

O bebê apresentava maior autonomia e já se deslocava para ir até onde estava sua mãe: *“Valentina colocou Vitorino sentado no chão e foi até o quarto parar buscar uma roupa para o bebê. Ao ver sua mãe afastar-se, ele a acompanhou com o olhar atento, fazendo um largo movimento com a cabeça para ver até onde ela iria. Logo, fez uma expressão de quem ia chorar, contraiu os músculos da testa e se posicionou para engatinhar. Encostou o joelho esquerdo no chão e manteve a perna direita flexionada, com ambas as mãos apoiadas no assoalho, porém com o pé direito no chão, e seguiu sua mãe até a porta do quarto. Após ver Valentina voltar, ele se arrastou até o sofá e se ergueu utilizando como apoio o braço do móvel, permaneceu de pé e, sozinho, foi se movendo com passinhos curtos e desajeitados até chegar onde estava a mãe. Ela já havia relatado que o bebê fazia isto, mas eu não tinha presenciado e fiquei bem impressionada, considerando que ele acabara de completar 10 meses. Ela vestiu uma camisetinha no bebê e pediu para Victorio trazer um par de meias, pois os pés do maninho estavam gelados. Victorio as trouxe e depois buscou sua pipa”* (42ª observação, 10 meses e 12 dias).

O bebê também iniciava interações espontaneamente comigo: *“Me a proximei da dupla para a despedida, quando chegava o término do horário. Vitorino puxou minha blusa com força e Valentina riu. Digo que ali não tem leite e rimos juntos. Dou um beijo em suas bochechas e ele faz ‘tchau-tchau’, abanando e sacudindo a mão direita, descoordenadamente. Chico aumenta o som da TV e ouve-se uma voz masculina. Vitorino vira-se para dentro da casa e diz ‘papa’. Valentina diz que o papai ia chegar mais tarde. Nos despedimos e ele fica abanando, no colo da mãe”* (43ª observação, 10 meses e 19 dias).

Valentina costumava relatar com orgulho que o bebê já pronunciava as primeiras palavras, que mais dentinhos estavam nascendo, que ele já ficava em pé sozinho e batia palminhas. Também tentava pedir para o menino demonstrar isso, embora não insistisse quando ele não queria: *“Ela falou para Vitorino bater palminhas e cantar parabéns para ‘a Aline’. O menino virou-se em minha direção e estendeu as mãozinhas, eu retribuí, mas ele não bateu palminhas, nem se*

moveu para vir até mim. Tentou novamente sentar-se e demonstrou contrariedade pelo fato de a mãe não lhe permitir que ficasse no chão do pátio. Permaneceu por algum tempo em pé, sem auxílio e logo puxou a mini-blusa de Valentina. Ela o ergueu e ofereceu o seio, o bebê espremia o seio da mãe com as mãos. Valentina o trocou para o lado esquerdo e Vitorino parou de mamar” (43ª observação, 10 meses e 19 dias). Ele também já era capaz de demonstrar quando estava com fome: Vitorino apoiou-se no sofá e foi até à mãe, puxando sua blusa. Ela o pegou no colo e o colocou para mamar” (44ª observação, 10 meses e 25 dias).

Na maior parte das observações em que esteve presente, a mãe se encarregava do filho, mantendo-o próximo a si, mas também demonstrando o desejo de que o bebê não ficasse continuamente em seu colo. Numa observação, ele voltou a aparecer usando fraldas: *“Valentina demorou um pouco a vir me receber e quando chegou trazia Vitorino no colo. Ela convidou-me para entrar e sentar no sofá. Entrei cumprimentando a ele e Vitorino, que já estava sorridente e usava somente fraldas descartáveis. Os outros meninos usavam apenas calçõezinhos pretos e curtos. Sentamo-nos e Vitorino logo foi posto no chão. Ele apoiou-se em Valentina e se ergueu, puxando a blusa da mãe. Ela disse que não e fez um gesto negativo, como se não quisesse corresponder ao pedido de colo do bebê. Victorio, Chico e Hugo faziam muito barulho e se empurravam em função da disputa por algumas figurinhas” (44ª observação, 10 meses e 25 dias).*

Ao final do décimo mês de vida, o bebê parecia corresponder ao desejo de crescimento e mostrava-se ainda mais ativo ao iniciar interações, inclusive comigo: *“Em dado momento, Vitorino engatinhou até meus pés, apoiou-se em meus joelhos e se ergueu. Em seguida puxou minha blusa e eu ri, perguntando o que ele queria. O menino riu e segurou minhas mãos. Em seguida pegou o boné que estava ao lado de minha bolsa. Coloquei em sua cabeça e ele pareceu incomodado. Notei que ele se mantinha em pé, por alguns segundos, com bastante firmeza, quando ele caiu sentado e saiu arrastando-se pela casa com o boné em uma das mãos. Valentina retirou o objeto de suas mãos, devolvendo-o para mim” (44ª observação, 10 meses e 25 dias).*

Com essas novas aquisições do bebê, os pedidos de auxílio ao filho mais velho ou aos demais passou a se destinar a pequenos cuidados ou mesmo para olharem o bebê que se locomovia pela casa: *“Vitorino engatinhou até à porta e ela pediu para Victorio cuidar o maninho na porta. Ele não a atendeu e ela disse que não adiantava nada falar, pois o menino não a obedecia”. Parecia expressar o desejo de que o bebê já pudesse caminhar: ‘Foi sentar -se com o bebê na soleira da porta. Ele queria sair, mas ela disse: ‘caminha que tu vai’, como se Vitorino já estivesse pronto para sair andando” (44ª observação, 10 meses e 25 dias).*

Além de seguir a mãe, Vitorino tornava-se cada vez mais capaz de demonstrar seu interesse pelo lugar onde queria permanecer, mas Valentina também sinalizava por onde o bebê poderia circular: *“Valentina decidiu ir lavar a louça, mas Vitorino engatinhou atrás dela. E ela gritou com o bebê dizendo para ele não ir até lá que estava sujo. Falou que já sabia o que ele queria e que*

agora não podia. Vitorino não atendeu à voz alterada da mãe e tentou descer um pequeno degrau que separava a cozinha da sala. Ela o segurou pelo braço, dizendo que não. O bebê começou a chorar com força, demonstrando bastante contrariedade e Valentina o deixou chorando no chão da sala, voltou para a cozinha e recolheu algumas coisas que estavam espalhadas”. Após ser contrariado, Vitorino dirigiu seu interesse para a manipulação de objetos da casa. Sua reação fez com que a mãe tivesse que ir até ele, porém o bebê continuava realizando suas próprias escolhas: *‘Vitorino parou de chorar e engatinhou até a mesa da TV e ergueu-se, apoiado no móvel, colocou as mãozinhas em dois canecos de chopp que serviam como elementos decorativos, na primeira prateleira. Fiz menção de segurar o caneco azul que ele ia jogar no chão, mas Valentina se aproximou e os retirou dizendo que sabia que não podia tê-los deixado ali. Mandou o bebê brincar com algum dos brinquedos da prateleira de baixo. Mas ele pegou uma grande figa de madeira que estava próxima aos canecos e a jogou no chão. Logo depois o bebê saiu dali, quando viu que Valentina sentou-se no sofá. Ela falou para ele pegar os bichinhos, mas ele não se moveu. Então ela lhe alcançou o sapinho que eu havia dado a ele no dia das crianças. O bebê colocou o bichinho na boca e depois atirou no chão, engatinhando até onde ele estava e, assim que o pegou, jogou ainda mais longe. Valentina disse para ele não fazer assim, mas o bebê seguia em sua brincadeira. Até que se aproximou da mãe e puxou um prendedor em sua blusa. Ela o tirou e colocou no dedo para Vitorino pegar, mas ele logo se desinteressou. Vitorino me olhava e sorria entre as brincadeiras’* (44ª observação, 10 meses e 25 dias).

Vitorino também já seguia os irmãos pela casa, ao final do décimo mês de vida: *“As crianças estavam bem agitadas, inclusive Vitorino que engatinhava pela casa, com seu jeito peculiar de manter apoiado no chão apenas o joelho esquerdo, flexionando a perna direita, porém, mantendo o pé em contato com o chão. Assim ele se locomovia tentando alcançar os irmãos”* (44ª observação, 10 meses e 25 dias).

À medida que o bebê crescia, os próprios irmãos começaram a inclui-lo em suas atividades, porém Vitorino ainda tinha de aprender a brincar com eles: *‘Victorio entrou na sala com Chico e ficaram jogando basquete. Valentina alertou que aquela bola tinha caído no valo e estava suja, por isso não queria que Vitorino brincasse, pois o bebê a colocaria na boca. Os meninos jogaram por um tempo com Vitorino engatinhando atrás deles. Em um dado momento ele apoiou-se em Victorio e se ergueu para tentar alcançar a bola, mas não conseguiu. Os irmãos chamavam o maninho e lançavam a bola um para o outro, sem deixar que ele a pegasse. Vitorino ria, até que Chico lhe acertou o rosto e ele abriu um forte berreiro. Valentina ficou braba e eles saíram da sala. Lágrimas grossas escorriam pela face de Vitorino e ela estendeu as mãos para que ele viesse até seu colo, mas o bebê ficou impassível, chorando’* (44ª observação, 10 meses e 25 dias).

Quando o bebê completou 11 meses, Valentina passou a se ausentar, em função do trabalho que se tornara diário. Certo dia, o pai estava cuidando de Vitorino e de Chico. O bebê parecia sonolento ou triste e a observação não foi realizada na ausência da mãe neste dia. Ernesto me recebeu em frente à casa, mas o bebê veio até onde estávamos: *“Vitorino que estava dentro da*

casa, veio engatinhando com seu único joelho encostado no chão. Ernesto ergueu o filho, dizendo: ‘o pai pega’ e ficou com o menino no colo. Dei oi ao bebê, que esboçou um sorriso. Ele trazia o rosto sujo de feijão, estava com o nariz e as bochechas mais escuras. Vi que estava bastante vestido para o calor daquele dia e usava fraldas também” (45ª observação, 11 meses e 2 dias) Pedi que avisasse à Valentina que eu retornaria na próxima semana.

Na semana seguinte, o bebê continuava sem a mãe. Estavam na casa, Robusta e sua filha, além de Chico e Vitorino. A sobrinha de Valentina falou que ela estaria trabalhando diariamente por alguns meses e que as crianças seriam cuidadas por ela (Robusta), nesse período. Ela disse também que o bebê dormia, porém passado algum tempo: *“Chico e Natália entram no quarto e avisam que o maninho estava acordado. Robusta vai até lá buscá-lo. Volta com Vitorino no colo, falando carinhosamente com ele. Comenta sobre o tamanho enorme de seu cabelo, dizendo que se fosse uma menina não teria crescido tanto assim. O bebê estava sonolento, mas apesar disso esboçou um sorriso tímido quando lhe cumprimentei, para em seguida começar a chorar. Vejo que ele trazia uma tristeza pouco habitual e penso que, assim como eu, poderia estar sentindo a falta de Valentina. Robusta o coloca no chão e ele chora com mais força. Ela pergunta o que houve e lhe traz bolachas, distribuindo também para Natália e Chico. Ele não come imediatamente, arrasta-se pelo chão e vai até à porta, fica parado ali com lágrimas nos olhos e uma profunda expressão de melancolia. Robusta diz que sabe que ele está todo ‘mijado’, mas só ia lhe dar banho próximo do horário de chegada da mãe. Fico com a impressão de que ele estava à espera de Valentina”* (46ª observação, 11 meses e 9 dias). O grupo observou que dormir parecia ser a defesa do bebê, diante da privação temporária da presença da mãe.

A partir do dia em que Valentina se ausentou, o bebê mostrou-se visivelmente triste e abatido nas observações. Tanto Robusta, como o pai na observação anterior, falaram que ele era muito preguiçoso, por isso estava demorando a começar a caminhar, embora ficasse firme em pé, sendo capaz de dar pequenos passos com o apoio de algum móvel: *“Olho para Vitorino que parece estar na porta esperando por alguém. Robusta comenta que ele é muito preguiçoso, por isso ainda não estava caminhando. Ela estende a mão para chamá-lo e ele engatinha até onde ela está, do seu jeitinho, apoiando apenas um joelho no chão”* (46ª observação, 11 meses e 9 dias). Como este era o último mês de observações, na saída, lembrei-a de que estaria observando até que o bebê completasse um ano. Robusta falou que estaria sempre ali e que me aguardaria.

Na semana seguinte, estava na casa Cris, a irmã mais nova de Robusta. Ela deu o aviso de que todos haviam saído. E pedi que lhes desse um recado, dizendo que estive lá e retornaria na próxima semana, no mesmo horário: *“Encontrar a casa sem bebê e sem sua família parecia uma antecipação da despedida para mim”* (47ª observação, 11 meses e 16 dias).

Liguei para a mãe informando que iria me despedir no dia seguinte. Ela contou que o bebê já estava caminhando e lamentou o término das observações e me informou de sua ausência, em função do trabalho. Quando cheguei à casa da família, não pude presenciar o

caminhar de Vitorino. O bebê dormiu durante toda a observação. Levei presentes de natal à família, mas Robusta disse que eles teriam que aguardar a chegada da mãe, à noite para abrirem os pacotes. Não pude ver sua reação diante do triciclo, presente por seu primeiro aninho. Quando fui me despedir do bebê, ele estava na cama, profundamente adormecido, com algumas moscas pousadas em seu corpo: *“Vitorino parecia recolhido, talvez à espera da mãe, pois havia muito barulho por parte dos irmãos e das visitas na casa e ele dormia profundamente”* (48ª observação, 11 meses e 25 dias). A observação que ocorreria na semana seguinte não foi realizada, em virtude dos feriados de final de ano. Tampouco houve menção ou convite para uma possível festa de aniversário de um ano de Vitorino. Avisei à Robusta que entraria em contato por telefone para combinar uma despedida pessoalmente com Valentina.

Quase dois meses se passaram e após várias tentativas de contato sem sucesso, Valentina ligou me avisando que teria férias e estaria em casa por três semanas consecutivas. Combinei a observação para a semana seguinte, no dia e horário de costume. Ela comentou que todas as quartas-feiras, quando chegava do trabalho, os meninos lhe contavam que eu não tinha estado lá. Por fim, a observação derradeira ocorreu quando o bebê estava com 1 ano e 47 dias. Assim que cheguei, os meninos me receberam e Valentina comentou que o bebê estava bem, mas depois de ter dormido acordou diferente: *“Ele estava crescendo, parecendo mais magro e trazia uma expressão séria. Caminhava com firmeza e apontava para as coisas que queria, sem vocalizar”* (50ª observação, 13 meses e 17 dias). Em certo momento, Vitorino me olhou e veio em minha direção, puxando o decote de minha blusa. A mãe e eu rimos e ela o aproximou de seu seio para amamentá-lo. Vitorino pareceu ser o porta-voz da família a pedir que eu lhes desse carona até à casa da avó. Valentina falou que a mãe dela gostaria de me conhecer. Fomos até lá e conheci os pais dela, e outros familiares na despedida. O bebê brincou com um carrinho, que empurrava em minha direção e eu o devolvia. Também mostrou interesse em um passarinho de brinquedo, que cantava quando se puxava a cordinha da gaiola. Por fim, na hora do adeus abraçamos e eu agradei pela oportunidade de aprender com eles; não houve combinações de novas visitas.

Diante do que foi apresentado, ficaram evidentes as intensas trocas do bebê em seu ambiente, durante o primeiro ano de vida, em termos de seu desenvolvimento emocional. O menino interagia com a mãe, os irmãos e a observadora e mostrou seu surpreendente crescimento. A especificidade de crescer em uma família numerosa, com mais três irmãos em idades muito próximas pareceu contribuir para o dinamismo das observações. Ao longo dos meses em que se desenvolveu o trabalho, também ocorreram situações inusitadas e marcantes, cujo impacto para a observadora será descrito na seção a seguir.

A observadora

No primeiro contato com a família, apresentei-me à Valentina como psicóloga e expliquei os objetivos do trabalho de observação. A mãe pareceu receptiva, ainda que reservada. Senti com intensidade a dura realidade desta família que se daria a conhecer. Buscarei incluir as questões contratransferenciais que permearam minha presença na casa e na vida destas pessoas, tendo em vista as muitas vezes em que me vi frente a situações que causaram intenso impacto emocional, pois desde o princípio a vila foi um local desafiador, além de ser considerado de difícil acesso.

A fim de caracterizar as impressões iniciais, será descrito o primeiro dia em que estive na casa, em companhia da visitadora, intermediária que me apresentou à família. Ao chegarmos em frente à residência, vi que era bastante simples e parecia ser composta de um quarto, sala e cozinha juntas. As madeiras que a revestiam eram cruas, sem pintura, parecendo reaproveitadas e não havia calçamento. A mãe estava com os três filhos mais velhos no pátio e os embalava em um balanço improvisado, feito de um assento de bebê para carros. Ela nos convidou para entrar, com um sorriso. Passamos por uma pontezinha de tábuas soltas, sobre um valo a céu aberto e ficamos no pátio. Tive a sensação de que poderíamos escorregar. Ana Luisa contou que quase caiu ali em determinada ocasião. Essa sensação de perigo iminente era freqüente naquele local.

Enquanto isso, Valentina buscava na cozinha dois bancos que colocou em frente à casa, em uma ponta de sombra. Eu soube que ela já havia sido avisada de minha intenção de realizar o estudo com a família, mas decidi explicar para me certificar de que a mãe entenderia a proposta. Na verdade, naquele momento, eu também não tinha certeza de que esta seria a família e este sentimento me acompanhou ao longo de várias observações: *“Apresentei-me à Valentina dizendo que neste dia eu acompanharia a visita de Ana Luisa. Falei também que eu estava fazendo um estudo sobre o desenvolvimento emocional de bebês em famílias com mais de uma criança pequena e que queria convidá-la para participar, mas explicaria melhor oportunamente. Ela apenas me olhou e sorriu”* (1ª observação, 29 dias).

Sobre esse contato, o grupo pontuou as questões de vínculo que permeavam o começo das observações: *“Aline descreve em seu relato que a passagem da rua para a casa se deu por uma ponte de tábuas soltas, sobre um valo a céu aberto”*. O grupo faz uma menção a essas pontes, *“ligaduras”*, que não foram bem feitas. Ao saber que a mãe tinha realizado um procedimento de laqueadura ou *“ligadura”³* que não havia funcionado, o grupo percebeu que: *“Ao chegar na casa e ser apresentada à mãe, Aline logo explica o motivo de estar ali e o estudo que pretendia desenvolver. A observadora tinha a necessidade de logo tentar fazer um vínculo, uma ligação. Novamente o tema da*

³ Expressão utilizada pela mãe, Valentina, e repetida pela intermediária, para designar a laqueadura.

ligadura estava presente”. Além disso, o grupo pontuou que também poderia haver: “*A necessidade da observadora proteger-se das muitas coisas que vê e sente naquele ambiente tão diferente*”.

Este início, acompanhado pela intermediária, pode ter contribuído para que minha imagem como observadora ficasse vinculada ao programa, que serviu como referência para a mãe. Porém, a visitadora esteve presente apenas nas duas primeiras observações. Valentina, nos dois primeiros meses, dava notícias sobre ela, dizendo, geralmente, que Ana Luisa havia faltado. Até que ela se desligou, deixando de trabalhar com a família, quando o bebê estava com três meses. Outro fato significativo era a recepção no pequeno pátio em frente à casa, nas vezes em que estive em companhia da visitadora. Mas já na primeira ocasião em que fui sozinha, Valentina me convidou para entrar, embora o local que me fora destinado não permitisse uma boa visualização de onde o bebê estava dormindo. O grupo de supervisão pensou na possibilidade de a mãe estar me conhecendo e o fato de ela tirar o bebê de cena seria como se estivesse preservando o que era somente da relação da dupla.

Porém, o espaço da observação foi sendo criado gradativamente: “*Valentina veio me receber com Vitorino no colo. Trocamos dois beijinhos e entrei na casa que, neste dia, estava especialmente organizada e mais limpa do que nas vezes anteriores. Também havia um novo elemento na sala! Um sofá de dois lugares que Valentina indicou para que eu me sentasse. Não pude conter a exclamação: ‘Ah, um sofá novo!’ e Valentina apenas sorriu. Na verdade o móvel era um velho sofá, com o assento coberto por panos. Pensei que havia se criado um espaço mais confortável dentro da casa e senti como se ela estivesse realmente me esperando e, para isso, preparou inclusive o ambiente*” (8ª observação, 2 meses e 18 dias).

Sobre este fato o grupo realizou o seguinte comentário: “*Aline constatou que havia um novo elemento, o sofá na sala, onde ela poderia sentar com mais conforto. É impressionante como sempre cabe mais alguma coisa na casa, apesar da impressão de que não há lugar para mais nada. O grupo verbalizou a fantasia de que aquele sofá foi especialmente providenciado para receber a observadora. Aline também se sentiu assim, acolhida e recebida de forma especial naquele dia*”.

Observei que o ambiente, além de seu dinamismo em termos emocionais, continuava a apresentar freqüentes mudanças físicas. As alterações na disposição dos móveis também eram constantes nas observações. O sofá, a TV, a geladeira, a mesa, as camas trocavam de lugar quase toda a semana. Tais mudanças chegaram a me confundir com relação à casa. Certa vez, demorei para reconhecer e ter certeza de que ali era o mesmo lugar onde a família residia, pois até a fachada da moradia havia mudado. Quando cheguei, assustei-me com a placa de “*Vendo esta casa e vendo as verduras mais barato*”. Pensei que a família estava se mudando. Porém, quando olhei mais atentamente vi que estava em uma residência anterior à de Valentina. Mas logo entendi o porquê do estranhamento - a casa havia sido toda reformada, no espaço de duas semanas. Na

supervisão, o grupo auxiliou na contenção dessas angústias e pôde sinalizar as importantes mudanças, inclusive a melhora na qualidade do vínculo da mãe com a observadora, ainda lembrando que o nascimento do bebê se deu devido a uma falha na “*ligadura*”, que teve de ser refeita. O grupo observou também uma mudança na minha postura, com o passar do tempo: *‘Parece que a observadora que, inicialmente, estava angustiada já parecia estar mais tranqüila. Até porque a angústia da observadora tinha sido trabalhada em supervisão. O grupo pensou que a mãe também captou que Aline estava mais tranqüila. Pensamos no quanto a angústia atrapalha a tão importante receptividade do observador’*.

As observações costumavam mobilizar diversos sentimentos. Ora me sentia identificada com o bebê, ora com a mãe, às vezes sentia o cansaço por ter que observar tudo: *“Enquanto mãe e filho pareciam estar extremamente ligados, olhando um para o outro, eu começava a me sentir um pouco excluída e, ao mesmo tempo, feliz por presenciar tamanha afinidade na dupla. Instantes depois, Valentina sentou Vitorino em sua perna esquerda, de forma que ele ficasse de frente para mim, pois até então ele estava na perna direita ou erguido em seu colo, de costas. O bebê pousou seu olhar no meu e parecia curioso, visualizando minha fisionomia, não demorou muito para esboçar um sorrisinho. Pensei em dizer como ele era simpático, mas contive esta verbalização”* (26^a observação, 6 meses e 22 dias).

O bebê me despertava sentimentos agradáveis, deixando-me com vontade de estar próxima a ele: *“Logo que nos sentamos, aproximo-me de Vitorino e pego sua mãozinha dizendo: ‘oi’. O bebê, imediatamente, abre um imenso sorriso. Penso se aquele ambiente competitivo, com tantos irmãos disputando a atenção da mãe, tornava aquela criança tão afável”* (30^a observação, 7 meses e 19 dias).

Nos dias em que não via Vitorino ficava com a sensação de que algo faltava para completar a observação, embora sempre houvesse algo a ser visto. Também foi preciso aprender a observar na ausência das crianças; quando dormiam eu sentia a falta do movimento e do colorido afetivo que davam à observação. Quando o bebê estava adormecido e despertava durante as observações, parecia completar e enriquecer o ambiente com sua presença, que me alegrava: *“Começamos a ouvir o choro de Vitorino. Fico satisfeita por Valentina levantar-se imediatamente e ir buscá-lo. No quarto ouço sua conversa em ‘mamanês’ tentando saber o que se passava com o filho: ‘o que foi meu bebê?’ Em seguida vem com ele para a sala. Vitorino já está bastante desperto. Veste uma calça verde, com um tip-top por baixo e um moletom de capuz. Fico pasmada com o tamanho do bebê, que está com quase cinco meses, mas me parece ter oito ou mais. Ele me olha e sorri. Rio para ele, cumprimentando-o e dizendo seu nome. Valentina o segura sentado em seu colo, virado para mim e para os irmãos”* (18^a observação, 4 meses e 27 dias)

A preocupação em manter o *setting* era constante. Porém, ocorreram situações em que a família desmarcou ou não esteve presente no dia e horário destinados à observação. Houve uma ocasião, após três cancelamentos consecutivos, em que a mãe me ligou a cobrar, pedindo que eu fosse encontrá-los na sede da associação de moradores, pois haveria uma reunião com a nova

visitadora, porém o evento foi cancelado e eu os encontrei em casa, na 23ª observação. Eu sentia uma espécie de abandono velado. Na 24ª observação, a mãe comunicou que receberia uma profissional do programa no mesmo horário da observação. Novamente, voltou a sensação de invasão por um compromisso paralelo, que acabou não ocorrendo, assim como a família não tornou a ser assistida pelo programa. Até que ela demonstrou valorizar o trabalho de observação e recusou a oferta de outra atividade no mesmo dia e horário: *“Valentina me contou que esteve lá uma pessoa do programa, convidando a participar das oficinas com as crianças maiores de três anos, nas quartas-feiras, mas ela recusou, dizendo que já tinha uma pessoa que a estava acompanhando nas quartas”* (39ª observação, 9 meses e 21 dias).

O grupo de supervisão, ao ouvir a descrição do relato novamente pensou nas outras possíveis *“ligaduras”* que poderiam não funcionar na observação, lembrando da ponte precária que era preciso cruzar para entrar no pátio da casa. Assim como a ponte foi reforçada ao longo das observações, o vínculo pareceu ter se construído com o passar do tempo. A fantasia de que novamente poderia haver falha na *“ligadura”* e nascer um outro bebê foi expressa por Victorio, que já havia vivenciado três nascimentos depois do dele, parecendo querer uma menina como irmã: *“Na TV passava uma cena de ecografia de gêmeos, de uma personagem da novela que reprisava à tarde. Victorio me olhou e disse que tinha uma maninha dentro da barriga da mãe. Valentina fez uma cara de surpresa e deu um largo sorriso. Victorio se aproximou, tentando erguer a blusa da mãe, encostou o ouvido na barriga e ficou escutando a maninha imaginária. Valentina não parecia incomodada, quem sabe ele expressara também uma fantasia dela”* (34ª observação, 8 meses e 16 dias).

Valentina ligou para meu celular na manhã que antecedia uma das observações, dizendo que estava fazendo alguns exames e nas duas semanas anteriores tentou me avisar que não estaria. Ela disse não ter conseguido deixar recado na secretária, além do que eu não teria atendido ao telefone (as ligações eram originadas de telefones públicos e eu não reconheci os números ou não podia falar nos momentos em que ela ligava). Explicou que sua mãe conseguiu uma ficha no posto e também pôde fazer a ecografia. Nesta semana teria a consulta para levar os exames, no dia da observação. Agradei por ela ter feito contato avisando e disse que estaria lá na semana seguinte. Senti como se esta ligação restabelecesse um elo entre nós. Havia uma genuína preocupação na voz de Valentina, as crianças estavam ao seu redor, pois pude ouvir as vozes ao fundo. Foi como se eles voltassem para mim, embora nesta semana a observação novamente não fosse ocorrer. Isso compensava as vezes em que o telefone não funcionava, pois a mudança de número de celular era freqüente e não havia telefone fixo na residência.

O grupo sempre ajudou a conter esse sentimento de perda eminente ou de abandono, pois costuma ser comum o fato de a família depositar no observador essas impressões. Na supervisão também pude compreender que o funcionamento da família era este e que o próprio contexto e

cultura da vila, bem como seus habitantes tinham um ritmo próprio para com seus compromissos. A saúde dos filhos, por exemplo, justificou a maior parte das faltas, pois eles dependiam do Sistema Único de Saúde, para obter atendimento.

A partir da constância de minha presença, passei a ser recebida e reconhecida pelos meninos que vinham me contar ou mostrar algo novo e diferente com que estavam envolvidos: *“Quando me aproximava da casa da família, Victorio começou a chamar: ‘tia, oi tia’ e abanava para mim. Fui chegando mais perto e Hugo sorriu. Victorio chamou a mãe, várias vezes, e eu disse que podia esperar um pouco. Ele me contou que estavam lavando a casa da galinha”* (11ª observação, 3 meses e 9 dias). Novamente, as crianças facilitam minha entrada com espontaneidade, protegendo-me do cão: *“Os garotos seguram o cachorro e eu aproveito o auxílio dos irmãos para passar em frente ao bicho que parece estar contido pelas crianças”* (19ª observação, 5 meses e 5 dias).

Ainda assim, levei quase metade do tempo das observações para sentir a certeza do vínculo que havia entre a família e meu trabalho. Nos dias em que ocorriam falhas ou ausências eu sentia uma possível ameaça de desistência por parte da família. Eu procurava manter o *setting* e a constância, não tendo desmarcado ou trocado dias da observação por minha iniciativa. Contudo, as faltas me mantinham em condição de alerta, como se eu pudesse perder o elo, sem saber se haveria continuidade até o final do primeiro ano. Além disso, a premência de algumas necessidades eram certamente maiores que a da observação, embora surgissem no dia e horário combinado para esta atividade: *“Valentina disse que achava que na próxima semana ela não estaria em casa, pois faria uma ecografia para ver como estava sua ‘ligadura’. Percebi que sua barriga estava ainda bem proeminente. Ela contou que ainda não tinha ficado menstruada depois do nascimento de Vitorino. Digo que é bom que ela investigue e me ofereço para ligar para ver se ela realmente não estará em casa, pois eu poderia estar ali na semana que vem”* (11ª observação, 3 meses e 9 dias). Novamente ela teria de certificar-se se a *“ligadura”* funcionou. O grupo apontou que, na semana seguinte, a observadora foi até a casa de Valentina, mesmo sem ter conseguido o contato telefônico. Na supervisão, também se pensou que: *“Há um desamparo social importante e a observadora é uma estranha naquele ambiente. Talvez algumas questões paranóides pudessem ser evocadas pela presença da observadora. Afinal ela vê quando não há comida e que há muitas privações naquele ambiente”*.

Durante as observações, muitas vezes eu não tinha certeza se meu papel estava claro e compreendido o suficiente pela família. A representação do que seria o trabalho de uma psicóloga foi se revelando ao longo do tempo: *“Valentina contou-me que havia comentado com sua mãe que gostaria de um psicólogo para os filhos, principalmente para o Victorio. Neste momento ele se aproximou, me olhou e saiu para brincar com os irmãos. Contou que quando Vitorino estava em sua barriga ele até conversava com ele, mas agora estava impossível. Disse que seria bom que ela procurasse um atendimento no posto, caso estivesse sentindo necessidade* (7ª observação, 2 meses e 11

dias). Tive certeza de que Valentina sabia que problemas emocionais poderiam ser tratados por psicólogos, diante de um pedido de atendimento para seu genro: *“De repente Valentina me chama ‘oh! Aline’, falando de um jeito de quem vai pedir alguma coisa. E pergunta se eu não conheço uma outra psicóloga que trabalhe onde eu trabalho e que possa atender o filho da sogra dela, que tem 11 anos e está muito revoltado com a separação dos pais. Ela diz que o sogro andou fazendo umas coisas erradas e que o menino se revoltou contra a mãe. Como a sogra lhe pediu ajuda, ela disse que veria comigo. Falei que poderia buscar uma informação com alguma colega, sobre encaminhamento para um posto de saúde de Canoas. Lembro de lhe dizer também que não consegui informações sobre a creche, que ela havia solicitado na semana anterior”* (40ª observação, 9 meses e 28 dias).

Eu também sentia o impacto emocional diante dos apelos por comida, constantemente feitos pelas crianças. Em uma observação anterior, Valentina perguntou-me, indireta e discretamente, como obter cestas básicas através do programa que serviu como intermediário para nosso contato. Pude ver na supervisão que esta não era a função da observadora e pensar em uma alternativa a indicar para que a família obtivesse o alimento, por si própria: *“Victorio entra pedindo salgadinho e ela diz que ele já tinha comido. Chico e Hugo pedem café. Ela não responde. Penso na frequência em que eles pedem alimentos e o quanto tem que esperar, essa espera por algo que talvez não virá deve atordoar essa família. Sinto com se eu precisasse ajudar com algo concreto. Fico desfilando pensamentos e me dou conta de essa fome que desejo aplacar não compete a mim”* (30ª observação, 7 meses e 19 dias). No grupo pude ver a possibilidade de indicar um local de cadastramento para obtenção de cestas básicas e o fiz. Porém, algum tempo depois, Valentina comentou que não pôde ir até lá, pois sua irmã adoecera. Entendi mais ainda que aquela não era minha função e que a família tinha recursos internos para sobreviver.

Foi bem trabalhado e esclarecido no grupo o sentimento de que eu não tinha que assumir a responsabilidade de dar algo em troca. Contudo, cabe ressaltar que o método prevê e permite a possibilidade de o observador levar alguma lembrança à família ou ao bebê em datas comemorativas. Esta também é uma expressão de gratidão. Quando Victorio completou cinco anos, me convidou para a festa de aniversário, referindo-se a ela como seu *“parabéns”*, agradeceu o convite e levei presentes na observação seguinte. Em uma das observações posteriores, Valentina disse as datas de aniversário cada um e resolvi levar presentes às crianças nos demais aniversários. Os meninos ficaram muito felizes e Valentina muito grata. Ela os lembrava de me agradecerem e todos retribuía com afetuosos abraços.

Alguns pedidos inesperados me impactavam e demonstravam como aquela mãe poderia estar pensando em mim como alguém que a ajudaria, não com as crianças, mas com a vida. Sei que não tinha que corresponder, mas sentia como se devesse retribuir as observações. Essa questão foi trabalhada no grupo de supervisão. Um dos pedidos foi o de um *“serviço para o*

marido”, que estava desempregado. Foi uma cena bastante comovente: “Vejo que Valentina cuida a movimentação dos outros três filhos que ficaram brincando na rua. Ela ergue-se do sofá com o bebê em um dos braços, segura-o com alguma dificuldade, mas agilmente coloca a TV na tomada e liga na reprise da novela da tarde. Ao sentar novamente ela posiciona o bebê no seio esquerdo, mas ele não parece querer mamar, então ela o acomoda em seu colo e diz em tom de desabafo que precisava me perguntar uma coisa, mas tinha vergonha. Como esse tipo de conversa não era habitual, tendo em vista a discricção que ela costumava manter, penso no que seria e aguardo. Vejo que seus olhos ficam vermelhos e se enchem de lágrimas. Devia ser algo bem difícil, até cogitei que ela gostaria de saber alguma coisa sobre a observação ou o trabalho que eu estava realizando, mas logo soube era outro tipo de trabalho que a afligia muito. Ela perguntou se eu não sabia de algum ‘serviço’ para o marido, porque Ernesto estava desempregado e eles já estavam ficando desesperados. Valentina seguiu relatando que ele está fazendo alguns bicos, mas que com o tempo chuvoso ‘pára tudo’. Eles precisam mesmo é de algo com carteira assinada, para ter um ‘fixo no final do mês’. Ela também falou que podia ser qualquer coisa, ele pegaria o que surgisse de serviços gerais” (30ª observação, 7 meses e 19 dias).

Eu fiquei emocionada pelo tom de súplica e senti meu coração mudar de ritmo, vi que o bebê sorria com um olhar inocente, enquanto ela chorava e acabei saindo de meu papel estrito de observadora, fazendo algumas perguntas, como se minha ansiedade pudesse ser amenizada pelas palavras: *‘Disse que nã o sabia de nada no momento, mas que se me ocorresse algo eu avisaria. Perguntei se ele tinha procurado em agências de emprego no centro da cidade e ela falou que lá exigem um monte de coisas. Indaguei se já fazia tempo que ele estava sem trabalho e ela confirmou, explicando que já estava começando a faltar coisas em casa e o marido nem ficava ali, por causa das crianças e porque os dois juntos se sentiam mais desesperados com a situação. Ela falou como se quisesse se desculpar, que acabava descontando o nervosismo nas crianças. Ao mesmo tempo, ela denotava uma placidez, como se a impotência da situação a paralisasse. Ouço os pingos de chuva engrossarem e vejo suas lágrimas rolando, fico inerte e inútil, pensando em como as coisas podem ser realmente desesperadoras e não há o que fazer. Vejo que o carroceiro voltou à vizinha e seguia seu carregamento de destroços. Eu olho para o relógio e desejo que os últimos minutos voem e me levem dali, também me sinto em pedaços, como as coisas desconcertadas da casa, da vila, da vida...’* (30ª observação, 7 meses e 19 dias). Despeço-me, não sem antes dizer que se soubesse de algo iria avisá-la. Mesmo entendendo que esse problema transcendia a observação acabo dizendo isso à Valentina. Fui embora, por outro caminho que não me era usual, debaixo de mau tempo. Naquela tarde, havia nuvens negras encobrendo a cidade.

A agressividade entre as crianças costumava circular livremente em seus pequenos desentendimentos cotidianos. Porém, em uma observação específica, a violência foi deflagrada com crueza através da visita de uma sobrinha. Robusta havia batido na filha porque ela lhe disse algo que não gostou de ouvir e o clima na casa tornou-se muito hostil. Valentina acabou dando

uma cintada em Hugo, porque ele desafiava a prima. Logo depois, ela tentou consolá-lo, chamando o filho para perto de si, diferente da atitude da sobrinha. Neste momento, senti-me extremamente desconfortável como se estivesse sendo agredida. A forma de lidar com meu incômodo foi permanecer quieta, impassível e quase alheia a tudo que se passava na casa. O desejo de partir imediatamente foi contido, enquanto eu pensava sobre a influência daquela pessoa tão bruta sobre Valentina que vinha sendo tão adequada. Também foi preciso lidar com a idealização de uma mãe e entender suas falhas, ainda que influenciadas pela presença e interferência de outras pessoas.

Quando Valentina não estava em frente à casa, os meninos, freqüentemente, vinham me recepcionar e anunciavam minha chegada à mãe. Os garotos demonstravam boa interação entre eles e também me requisitavam para alguma conversa ou brincadeira eventual. Valentina costumava manter-se atenta, por vezes, solicitando que eles parassem, como se estivessem me sobrecarregando. Os meninos interagiam comigo em diversas observações. Victorio me convidou para seu aniversário. Chico se aproximava com freqüência para brincar com minhas mãos. Hugo chegou a me oferecer água e Victorio bolachas, enquanto Valentina jamais me ofereceu algo para beber ou comer. Mesmo quando tomavam chimarrão ou café com visitas ou parentes. Na verdade, sentia como se Valentina quisesse me proteger, jamais solicitando que eu a auxiliasse com as crianças. Ela também sinalizava para os meninos não invadirem meu espaço, pois freqüentemente eles se aproximavam em brincadeiras e caíam por cima de mim. O grupo sinalizou a grande possibilidade de ligação: *“Apesar do ambiente tão pobre, no sentido de recursos financeiros (comida, roupa, brinquedos), havia uma riqueza muito peculiar em termos afetivos e dinâmicos circulando intensamente naquela família que era encantadora”*.

Durante todas as observações, Valentina não me pediu para auxiliá-la em algum cuidado. A primeira vez que o bebê veio para meu colo foi por intermédio do irmão mais velho. Este sim era freqüentemente solicitado a ajudar a mãe em pequenas tarefas, talvez grandiosas para sua idade. Quando o bebê tinha quatro meses e 13 dias, a mãe estava tomando banho quando cheguei para realizar a observação. Vitorino chorava e ela pediu para o filho mais velho pegá-lo no colo: *‘O bebê estava no sofá, com a cabeça apoiada no encosto de braços e seu lamento declarado começava a me impelir a pegá-lo, mas não o fiz... Vitorino continua sua lamúria. Contenho o desejo de acalmá-lo, pensando que Valentina deverá logo sair do banho. Então Victorio decide atender o pedido da mãe e ‘pegar o maninho’. Ele segurou Vitorino da forma mais desajeitada que se possa imaginar (ou da melhor forma que um menino de quatro anos poderia fazer?). Pegou as duas pernas do bebê com uma mão e equilibrou precariamente o pescoço do irmão em seu braço direito, vindo em minha direção, dizendo que não sabia segurar bem o maninho. Temo que o bebê caia e se machuque e o pego, aceitando a oferta de Victorio. Coloco o bebê junto ao meu peito e ele diminui a intensidade do choro. Peço que Victorio sente*

no sofá, para que eu lhe dê o bebê e assim ele o segure no colo, como a mãe pediu” (16ª observação, 4 meses e 13 dias). Quando o bebê tinha seis meses e oito dias, Victorio me contou que já sabia pegar o maninho no colo, mas novamente me ofereceu o bebê. Sentia um cansaço me invadindo. Imaginava como era isso para Valentina, tendo sempre que ser tão múltipla para atender a todos.

Embora Valentina não tivesse jamais me oferecido seu filho para que eu o segurasse, fez isto com espantosa naturalidade com o bebê de sua sobrinha, que tinha 18 dias e voltara do hospital há uma semana, pois teve que ficar internado para ganhar peso, por ter nascido com menos de dois quilos. O clima emocional era muito intenso e a observação dinâmica, repleta de elementos surpresa. Pude sentir como era estar incluída no singelo cotidiano da família. E isso era uma das compensações que se contrapunha aos perigos da vila e à violência das situações vivenciadas.

Apesar disso, grande parte do tempo das observações era composto por brincadeiras das crianças, que costumavam inventar o que fazer. Houve uma tarde em que lavavam a casa da galinha criada pela família, ou ainda brincavam com seus cachorros e também se faziam passar por cavalos. Isso me remetia aos hábitos quase rurais da vila, pois havia uma enorme circulação de animais como cavalos e galinhas, além de vizinhos que criavam porcos e vacas leiteiras. Também existia um clima de intimidade na vizinhança que remetia às pequenas cidades interioranas. Porém, a hostilidade velada do ambiente se revelava no entorno e nos acontecimentos do local. A morte de uma mãe, que estava grávida de sete meses impressionou a todos e deixou a mim e Valentina comovidas: *“Não pude deixar de pensar no milagre da vida e a morte por atropelamento da mãe de três outras crianças, e do espaço de convivência de coisas belas e brutais como a que acabáramos de comentar”* (14ª observação, 3 meses e 29 dias). A família desta mulher foi uma das observadas na etapa preliminar deste estudo.

Ao mesmo tempo em que me sentia acolhida pela família, tinha a sensação de estar sendo freqüentemente ameaçada pelo ambiente ora hostil, ora cordial e sempre cambiante. Talvez essa fosse a sensação de Andrew, o órfão que eventualmente brincava com os meninos. Em uma observação, logo após a trágica notícia, os meninos se entretiveram no jogo de *videogame* com o amigo. Valentina quase sussurrou que Andrew tinha perdido a mãe há pouco tempo. Ela estava grávida de sete meses e foi atropelada, conseguiu salvar a filha de três anos, jogando-a para a calçada, porém desequilibrou-se e foi parar embaixo do ônibus com a bicicleta. Valentina relatou que os filhos menores pensam que a mãe foi para o hospital ganhar o bebê e, ainda esperam ela voltar. Fiquei estupefata com a história e, imediatamente, lembrei de que havia lido sobre este acidente, pois me chamara a atenção o fato da mulher estar grávida de sete meses. Eu disse em tom de voz muito baixo e com uma expressão de comoção, que tinha acompanhado o caso no jornal. Imediatamente Andrew exclamou em voz alta *“Graças a Deus que a minha mãe morreu!”*.

Troquei um olhar com Valentina e encontrei aflição em sua expressão. Victorio resumiu tudo dizendo: “*ai que mentira*” e dando uma risada. O ambiente foi invadido por um desagradável e pesado momento de silêncio. Aquele grande mal-estar pareceu se dissipar aos poucos, com a movimentação dos garotos. Andrew falou que assim iam acordar o Vitorino. Os meninos não ligaram para as palavras do visitante e, em seguida, ouvimos o resmungo do bebê. O clima emocional era arrebatador em momentos como esses.

O grupo lembrou que nesta observação, eu havia chegado com alguns minutos de atraso e Valentina esperava na janela, avisando que tinha mudado a entrada da casa. Cheguei a pensar que ela me receberia em frente à casa ou que me avisaria que precisava sair, porém o que ocorreu foi bem diferente disso. E o comentário na supervisão girou em torno das mudanças: “*Valentina acenou para algo que havia mudado. Será que não era a ‘ligadura’? Será que agora a ponte entre as duas estava sendo firmada? Mas, assim que entraram Valentina comentou com Aline que pensou que ela não viria mais. Talvez ela estivesse falando de suas questões de abandono. O grupo pensou que poderia haver algo em torno dessa temática na vida dessa mulher, pois os problemas de ‘ligadura’ pareciam se repetir*”. O grupo ainda sinalizou o acolhimento do menino órfão na casa, com uma estória de perda e uma marca de morte tão acentuada: “*Valentina mostrou que embora houvesse uma vulnerabilidade em relação as coisas externas, existia um sentimento de solidariedade. Aline também observou a capacidade que as crianças têm de buscar uma aproximação com os outros*”. Também lembrei do abandono da intermediária e de como a família e as crianças precisam ter a possibilidade de se ligar e se desligar com frequência.

O ambiente hostil da vila parecia me colocar à prova. Eu fazia um esforço grande para me deslocar até lá e, algumas vezes, era como se eu tivesse que ser muito persistente para me tornar apta a observá-los e a agüentar as agruras com eles. Houve dias em que cheguei a cogitar a possibilidade de não ir até à vila, pois eu me sentia indisposta, mas esforçava-me por manter o *setting* e a “*ligadura*”. Contudo, havia compensações, como o fato de os meninos virem correndo em minha direção para me dar um abraço de boas vindas. Porém, nem sempre eu era esperada ou ouvida quando chegava na casa e tornava a surgir uma sensação familiar de desamparo.

Algumas situações peculiares ocorreram envolvendo minhas idas até o local onde residia a família. A vila sempre me pareceu um lugar ameaçador e os perigos reais pareciam rondar. Coincidentemente, ou não, cheguei em casa duas vezes com o pneu furado e tive uma ameaça velada, relatada por um morador: “*Fui até o local onde estacionei o carro, na ‘faixinha’, próximo à casa de Valentina, tendo em vista não ter encontrado lugar em frente à residência quando cheguei para a observação. Ao abrir a porta, fui interpelada por um senhor que estava em frente a uma espécie de sede comunitária. Ele perguntou: ‘Esse carro é da senhora?’.* Respondi que sim e ele disse que quase não o

encontrava mais. Perguntei se houve algum problema e ele disse: 'aqui eles levam'. Agradeço pelo aviso e decido entrar e partir, pois me sentia um pouco exposta ali, conversando com ele. Lembro que antes de dobrar a esquina e avistar o veículo, tive uma espécie de pressentimento de ele poderia não estar mais ali. Mas, apesar do aviso, nada se passou e fui embora da vila, pensando no pedido de conseguir vaga na creche para as crianças, feito por Valentina e pelo marido” (39ª observação, 9 meses e 21 dias).

A percepção das crianças era bastante apurada com relação aos meus sentimentos: *“Ao final da observação Victorio me olha e pergunta para a mãe se ‘a tia estava cansada?’ Ela sorriu e disse que achava que sim” (7ª observação, 2 meses e 11 dias).* E eles pareciam demonstrar curiosidade a meu respeito: *“Quando vou até o quarto me despedir, Victorio pergunta para a mãe porque eu já vou embora. Ela apenas olha para o menino e não responde. Digo que já está no meu horário e agradeço, despedindo-me de todos” (8ª observação, 2 meses e 18 dias).* O interesse das crianças por mim também demonstrava que meu papel era assimilado pela família: *“Victorio que estava na rua, veio até a portinhola e perguntou se eu havia ido embora. Valentina disse que eu estava ali e, então, ele me olhou e saiu novamente”. Momentos mais tarde, nesta mesma observação: “Despedi-me de todos e, na rua, Victorio e Hugo me acompanharam por um trecho, até encontrar um menino com uma pipa. Depois que me afastei, ainda os ouvi gritando: ‘tchau tia!’ Me virei e abanei por um tempo, ao que eles corresponderam e então me fui, com a sensação de que aquela observação tinha sido muito boa e a vila ia se tornando cada vez menos desconhecida. Vi uma casa com seis crianças brincando no pátio e senti algo familiar naquele ambiente” (42ª observação, 10 meses e 12 dias).*

Uma importante mudança ficou evidente ao final do décimo mês de observações, em uma das recepções, os meninos me chamaram pelo nome. Senti que estava deixando de ser a tia para me tornar eu mesma: *“Cheguei à casa da família e vi que a porta da frente estava aberta, porém havia muitas roupas estendidas e não pude vislumbrar quem estava dentro. Hugo e Chico se aproximaram e gritaram com alegria, em coro: ‘Aline, Aline’. Valentina confirmou dizendo meu nome e pediu para eu aguardar um pouco. Nesse meio tempo, os meninos saíram e Victorio ajudou a segurar o Totó para que eu entrasse com segurança, sem ser importunada pelo cão” (42ª observação, 10 meses e 12 dias).*

De uma forma mais simbólica percebi que destinaram um lugar importante a algo que eu tinha lhes oferecido: *“Levantei-me e me despedi de Valentina e Vitorino que estavam na soleira da porta. Vi que, ao lado da porta, embaixo do pinheirinho de natal, estavam os bichinhos de borracha que eu havia dado aos meninos, dispostos como se fossem um presépio” (44ª observação, 10 meses e 25 dias).*

Quanto ao pai das crianças, houve também uma mudança considerável após os primeiros contatos. Inicialmente ele mostrou-se pouco receptivo, mas ao término do primeiro ano já sinalizava uma postura diferente. Sua presença e sua ausência mobilizavam questões que puderam ser entendidas com o decorrer das observações. Em uma tarde em que o pai estava em casa e todos os meninos dormiam: *“Valentina convidou -me para entrar, mas pediu para eu não reparar na bagunça. Esse não era um tipo de comentário habitual desta mãe, que não costumava dar*

explicações” (12^a observação, 3 meses e 16 dias). O grupo sinalizou as mudanças no ambiente, com a presença do pai e questionou: *‘O que será que Aline não pode reparar? Que bagunça é esta a que Valentina estava se referindo? Será que os problemas na ‘ligadura’ não estavam a serviço de privar a observadora de ver algo?’*.”

Muitas vezes, a mãe respondia aos pedidos de comida dos meninos, remetendo-se à espera pela chegada do pai. Neste dia, o pão anunciado demorava a chegar e os meninos cessaram seus pedidos, distraíndo-se com brincadeiras. Eu sentia-me cansada ao final de muitas observações, em especial, quando os pedidos à mãe eram inúmeros, principalmente por comida: *“Ao final da observação, sigo meu rumo de volta, para fora da vila e saio pensando que o pai não havia chegado, o pão e o café também não, e tento entender o sentido do tempo para quem tem fome e para mim”* (29^a observação, 7 meses e 13 dias). Em uma observação posterior, o pai novamente estava em casa e providenciou os mantimentos para o café, composto de: *‘13 cassetinhos e um ‘tabrete’ margarina’* (39^a observação, 9 meses e 21 dias). Ele inclusive convidou-me para compartilhar da refeição, justamente no horário do término da observação, ao que agradei e me despedi. Certa vez, ele até já tomava conta do bebê e de Chico. Embora não tivesse me avisado, Valentina deixou seu marido para me receber. Ele estava na porta e informou que a esposa não estava em casa, pois havia trocado o dia do trabalho, naquela semana: *“Vitorino que estava dentro da casa, veio engatinhando com seu único joelho encostado no chão. Ernesto disse para o filho que o pegava e ficou com o menino no colo. Dei oi ao bebê que sorriu. Ele trazia o rosto sujo de feijão, provavelmente, tinha o nariz e as bochechas mais escuras. Vi que estava bastante vestido para o calor daquele dia e usava fraldas também”* (45^a observação, 11 meses e 2 dias). Eu preferi dizer que retornaria na próxima semana, tendo em vista ter feito as combinações e o contrato com a Valentina e neste dia ela estava trabalhando, não tendo me avisado que não se encontraria. Eu não me sentia à vontade para ficar sem a presença de Valentina. Embora Ernesto tenha me convidado para entrar, agradei e ele disse que daria o recado à Valentina. Depois de me despedir, pensei que não foi adequado não realizar a observação, porém eu realmente não me sentia bem neste dia. A minha não permanência nessa observação, na qual a mãe não se encontrava foi discutida em supervisão, mostrando que poderia ter ocorrido uma oportunidade de conhecer melhor esse pai.

Aquele foi apenas o prenúncio da despedida de Valentina. Nas semanas das quatro últimas observações, ela começou a trabalhar durante todos os dias na casa de uma família. Encontrei sua sobrinha, Robusta, porém também não fui avisada por Valentina de que ela se ausentaria diariamente, não recebi qualquer ligação e pensei que o término se iniciava prematuramente. A sobrinha avisou que estaria ali com as crianças e que eu poderia comparecer até o final do primeiro ano do bebê. Muito embora na semana seguinte ela não estivesse em casa

no dia e horário da observação, lá estava sua irmã que me deu o recado e para quem eu disse que avisasse sobre minha estada na casa, confirmando meu retorno na semana posterior.

Eu também me sentia frustrada por saber que ao final das observações Valentina assumiu um compromisso profissional, certamente vital para ela e sua família, que impedia sua presença na casa, com a família. Ao que tudo indicava, nossa despedida seria sem muitas palavras, como grande parte das observações. No dia em que a sobrinha estaria em casa e não a encontrei, senti que essas ausências pareciam estar antecipando o final combinado: *“Sai de lá sentindo um misto de alívio e pesar, por não poder observar realmente naquele dia”* (47ª observação, 11 meses e 16 dias). Assim como no início, a *“ligadura”* parecia estar falhando e eu tinha um trabalho de resgate.

Na 48ª observação o bebê, que estava há uma semana de completar o primeiro aninho, dormiu durante todo o tempo em que estive na casa. No dia do aniversário de um ano, avisei que viajaria em função do feriado de Natal. De qualquer maneira, não houve menção ou convite para uma possível festa para Vitorino. Combinei com Robusta que iria telefonar para marcar com Valentina uma ida à casa num dia em que ela estivesse presente. Após ter passado um mês e meio e várias tentativas sem conseguir contato, recebi uma ligação de Valentina, avisando que teria três semanas de férias. Combinei a despedida, no dia e horário usual, para encerrar as observações. No telefonema ela comentou que todas as quartas-feiras, quando chegava em casa do trabalho, os meninos lhe contavam que eu não tinha ido. Pensei mais ainda na importância de encerrar oficialmente as observações e agradecer pela possibilidade de tê-las realizado.

Na 50ª observação, o bebê já estava com um ano e 47 dias e pude expressar minha gratidão pessoalmente à Valentina, pela imensa oportunidade de aprender com ela e com sua bela família. Ela também pareceu querer retribuir, pois fez questão de que eu a acompanhasse até a casa de sua mãe, a vó Teresina, para conhecê-la, assim como a seu pai e outros familiares e amigos que estavam presentes na despedida. O término desta etapa foi bastante emocionante, pois pude ouvir comentários sobre a observação que não eram tecidos por Valentina. Todos demonstraram conhecer o trabalho que era realizado e me ajudaram a descobrir o valor que a observação teve para a família. Pedi que Valentina transmitisse meu abraço e agradecesse a Ernesto, o pai que não estava neste dia. As crianças também puderam se despedir e demonstrar a relação afetiva que tinha se estabelecido, porém compreender que aquela etapa se encerrava.

Embora as observações tenham demandado uma grande capacidade de continência de minha parte, também trouxeram momentos de raro encantamento. A felicidade genuína das crianças era expressa em suas brincadeiras e atitudes, demonstrando o quanto as questões emocionais podem se sobrepor às financeiras. Pude aprender a esperar e entender o ritmo próprio das relações que se estabeleciam entre o bebê e sua mãe, num ambiente tão dinâmico. Além de

integrar os aspectos emocionalmente impactantes e violentos aos aspectos acolhedores do cotidiano de uma família tão singular.

CAPÍTULO IV

DISCUSSÃO

No caso estudado buscou-se uma compreensão aprofundada de como se dá o desenvolvimento emocional de um bebê, em uma família numerosa. A partir do material das observações das relações no ambiente familiar, buscou-se o entendimento dinâmico dos fenômenos observados, com base na literatura psicanalítica e na psicologia do desenvolvimento. Os eixos norteadores seguiram as mesmas categorias apresentadas na análise dos resultados, denominadas: *o bebê e seu ambiente*; *o desenvolvimento emocional do bebê*; e *a observadora*. A opção por utilizar trechos dos relatos das observações converge com o pensamento de Borensztein (2001), para quem a sutileza e a delicadeza que requer a descrição dos estados emocionais e mentais, exigem uma boa escrita, até mesmo em linguagem literária, necessária para determinados tipos de pesquisa nas ciências humanas, como é o caso da observação de bebês em seu ambiente. Antes de passar à discussão e sua relação com a literatura, realiza-se um apanhado geral dos diversos fatores que se destacaram pela peculiaridade da família observada. Nesse primeiro momento, os pontos que se referem aos eixos não serão descritos separadamente, a fim de se obter uma síntese dinâmica dos resultados do presente estudo.

Inicialmente, o bebê nasceu sem um planejamento por parte dos pais. Até pelo contrário, a concepção de Vitorino ocorreu em função de uma falha na “*ligadura*” que a mãe havia feito, após o parto do filho que já se encontrava com dois anos de idade, no início das observações. Esse nascimento inesperado também gerou mudanças importantes na dinâmica familiar, que se refletiram na relação estabelecida com a observadora. No início das observações se instaurou um processo de desencontros e faltas que sinalizavam questões transferenciais importantes. Quando o vínculo parecia estar firmado, após os primeiros meses, voltaram a ocorrer faltas da família, sem conseguir me avisar e dificuldades de contato ocasionadas por constantes mudanças de número do telefone celular. Novamente, no último mês de observações, a mãe passou a ausentar-se em função do emprego em outra cidade, sem ter me comunicado sobre esta decisão. O grupo auxiliou a compreensão de que este funcionamento da família pôde ser expresso na relação com a observadora, que foi usada para que pudessem comunicar suas reações emocionais.

O lugar dos diferentes membros da família também foi afetado a partir do momento em que o quarto filho passou a fazer parte de seu cotidiano. Quanto aos irmãos a mãe assinalou alguns aspectos despertados pelo nascimento do bebê. Victorio, que tinha quatro anos e era o

filho mais velho “*ficou terrível*” após a chegada de Vitorino. Valentina lembrou que ele até acariciava a sua barriga, quando ela confirmou a gravidez, aos seis meses de gestação, mas depois do nascimento do bebê tornou-se mais inquieto e agitado do que de costume. A mãe comentou que havia pensado em procurar uma psicóloga para atender ao primogênito, mas não havia disponibilidade no posto de saúde. Já o filho de três anos, Hugo, teve de ser consolado pelo irmão de dois anos, Chico, quando a mãe foi para a maternidade ter o bebê. Segundo Valentina, o filho menor dizia para o irmão que ela logo iria voltar. Chico, por sua vez, ainda era amamentado no seio e apresentava atitudes de resignação frente ao nascimento do irmão mais novo, muito embora tenha continuado a compartilhar o leite e o seio materno com Vitorino, durante o primeiro ano de vida do bebê. Já Vitorino era uma criança extremamente tranquila e bastante afável. Recebia bastante atenção da mãe e, desde cedo, foi aprendendo a interagir e conquistar os irmãos, que contribuíram para destacar a vitalidade do ambiente.

Ainda que o crescimento deste bebê tenha se dado em um local desfavorecido em termos financeiros, não se pode desconsiderar a riqueza emocional que permeava as interações dele em seu ambiente. Apesar do pequeno tamanho da casa havia espaço para muitos tipos de relacionamentos. Os irmãos alternavam momentos de integração e de desentendimentos que certamente serviam como estímulo ao desenvolvimento do bebê. Em certos momentos era evidente como a capacidade de comunicar-se das crianças, ainda que não verbalmente, as aproximava naturalmente. Essas comunicações também eram refletidas na relação da família comigo. Por diversas vezes me sentia inundada pela profundidade emocional dos fenômenos observados e buscava atentar para minhas reações pessoais, que eram trabalhadas nos relatos lidos no grupo de supervisão.

A mãe, por sua vez, apresentou uma capacidade impressionante de dar conta de inúmeras demandas dos quatro filhos. Pode-se pensar que meu papel receptivo e não-instrusivo pôde sinalizar o respeito à forma de maternagem exercida pela mãe. Lembrando que a identidade de Valentina como mãe já era preponderante, tanto que predominou sobre outros aspectos pessoais ou profissionais. Quando o bebê contava com cerca de nove meses, ela passou a fazer faxinas para auxiliar no orçamento familiar, tendo em vista o marido estar desempregado. Apenas ao final do primeiro ano do quarto filho ela passou a contar com o auxílio de uma sobrinha para cuidar das crianças, já que começou a trabalhar diariamente como empregada doméstica. Porém, raramente verbalizava precisar de ajuda para cuidar dos filhos. Algumas vezes, mencionava que eles não a obedeciam e evocava o nome do marido para que atendessem às solicitações que ela fazia. O pai das crianças, nas vezes em que esteve presente, prestava auxílio à esposa e, em uma das últimas observações, tomava conta dos filhos na ausência de Valentina.

Mesmo com o nascimento inesperado de Vitorino, logo se criou um espaço de acolhida e aceitação do novo integrante da família. Enquanto observadora, também pude identificar-me com a questão de como alguém encontra seu próprio lugar na família, pois tive que me inserir sem tornar-me invasiva, em um momento de constituição de relações de intimidade tão delicadas, como a da mãe com um bebê que lhe chegou como um elemento-surpresa. Aliado a isso, há que se considerar o fator de eu ter sido apresentada por uma intermediária que logo deixou de exercer seu papel profissional. O que pareceu ter me deixado no lugar de receptora das questões transferenciais ligadas às falhas e aos abandonos vivenciados por Valentina.

Algumas particularidades do impressionante desenvolvimento de Vitorino foram sendo observadas desde o primeiro mês, em que ficou evidente a preocupação materna primária (Winnicott, 1956/2000), por parte de Valentina e a satisfação do bebê durante os contatos prolongados quando permanecia no colo da mãe. No segundo mês, a mãe inclusive destacava a comunicação e a sintonia que havia entre ela e o bebê. No terceiro mês, Valentina perguntou a Vitorino se ele já conhecia a observadora, como se o auxiliasse a expandir os relacionamentos com o mundo externo. A amamentação continuava sendo muito prazerosa para a dupla, e o bebê já era capaz de manifestar descontentamento quando era interrompido, em função de outras demandas ambientais. No quarto mês, a mãe introduziu alimentos sólidos. No quinto mês, o bebê ampliou a possibilidade de exploração do corpo da mãe. No sexto mês, tornou-se mais deflagrada a capacidade de Vitorino de tentar iniciar interações com os irmãos. No sétimo mês, a mãe passou a ressaltar as aquisições do bebê, como o nascimento dos dentes. Já no oitavo mês, destacavam-se as habilidades de linguagem, a pronúncia das primeiras palavras, e o pedido de que ele abanasse para a observadora ao se despedir. Com nove meses, o bebê começou a engatinhar e a afastar-se ou a seguir Valentina e os irmãos pela casa, demonstrando reconhecer algumas pessoas que chegavam para visitar a família, como uma priminha que brincava afetivamente com ele. Aos dez meses, apareceu sem fraldas, batia palmas quando a mãe cantava parabéns e fazia brincadeiras às quais Valentina atribui significado simbólico, como quando o bebê pegou um cinto e ela disse que ele estava brincando de andar a cavalo. Com onze meses, voltou a aparecer com fraldas e ficava aos cuidados do pai e de uma sobrinha, pois a mãe começou a trabalhar diariamente, o bebê aparentava menos vigor e energia nas observações em que a mãe não estava presente. Pouco antes de completar o primeiro ano, Valentina contou que ele já caminhava e seguia sendo amamentado no seio.

Ainda é necessário destacar que a riqueza do ambiente de Vitorino, além de ser permeada pelo contato com os outros três irmãos, que solicitavam a mãe e também competiam por sua atenção, acabava por favorecer trocas intensas. A possibilidade de estabelecer relações próximas,

até mesmo em função da idade dos meninos, pareceu contribuir para a livre expressão de sentimentos que iam desde a alegria pelo convívio até a disputa pelo espaço de cada um. Essa proximidade pareceu ser positiva no caso estudado, e auxiliada pela serenidade com que Valentina distinguia e atendia às diferentes demandas de cada um dos filhos. Contudo, mais do que isso, havia um colorido vivo no ambiente, inclusive em termos físicos. O local onde viviam lembrava uma zona rural, em que animais circulavam livremente. A própria família tinha quatro cachorros e criava uma galinha, enquanto que no pátio em frente à casa usualmente pastava um cavalo das redondezas. As brincadeiras eram muito criativas e pouco tecnológicas, resgatavam elementos como pipas e carrinhos improvisados, fazendo com que as crianças usufríssem do contato prolongado em um ambiente aparentemente desfavorecido. A mãe também contribuía, colocando limites e mantendo-se atenta aos locais por onde os filhos circulavam. Em certa ocasião, falou que se o filho menor já estivesse caminhando, poderia ir até o pátio brincar com os irmãos. O grupo de supervisão apontou como positiva essa capacidade das crianças de interagir e se satisfazer com os recursos possíveis que a família oferecia aos filhos.

O fato de a mãe parecer inesgotável, por apresentar tamanha disponibilidade, contribuiu para uma certa idealização de sua figura de minha parte que, na verdade, era muito condizente com a realidade observada. Afinal, as circunstâncias pareciam tão desfavoráveis financeiramente e inversamente adequadas em termos afetivos. Valentina demonstrou, desde o início, uma capacidade de distinguir as necessidades de cada filho, de acordo com sua faixa etária. Sem dúvidas, o bebê era privilegiado em sua atenção, mas até Vitorino teve que gradativamente ir se adaptando à realidade de sua família, pois seus irmãos também tinham demandas parecidas em alguns momentos, já que a diferença de idade entre eles todos não era muito significativa. Ainda assim, o bebê apresentou um crescimento físico surpreendente e uma capacidade de compartilhar com os irmãos os cuidados da mãe, no primeiro ano de vida. Por fim, o pai também passou a assumir algumas dessas atividades de cuidado, quando Valentina teve de se ausentar.

No papel de observadora pude me sentir bastante preservada e acolhida pela mãe, que não me sobrecarregava com pedidos diretos ou verbais. Ainda assim, eu me sentia exausta ao término de muitas observações, o que demonstrava uma espécie de comunicação silenciosa que também me colocava como depositária dos sentimentos da mãe em relação ao seu papel, provavelmente vivenciados nos cuidados dispensados ao bebê em meio aos demais filhos. Cabe destacar alguns elementos que foram imprescindíveis para a aproximação com esta família, como a presença da intermediária que contribuiu para que eu me inserisse no cotidiano e no contexto da vila. As crianças também foram importantes para que eu me sentisse incluída no ambiente, pois interagiam espontaneamente comigo. Além do cansaço que a multiplicidade de

fenômenos observados ocasionavam, também havia o temor de que a “*ligadura*” com a mãe fosse se romper, pois algumas vezes fui à vila sem encontrar a família e sem ter sido avisada das faltas. O pai pareceu ter se encarregado, pelo menos no princípio, de demonstrar o receio da família em acolher uma estranha no seu lar. O sentido dessas questões também foi sendo esclarecido na medida em que a dissertação ia sendo escrita. A contratransferência adquiria especial relevância nesses momentos, em que sentimentos ambivalentes permeavam minha relação com a família e que não eram comunicados verbal ou explicitamente.

O próprio entorno contribuía para ressaltar as fortes diferenças culturais e socioeconômicas. Porém, com a colaboração do grupo de supervisão, pude elucidar diversos pontos dos relatos e compreender que o funcionamento familiar era bastante parecido com a forma como eu me sentia, ora acolhida, ora tendo que lidar com situações inusitadas. Havia fatura em termos emocionais, mas era preciso enfrentar o inesperado e deparar-me com incertezas. A contenção destes estados emocionais favoreceu o aprimoramento de uma capacidade para tolerar o desconforto e a sensação de ser inundada por sentimentos confusos até que seu significado se tornasse mais claro. Esclarecer essas questões contratransferenciais é fundamental para a coerência e o respeito ao tratamento dos dados de um estudo de caso. O caráter longitudinal da investigação permitiu que eu pudesse aguardar e não concluir precipitadamente, por ter favorecido um contato prolongado com uma realidade bastante específica.

Cabe lembrar que o objetivo do estudo foi investigar o desenvolvimento emocional do bebê, em uma família numerosa. Nas observações, entretanto, não havia um foco pré-definido, tudo o que se passava era relatado, inclusive o clima emocional que permeava o momento. Posteriormente, a estruturação dos eixos em categorias foi realizada com o intuito de organizar os dados coletados durante o primeiro ano de vida do bebê. Os trechos dos relatos foram selecionados após uma leitura prévia de todo o material, em que se destacaram as particularidades das situações ocorridas a cada observação, a exemplo das vezes em que o bebê estava sob os cuidados de outra pessoa que não a mãe, bem como algumas repetições como os momentos de amamentação ou de disputa da atenção da mãe.

Estes aspectos apresentados de maneira geral e dinâmica serão discutidos, pormenorizadamente, nos eixos que seguem, iniciando com *o bebê e seu ambiente* em que os dados sobre o contexto em que vivia Vitorino serão elencados; seguido do *desenvolvimento emocional do bebê* onde a ênfase se dará nas aquisições do bebê em termos emocionais e cronológicos e, por fim, *a observadora*, quando serão expostos os fenômenos envolvidos na observação, a partir da experiência da pesquisadora. Tais dados serão confrontados com a

literatura revisada para fins do presente estudo, tomando como base alguns autores que trabalham a intersecção da psicanálise com a psicologia do desenvolvimento, como Winnicott, além de Stern e Mahler.

Eixo I – O bebê e seu ambiente

Retomando a história da concepção de Vitorino, constata-se que ele foi um bebê que nasceu de forma inusitada, para não dizer impossível, tendo em vista a “*ligadura*” que a mãe havia feito, após o parto do terceiro menino, por não desejar ter mais filhos. Em virtude de uma falha nesta “*ligadura*”, a gravidez de Vitorino foi confirmada pela mãe, em torno do sexto mês. Contudo, após o impacto inicial da notícia, o bebê foi bem acolhido por todos, especialmente por Valentina. O fato de ser amado pela mãe, pelo pai, irmãos e demais membros da família foi capaz de lhe fornecer o contexto que Winnicott (1987/2002) postula como facilitador do desenvolvimento do indivíduo, não apenas por seguir a trajetória de seu legado hereditário, mas por poder identificar-se com a mãe e com outras pessoas do meio ambiente que o cercava. Cabe destacar a importância da cultura da vila, da solidariedade da vizinhança e dos familiares, além do dinamismo que os irmãos agregavam a esta família numerosa, em que Vitorino nasceu.

Ao longo das observações, o bebê foi sendo bem nutrido pela mãe, tanto afetiva como fisicamente. Muitas atividades que Valentina realizava com Vitorino não incluíam palavras, mas existia um envolvimento intenso da dupla. Havia muitas necessidades sutis que a mãe sabia como atender intuitivamente, sem qualquer apreciação intelectual do que estava acontecendo. Para Winnicott (1987/2002), há duas ordens de necessidades, sendo as emocionais permeadas de sutileza, como o fato de o bebê precisar se deixar envolver pelo ritmo respiratório da mãe ou mesmo ouvir e sentir seus batimentos cardíacos durante a mamada. Já as necessidades físicas apontadas pelo autor envolvem a alimentação e o vestuário, além de alguma posição mais confortável para o corpo e também se relacionam às necessidades emocionais, que só podem ser satisfeitas com o contato humano. Tal idéia converge com o que foi verificado no ambiente do bebê observado, em que essas necessidades se complementavam e surgiam simultaneamente.

Nos primeiros meses, pôde-se verificar o interesse de Valentina pelo crescimento de Vitorino. A mãe relatava com orgulho a confirmação do pediatra de que seu filho se desenvolvia muito bem. Ela também acrescentou informações quanto ao peso e altura do bebê. Na verdade, as questões de peso e alimentação de Vitorino continuaram perpassando as observações até o final. Parecia haver uma satisfação em constatar que um bebê concebido por uma falha na “*ligadura*” pudesse se desenvolver tão bem, remetendo-nos ao tema vida-crescimento, postulado por Stern (1997), na constelação da maternidade. Para o autor, nesse período inicial, a

preocupação da mãe gira em torno da capacidade de manter o bebê vivo, além de promover seu crescimento e desenvolvimento físico.

O tema do relacionar-se primário (Stern, 1997) foi constatado, tendo em vista a possibilidade de Valentina envolver-se emocionalmente com seu bebê. Ou seja, através do cuidado e atenção da mãe para com Vitorino, realizados de forma autêntica o suficiente, ela pôde ajudar a promover o desenvolvimento psíquico do filho. Foi possível identificar, inclusive, a preocupação materna primária (Winnicott, 1956/2000), belamente ilustrada nos momentos em que apenas a mãe ouvia o lamento do bebê e o atendia, parecendo estar identificada de maneira empática com as demandas de Vitorino. Essa constatação também converge com o que foi postulado por Winnicott (1960/1983), de que uma mãe suficientemente boa não é fundamentalmente uma pessoa instruída ou sofisticada, tampouco pode ser treinada, se não houver nela sensibilidade bastante para identificar-se com os filhos. Essa disposição era farta e natural no caso de Valentina.

Já a matriz de apoio (Stern, 1997), ou seja, a necessidade da mãe de criar, permitir, aceitar e regular uma rede protetora para si, não foi tão visível no caso de Valentina. A mãe costumava dar conta de todas as tarefas de atendimento ao bebê e aos filhos, não costumava solicitar apoio de outros adultos, tampouco verbalizava queixas sobre a dedicação que a maternagem lhe exigia, mesmo quando demonstrava fadiga ou irritação. Algumas das reclamações que fazia era de que os filhos nem sempre a obedeciam, mas para isso, as conversas com os meninos ajudavam, embora tenha havido momentos nas observações em que a mãe pedia auxílio dos garotos maiores, para buscar algum objeto ou mesmo para verificar o bebê, a partir da aquisição de suas habilidades de locomoção. Diferentemente do que a literatura aponta, essa mãe não explicitava necessitar de apoio da família para auxiliá-la no cuidado dos filhos, como também para levar a cabo as tarefas de desenvolvimento requeridas pela nova estrutura e funcionamento familiar originados com a chegada do novo bebê. Quando começou a trabalhar fora, em tempo integral, Vitorino já tinha completado 11 meses e uma sobrinha passou a auxiliar no cuidado das crianças, assim como o pai. O marido, mesmo que irregularmente, também pareceu cumprir a função de prover as necessidades vitais da família.

Outro fenômeno comumente apontado na literatura sobre o Método Bick de observação é que a mãe usa a observadora como alguém que possa ouvi-la ou como uma oportunidade de encontrar sustentação emocional em sua função materna (Mélega, 1987). Entretanto, isso foi diferente com Valentina, no sentido de ela própria quase não falava de si e mantinha-se bastante envolvida com a maternidade e com os filhos, de forma natural e empática. Contudo, mesmo de maneira não verbal, ela pôde encontrar sustentação e confiabilidade no papel da observadora que

acompanhou esse período de constituição de relações emocionalmente significativas para a dupla mãe-bebê, além das interações do bebê com os demais familiares.

Quanto à reorganização da identidade, quarto tema da constelação da maternidade (Stern, 1997), pareceu que no caso de Valentina sua identidade como mãe já era preponderante, diante de sua desenvoltura com o bebê e os outros três filhos pequenos. Raramente expressava outros interesses pessoais, e a multiplicidade de pedidos a que era exposta não interferia na capacidade da mãe de distinguir o que cada um dos meninos necessitava e de referir-se a eles de maneira precisa, mostrando conhecer muito bem as características de cada um.

Ainda no que concerne às particularidades da relação da mãe com cada filho pôde se observar que cada um dos meninos procurava obter de Valentina algo relativo às próprias necessidades. Mesmo com idades muito próximas, o progresso em termos do desenvolvimento de cada um era bastante específico. Enquanto Chico ainda disputava o seio com Vitorino, Hugo costumava pedir alimentos e ajuda para procurar seu bico. Já Vitorino era requisitado a auxiliar a mãe e gostava de dizer que “*já estava quase grande*”, mas também apresentava atitudes de desafio à mãe e aos irmãos. Retomamos o que diz Winnicott (1970/1999), que a mãe é distinta para cada criança, que a vê sob uma ótica própria, mesmo quando as atitudes são similares para com os diferentes filhos. Também para Debray (1988), assim como nenhuma mãe é idêntica, cada bebê é único, mesmo que apresente comportamentos parecidos. A singularidade está nas características próprias e dinâmicas da relação com cada um dos filhos, o que se evidenciou no caso de Valentina e dos meninos.

Mesmo com pouco tempo entre o nascimento de um filho e outro, Valentina pareceu ser capaz de realizar muito bem a maternagem de todos, distintamente. O fato de o bebê ter nascido em uma família com tal configuração pareceu ser um elemento de estímulo para seu desenvolvimento. Winnicott (1982) aponta que as famílias numerosas são propícias para as crianças desempenharem diferentes papéis em suas relações e isso as prepara para a vida em grupos maiores, o que era visível na desenvoltura dos meninos para interagir com pessoas de fora do âmbito familiar.

A nova organização familiar que o nascimento de um novo filho implicou também foi um fator importante (Brazelton, 1988; Dessen & Braz, 2002; Muslow & cols., 2002), especialmente, nesta família numerosa. O surgimento de um irmão exige uma adaptação das crianças pequenas (Klaus & Kennel, 1993). Ainda que houvesse rivalidade entre os filhos de Valentina, existia fraternidade e cooperação na família, conforme apontam Carter e McGoldrick (2001), destacando a importância da postura compreensiva dos pais em relação às atitudes dos demais filhos, nesse momento.

A participação do pai, embora não fosse foco do presente estudo, foi entendida como parte da dinâmica familiar. O papel desempenhado pelo pai precisa ser reconhecido, mesmo estando em poucas observações. Cabe destacar que ele prestou auxílio, levando as crianças ao médico ou trazendo a comida; também auxiliava na educação e se fazia presente, através das invocações e ameaças que a mãe fazia em seu nome. O bebê inclusive pronunciou “*papa*” e “*vovó*”, antes de “*mama*”. Para Winnicott (1969/1992), o pai também está incluído no ambiente de provisão para o filho, porém só se torna conhecido como uma pessoa do sexo masculino para o bebê quando tiver a possibilidade de diferenciá-lo, o que já ocorria com os meninos maiores.

No princípio, Ernesto passou a impressão de que ele não se interessou pela observação do bebê e também não foi muito receptivo quando nos encontramos pessoalmente pela primeira vez. Ao longo do tempo, essa imagem de desinteresse foi se desfazendo. Em uma das observações em que o pai esteve presente e a mãe havia deixado o bebê com ele dentro de casa, houve o reconhecimento, por parte do pai, de que o menino queria mesmo era ficar com a mãe. Quando a criança começa a se separar da mãe e antes que a mãe possa ser percebida de modo objetivo, ela é o que Winnicott (1966/1999) denomina de objeto subjetivo. Como a mãe leva a cabo a importante tarefa de ir se adaptando às necessidades da criança, pode introduzir a realidade externa de forma gradual. Para o autor, a figura materna vai sendo duplicada e o pai entra no quadro geral de duas maneiras. Até certo ponto ele seria uma duplicação da figura materna, porém vai se transformando na figura de pai que pode ser amada e respeitada. O modo de ser desse pai naturalmente influi na formação da família dessa criança e determina a maneira particular como a criança usa ou não esse pai. Isso também se aplica ao caso em pauta.

O ambiente de Vitorino era bastante dinâmico, incluindo a disputa pela atenção da mãe com os irmãos, que possuíam idades muito próximas, embora necessidades diferenciadas. O bebê apresentou um desenvolvimento surpreendente, auxiliado pela mãe, que o atendia demonstrando empatia e mostrando-se identificada de forma especial com este filho, que foi bem aceito pelos pais e irmãos, assim como mostrou ser uma criança com bons recursos psíquicos e capacidades de se beneficiar com as relações familiares.

A seguir será analisado o eixo referente mais especificamente ao desenvolvimento emocional do bebê, durante o primeiro ano de vida.

Eixo II – O desenvolvimento emocional do bebê

Vitorino foi um bebê que especialmente nos primeiros meses, contou com a sensibilidade da mãe para perceber os momentos em que o filho caçula mais precisava de seus cuidados. Assim como, com o passar do tempo Valentina soube deixá-lo esperando quando foi preciso atender aos demais filhos, também com idades bastante próximas. A constância observada nas

atitudes de Valentina nos remete à confiabilidade preconizada por Winnicott (1970/2005), tão importante para que se estabeleça um ambiente de sustentação para o desenvolvimento emocional primitivo.

As observações iniciaram quando o bebê estava prestes a completar um mês e se encontrava na fase de dependência absoluta (Winnicott, 1963/1983). Embora ainda muito incipiente em suas atividades, Vitorino emitia sinais que eram atendidos, com prontidão, por Valentina. Geralmente recebia leite materno, era acariciado e tinha momentos exclusivos de interação com a mãe durante as observações. Com o passar do tempo, ele teve que aprender a aguardar por períodos um pouco maiores de tempo, em função das demandas específicas de seus irmãos, e também se tornou mais ativo, vocalizando para demonstrar que queria atenção. Dessa forma, a mãe foi capaz de propiciar uma desadaptação gradativa ao bebê, favorecendo a passagem da fase de dependência absoluta para a de dependência relativa (Winnicott, 1970/2005).

Coincidindo com a primeira etapa do processo de separação-indivuação preconizada por Mahler (1982), denominada de diferenciação-desenvolvimento do esquema corporal, que se inicia por volta dos quatro a cinco meses, observou-se que o bebê experimentava prazer na exploração tátil do seu corpo, do corpo da mãe durante a amamentação e de objetos do ambiente. Logo passou a se voltar para os demais estímulos externos, como os irmãos e a própria observadora, muito embora os irmãos estivessem constantemente interagindo entre si e até mesmo com o bebê quando, por exemplo, o primogênito Victorio era solicitado a ajudar a mãe, pegando o caçula no colo. Ou ao ter que dividir o seio com Chico, desde os primeiros meses de vida. Também havia as demandas de Hugo, que solicitava atenção da mãe e também ensaiava aproximações com o “*maninho*”. Mesmo que a mãe se esforçasse por preservar o bebê, desde muito cedo Vitorino foi estimulado a interagir com os irmãos, em idades tão próximas.

Já por volta dos seis meses iniciaram as experiências de tentativa de separação-indivuação (Mahler & cols., 1977), com uma atividade mais expressiva por parte do bebê que, por querer se locomover, caiu do sofá, de acordo com o relato da mãe. No sexto e sétimo mês houve o aumento da exploração manual, tátil e visual do rosto, assim como de partes do corpo da mãe. Isso pôde ser observado em comportamentos empreendidos por Vitorino como se afastar durante a mamada, para em seguida retornar, além de puxar o cabelo de Valentina, explorar-lhe o rosto, tateando e colocando as mãos na boca da mãe. Para os mesmos autores, a partir do sétimo ao oitavo mês, começa a exploração comparativa, ou seja, o bebê demonstra interesse pela mãe e parece compará-la com os outros, com o que não é familiar. Vitorino costumava alternar o olhar entre os que estavam presentes no ambiente, além de explorar a textura da roupa,

o rosto, morder o queixo e apalpar o corpo da mãe ao ser amamentado, ao mesmo tempo em que podia descobrir o que não pertencia ao corpo de Valentina, como os objetos que manipulava ou os prendedores de roupa que ela trazia freqüentemente junto à blusa. Inicialmente, ela os oferecia ao bebê, até que com o tempo ele buscava retirá-los da roupa de Valentina.

Já a partir do final dos sete meses, as questões de linguagem e dentição foram ressaltadas por Valentina, que também estimulava as habilidades de locomoção incipientes de Vitorino. Nos momentos em que a mãe conversava com o bebê, tentando traduzir suas necessidades e estimulando as interações com os demais, que se intensificavam, Valentina atribuía significado simbólico a algumas brincadeiras dele como “*falar ao telefone*”, em uma ocasião em que o bebê, aparentemente, imitava o gesto dos irmãos que se divertiam com um aparelho celular. Contudo, essa mãe sabia observar e respeitar o ritmo de seu filho mais novo, assim como o dos demais.

As aquisições de desenvolvimento iam sendo cada vez mais visíveis nas observações. No fim do nono ao início do décimo mês, Vitorino apareceu sem fraldas e engatinhava pela casa, locomovendo-se e conhecendo o ambiente. Ao final dos dez meses, o bebê passou a empreender maiores afastamentos e aproximações da mãe. Já demonstrava maior autonomia em relação aos lugares onde desejava permanecer, sinalizando isso à mãe. Também buscava iniciar interações com os irmãos, emitindo sons agudos e vocalizando para chamar a atenção de Valentina, dos irmãos, da observadora ou de quem mais estivesse na casa.

Retomando a segunda etapa do processo de separação-indivuação (Mahler, 1982), chamada de treinamento, que costuma ocorrer aproximadamente do nono ao décimo-segundo mês até o décimo-quinto mês, foi nítida a exploração mais ativa do ambiente pelo bebê. Vitorino era capaz de afastar-se da mãe e também de segui-la pela casa, buscando reaproximação e abastecimento emocional. Inicialmente, o bebê buscava apoio da mãe ou mesmo de móveis para levantar-se e recebia incentivos de Valentina. Por fim, quando era capaz de engatinhar tornou-se mais ágil para realizar a separação física da mãe e também para voltar-se novamente em direção a ela. Nessa direção, Perez-Sanchez (1983) considera que o estímulo essencial para o movimento de engatinhar pode ser determinado pelo impulso para se dirigir à mãe, pela relação e contato com ela. Os irmãos também pareciam servir como motivo para Vitorino locomover-se, o bebê já demonstrava tentativas e atitudes buscando a inserção em brincadeiras com os meninos, como na vez em que os mais velhos brincavam de “*escolinha*” e o bebê pegou alguns papéis e os amassou ao participar.

As aquisições em termos de desenvolvimento do bebê, quando o mesmo se aproximava do primeiro ano de idade corroborou os achados apontados em um estudo realizado por nosso grupo de pesquisa (Lopes & cols., no prelo), sobre os sentimentos maternos frente às aquisições

de desenvolvimento da criança aos doze meses. Os autores encontraram sentimentos ambivalentes das mães quanto às novas aquisições do filho. Isso ocorreu com Valentina, pois ao mesmo tempo em que se preocupava em cuidar das explorações de Vitorino, o incentivava na realização das mesmas, demonstrando seu desejo de que ele caminhasse logo, por exemplo. Os autores apontaram para a importância das interações estabelecidas entre mãe e criança, especialmente a partir da compreensão dos sentimentos advindos das percepções maternas sobre o desenvolvimento infantil no primeiro ano.

A amamentação costumava ser um momento intenso da dupla e importante para o desenvolvimento emocional; poucas vezes a mãe ofereceu alimentos sólidos para o bebê. Porém Chico, o filho de dois anos, que era amamentado no seio e continuou sendo ao longo das observações, costumava se aproximar quando a mãe aleitava Vitorino. O desmame foi outro processo que estava sendo gradativamente conduzido por Valentina em relação a Chico, com quem usava o codinome “*remédio*” para designar o leite materno. Esse menino parecia querer permanecer no lugar que teria sido seu originalmente, enquanto Vitorino crescia, correspondendo ao desejo da família. Para Winnicott (1975), a principal tarefa da mãe após ter proporcionado a oportunidade de ilusão ao filho é a desilusão. O autor lembra que o simples término da alimentação ao seio não constitui o desmame. No caso de Chico, ele parecia disputar espaço com o bebê, além da atenção de Valentina. A mãe relatava a dificuldade de desmamar este filho e contou ter obtido êxito somente na última observação em que o bebê estava com mais de treze meses.

Ainda neste foco, podemos tomar novamente como base Winnicott (1961/2005) e suas considerações sobre como a psicanálise progrediu em termos relacionais e do desenvolvimento emocional primitivo. Os bebês passam a ser vistos como um fenômeno complexo que inclui seu potencial e seu meio ambiente. A fim de compreender esta idéia, o autor sugere que se observem as mudanças em uma criança de dois anos, a partir do nascimento de um novo irmão. Nesta idade, a criança não se acha muito distante do período de dependência absoluta e apenas iniciou o percurso que a leva à independência. Com o mesmo potencial herdado, a criança seria diferente se fosse o filho mais novo ou filho único. Esta situação foi corroborada pelo fato de a família ter planejado ficar apenas com três filhos, porém a falha na “*ligadura*” ocasionou o nascimento de mais um bebê, bem acolhido e aceito por todos, mas que também gerou comportamentos regressivos no menino que teria sido o caçula, caso Vitorino não tivesse nascido.

Vitorino foi tomando parte da vida familiar, relacionando-se com os irmãos e com o pai, mas mantinha interesse especial pela mãe. Porém, com o passar do tempo, o bebê demonstrava suas preferências por onde ficar e que objetos explorar, deslocando o foco da mãe. Inclusive,

expandiu seu espaço de circulação pela casa e ampliou seu interesse que antes era centrado na mãe. Perez-Sanchez (1983) menciona a sede de conhecimento, denominada de pulsão epistemofílica, que o bebê manifesta através da relação com a mãe e que se estende a outras pessoas - irmãos, pai, observadora – e ao seu próprio corpo, além de objetos materiais de seu ambiente (brinquedos e outros utensílios), até criar seu próprio mundo com significado pessoal.

Retomando o fato de a mãe não querer ter mais filhos até engravidar de Vitorino, constatou-se que esse fenômeno exerceu pouca interferência nos cuidados do bebê e em termos de seu desenvolvimento emocional. Aliás, ele parecia corresponder a um desejo da mãe de crescimento. No dia em que, por telefone, a mãe confirmou a presença da família para realizar a última observação, Valentina deu a notícia de que o bebê já caminhava, o que confirmava também as aquisições de habilidades psicomotoras dentro do que é esperado, durante o primeiro ano de vida. Na observação final, com a presença da mãe, em que o bebê estava com mais de 13 meses, pude presenciar seus passos firmes e decididos, embora no dia em que foi oficializada a despedida e encerramento do estudo, ele tenha permanecido bastante tempo no colo da mãe, que estava de férias de seu emprego.

Muitos dos fenômenos observados despertaram intensos sentimentos que serão discutidos no próximo eixo que se destina à observadora, com destaque especial para a falha na “*ligadura*” que refletiu a relação da mãe comigo.

Eixo III – A observadora

A fim de discutir as questões concernentes à observadora, retomo que para esta aplicação do Método Bick (1964) na pesquisa, foram observados os três momentos do método padrão: 1) observação; 2) relato e 3) supervisão do material escrito em grupo. Mais ainda, complementados pela escrita da dissertação. Portanto, os resultados aqui discutidos, e apresentados na seção anterior, foram advindos dos relatos de observação, complementados pelos relatos do grupo de supervisão. A participação sistemática neste grupo foi uma etapa fundamental, que auxiliou a colocar em palavras algumas sensações experimentadas durante a observação. Pude compreender, organizar e dar sentido às experiências vivenciadas na observação. Cabe destacar que a mãe cooperou para que eu me mantivesse na minha função de observadora mesmo que, indiretamente, tenha ocasionado falhas e faltas sem avisos, impedindo que todas as observações ocorressem conforme o planejado. De qualquer forma, busquei respeitar sua tarefa primordial de exercer a maternagem de um bebê e outros três filhos com idades entre dois e quatro anos, o que fez com que o aprendizado em uma configuração familiar tão específica fosse muito rico em termos emocionais.

A escolha da família se deu através de uma intermediária, à época, profissional do programa de atendimento à primeira infância. Já nesse período, ela forneceu alguns dados sobre a família. Torna-se importante contemplar a questão da “*ligadura*”, que perpassou todo o processo das observações, lembrando que a primeira informação obtida sobre a família dizia respeito ao nascimento de Vitorino, ocasionado por uma falha na “*ligadura*”. Muito embora a mãe tenha se mostrado sensível e empática para ligar-se a este bebê, a “*ligadura*” com a observadora foi se instaurando gradativamente. Já o desligamento da intermediária se deu de forma mais abrupta, sendo a família comunicada de que não teria mais acompanhamento por parte daquela profissional. Isso pode ter se refletido na relação comigo, nas vezes em que me sentia abandonada ou desamparada por não encontrar a família nos dias e horários destinados à observação.

É incontestável ponderar sobre o vínculo da família do bebê com a observadora como elemento fundamental para que o trabalho se desenvolvesse. De acordo com Zimmermann (1999), o termo vínculo tem sua origem no étimo latino *vinculum* que significa uma união, com as características de uma ligadura, uma atadura duradoura. A palavra vínculo provém da mesma raiz que a palavra vinco, ou seja, ela alude a alguma forma de ligação entre as partes, que estão unidas embora permaneçam delimitadas entre si. Esse elo de natureza emocional também ficou refletido no funcionamento de Valentina comigo. As falhas nos avisos e faltas da família nos dias e horários das observações proporcionaram a oportunidade de poder pensar as experiências emocionais, durante essas ausências, e de digerir os fortes sentimentos de exclusão, afastamentos e cortes, que implicavam no trabalho constante de refazer a “*ligadura*”, para manter o *setting* da observação.

O fato de chegar à casa da família e cruzar a frágil ponte, sobre um valo fétido, indicou apenas o início de um árduo trabalho de construção. Como observadora também pude exercer a função de ponte entre o grupo de supervisão e a dupla mãe-bebê (Caron & cols., 2000). O grupo assinalou que eu servia como uma espécie de dreno emocional para a família. Além do fato concreto de ter que passar pela pinguela sobre o esgoto a céu aberto, que corria em frente à residência, ainda foi preciso construir outra ponte, que ligasse a família ao meu papel. Para essa obra, a constância e o respeito ao contrato foram fundamentais.

Usualmente ocorre uma mobilização interna ao se observar a constituição das relações que o bebê estabelece em seu ambiente. Neste caso, agregava-se o impacto diante do desconhecido e dos perigos representados pelo entorno da vila. Segundo Rosa (1997), o impacto sofrido pelo observador diante das imensas e avassaladoras emoções e ansiedades, quando suficientemente tolerado e acolhido, constituiria um espaço através do qual se poderia conhecer e

compreender o que acontece na relação da mãe com seu bebê, no ambiente. Para este autor, o grupo de supervisão também tem como uma de suas finalidades auxiliar os observadores a lidar com a força dessas emoções.

Entende-se por impacto emocional as surpresas e os desapontamentos vividos na tarefa da observação (Caron, Matte, Cardoso, Lopes & Dalcin, 2000). Ao observar o bebê em seu ambiente fui inundada por uma série intensa de sentimentos, tanto bons, como ambivalentes. Era impressionante observar a mãe cuidando de Vitorino e se dividindo para atender às demandas dos outros filhos. A capacidade de ligar-se a outras pessoas e a contribuição dos irmãos também favoreciam o desenvolvimento e estimulavam o bebê, que logo passou a interagir mais ativamente em seu ambiente. Porém, os constantes pedidos de comida e até a violência que circulou através da vizinhança, traziam à tona o lado cru e desfavorável da realidade onde estavam inseridos. Segundo Bick (1964), uma qualidade a ser desenvolvida pelo observador é a capacidade de esperar até que seja possível emergir novas oportunidades que poderão contribuir para que se alcance um significado próprio do que foi observado. Isso impede que o observador se satisfaça com um sentido parcial.

Desde o relato das observações, passando pela supervisão, até o processo de escrita da dissertação houve a necessidade de compreender o próprio processo transformador exigido pela aplicação do método em pesquisa. Para que os dados pudessem ser adequadamente trabalhados, foi necessário permanecer em um estado de receptividade e aceitação do que era observado, sem críticas nem desejos de mudanças, para que fosse possível observar o que surgisse e aguardar para encontrar um significado. Essa temática foi objeto de discussão do grupo de supervisão e na orientação, o que serviu de suporte e ofereceu contenção quando foi preciso, especialmente nas ocasiões em que os fenômenos observados causavam impacto na observadora e precisavam ser significados.

Cabe destacar que a transferência e a contratransferência não foram motivo de interpretação ou intervenção, mas de reflexão para que se pudesse dar sentido a tudo o que era observado, compreendendo e adquirindo conhecimento pela experiência emocional. O observador sofre intensa mobilização interna, provocada por sensações, emoções e fantasias impactantes que o atingem de diferentes graus e maneiras, conforme sua estrutura pessoal, influenciando sua função na família. Na seqüência das visitas, o observador pode ir se deixando capturar e mergulhar num clima de identificações projetivas mútuas (mãe-bebê, mãe-observador, bebê-observador), sem, contudo, nele permanecer (Caron & cols., 2000; Lopes & cols., no prelo). Para Borensztein (2001), neste método, a compreensão do contexto torna-se mais importante que as interpretações.

Algumas reações freqüentes, como o receio de invadir a família ou interromper os afazeres da mãe, estiveram presentes, especialmente no início das observações, em que fui recebida no pátio da casa. Além disso, o medo de ser intrusivo é muito comum, já que as observações ocorrem na residência da família (Borensztein, 2001; Caron & cols., 2000; Mélega, 1997). Novamente, destaca-se o papel da mãe que era tão natural ao atender o bebê e os demais filhos em frente à observadora, que acabou contribuindo para que eu também me mantivesse em uma postura espontânea com a família, receptiva às comunicações não-verbais que também se refletiam em nossa relação.

Diversos autores apontam para a importância fundamental de se discutir o material relatado a partir das observações, no grupo de supervisão (Borensztein & cols., 1998; Houzel, 1989; Rustin, 2001^a, Souza, 1995). Segundo Bick (1964), o grupo de supervisão pode ajudar a identificar algumas projeções que operam sobre o observador e que intensificam seus próprios conflitos internos. De acordo com Stern (1997), compreender e interpretar as situações inconscientes, vivenciadas na relação observador-mãe-bebê, recria um espaço de reflexão, traz alívio e reduz a tensão. O observador pode, então, deixar-se invadir pela violência de palavras, gestos ou sensações, passando a enxergá-los na sua crueza e simplicidade. Pode-se constatar que o trabalho de elaboração subjetiva do observador, com a ajuda do grupo de supervisão, acaba retornando, de alguma forma, à mãe e ao bebê, mesmo que sem palavras, através da sua postura observacional manifesta (Caron & cols., 2000; Lopes & cols., no prelo). Vários fenômenos presenciados foram assinalados pelo grupo, desde o cansaço relatado diante do dinamismo das observações até o encantamento pela singeleza do ambiente, além da capacidade de interagir das crianças, inclusive do bebê, o que cooperava com a compreensão da comunicação de aspectos que não eram verbalizados, mas vivenciados na observação.

Cabe ressaltar que a mãe pareceu colaborar para que eu me mantivesse em minha função, tendo em vista não me fazer perguntas ou pedir conselhos. A literatura aponta que a mãe pode gerar expectativas de contar com a ajuda qualificada de um profissional (Borensztein, 2001, Mélega, 1997), porém isso não ocorreu no caso de Valentina. Alguns pedidos de Valentina, contudo, foram causadores de questionamentos sobre a forma como atendê-los, como a vez em que chorou ao perguntar se eu sabia de algum “*serviço*” para seu marido, que estava desempregado. Também solicitou indicação de uma psicóloga para atender seu cunhado; e perguntou se eu sabia como conseguir vagas na creche da vila, para as crianças. Apesar disso, a mãe pôde me usar para comunicar de forma silenciosa seus estados emocionais e sentimentos decorrentes do nascimento do bebê, a partir da falha na “*ligadura*”, seguida do abandono pela

visitadora do programa, mas também amparada pela constância de minha presença no ambiente familiar, durante o primeiro ano de vida do bebê.

O papel do grupo de supervisão foi fundamental para me auxiliar a compreender e elaborar os sentimentos contratransferenciais decorrentes da própria situação observada. No transcurso das observações, os encontros de supervisão ajudaram a criar um espaço de reflexão e elucidar a minha função que era “apenas” observar, sem intervir ou atender às demandas das crianças e da família. Apesar de já ter tido treinamento anterior no método, um diferencial importante a ser ressaltado nesta família foi a existência de outras crianças em idades próximas que buscavam interação comigo. Eu tinha que me concentrar e, ao mesmo tempo, deixar minha atenção livre e flutuante para captar tudo o que acontecia no ambiente, sem juízos críticos ou teorizações. O grupo contribuiu para o entendimento da dinâmica desta família numerosa, com um ambiente tão rico em termos emocionais, contrastando com uma grande pobreza econômica.

Mesmo com o encontro de uma cultura tão diferente e com os perigos representados pela vila, eu era constantemente surpreendida pelo desenvolvimento de Vitorino, a empatia de Valentina e a capacidade dos irmãos de brincar criativamente. Por um lado, houve uma certa idealização da mãe, por sua capacidade de atender a todas as demandas do bebê e dos três filhos. Embora isso realmente tenha sido observado, foi sendo gradativamente integrado à realidade cotidiana, como a fome das crianças, o desemprego do pai, o desamparo e a dor da família, aliados à sabedoria de conviver com todas as particularidades de seu próprio ambiente.

Para Caron & cols. (2000), há uma tendência a idealizar a relação mãe-bebê e a maternidade. Convergindo com o pensamento das autoras, pude sentir com intensidade as emoções despertadas pelo processo de idealização-desidealização da relação mãe-bebê, observados em seu ambiente. Também nesse sentido, para Perez-Sanchez (1983), a idealização da maternidade traz inúmeras compensações, porém com ela vem o trabalho pesado e doloroso, que se liga à singularidade da relação com cada filho. Este autor afirma que recomeçar a maternidade pode ser algo desejado, porém temido, por ser duro e difícil, assim como foi para mim realizar as observações e depois transformá-las em relato, para supervisionar e escrever a dissertação.

A observação da relação mãe-bebê em uma família numerosa, de forma longitudinal, exigiu um trabalho intenso de minha parte. Além de viver o impacto emocional, por presenciar uma realidade tão dinâmica, foi preciso ir além do sentir para pensar no que foi sentido, para lhe dar um significado, muitas vezes difícil de ser traduzido adequadamente em palavras. Considera-se que o observador também seja instrumento de observação e quanto mais capacidade tiver para

permitir se aproximar do que observa e pensar nas suas reações emocionais, de forma mais sensível será observado o fenômeno que lhe é oferecido para registrar (Bracco, 1997).

Para exemplificar, houve uma ocasião em que a casa foi reformada, com mudanças na fachada e eu demorei a reconhecer o lugar. Nesta mesma observação encontrei o garoto órfão que esteve com os meninos em uma semana anterior. Esses elementos foram relatados, porém encontrei certa dificuldade com a escrita ou em usar palavras precisas para retratar fielmente o que foi observado. Para expressar esses sentimentos na supervisão recorri a um poema de Neruda, do livro *Últimos Sonetos*, que dizia da importância de saber esperar, pois há dias que ainda estão se fazendo, não chegaram ainda. E estes dias que virão seriam feitos por artesãos da alma que, tanto preparam dias preciosos, como amargos. Tais dias haverão de nos chegar à porta para nos alegrar ou nos entristecer. Da mesma forma, outra poesia, *Interlúdio* de Cecília Meirelles pode expressar algo que era justamente sobre a linguagem e referia que as palavras estão muito ditas e o mundo muito pensado, alertando para não se pensar no passado ou no futuro, mas deixar-se viver o presente, sem falar ou explicar o que é demasiado. Assim com a poetisa, foi preciso esperar que emergissem as palavras, tão necessárias para dar sentido à aplicação de um método que explora com tamanha riqueza o desenvolvimento emocional, mas que pode ser enxugado indevidamente pela circunscrição de um foco. Esta foi uma maneira de tornar possível a produção de conhecimento sobre o que ocorre nas relações iniciais, em termos do desenvolvimento emocional, bem como buscar entender a matriz das relações posteriores.

A discussão aqui apresentada visou contribuir para a compreensão da importância do primeiro ano de vida, em que ocorre o expressivo incremento das habilidades da criança, que influenciam no desenvolvimento emocional do bebê, em especial, em famílias que tenham número elevado de filhos, em que a complexidade dessas relações aumenta ou se intensifica.

Considerações finais

O primeiro ano de vida é fundamental para o desenvolvimento emocional do bebê. Uma forma de estudar os fenômenos decorrentes deste período é através da observação no ambiente familiar da criança. Esta técnica tem sido utilizada em psicanálise já há bastante tempo. Além disso, segundo Elkind (2004), com o estabelecimento da psicologia infantil como uma disciplina científica, o reconhecimento cultural da infância recebeu um importante reforço no final do século XIX. De acordo com o autor, o trabalho nesse campo iniciou com as chamadas biografias do bebê, que consistiam em relatos minuciosamente detalhados de pais que observavam o comportamento de seus bebês. O autor cita os trabalhos de Bronson Alcott, de 1930, pai de Louisa May, assim como o de Millicent Shin, publicado em 1900. O suíço Jean Piaget também

observou e escreveu, em 1952, sobre seus três filhos. Rhode (2004) apresenta um estudo de Margot Waddell que revisa detalhadamente este tipo de diários, inclusive o que foi produzido por Charles Darwin, em 1872.

Na psicanálise, Freud (1920) também fez uso da observação, ainda que não tenha sido de maneira sistemática. A conhecida descrição do jogo do carretel relata a observação de seu neto, aos 18 meses, cuja brincadeira com um carretel de madeira amarrado por um cordão era lançado para longe e trazido para perto da criança. Freud (1912) compreendeu que este gesto simbolizava o movimento de desaparecer e retornar, como o da mãe em relação ao bebê. Assim, a criança muito ligada à mãe, era capaz de deixá-la partir sem protestar. Os momentos de separação da mãe eram representados por este jogo, de modo que a criança pudesse tolerar a ausência da mãe. O fundador da psicanálise também recomendava que se fosse capaz de controlar as tendências especulativas e deixar as coisas falarem por si mesmas, o que reforça a importância do observar (Freud, 1912).

Outros autores psicanalíticos merecem destaque pelo uso da observação aplicada ao contexto clínico como Klein (1952/1991) e Winnicott (1957/1983), além de pesquisadores como Spitz (1979), Bowlby (1988; 1989) e Stern (1997). Porém, a sistematização da observação sem fins de intervenção direta preconizada por Bick (1964) deve ser enfatizada, com suas potencialidades e possíveis limitações. O método foi aplicado em seus três momentos, observação, relato e supervisão e, por isso, os encontros do grupo de supervisão foram imprescindíveis pelas trocas e por sua colaboração para elucidar os fenômenos observados. A análise pessoal da observadora também contribuiu para a compreensão de algumas reações subjetivas e contratransferenciais, propiciando um entendimento aprofundado, além do treinamento anterior no método.

O Método Bick de observação é uma forma de capacitar o observador a ter paciência para suportar e esperar o desenvolvimento, o crescimento do bebê (Perez-Sanchez, 1998). Teorizar em um momento prematuro pode ser mais uma defesa contra a dor da experiência emocional ou da ignorância (Borensztein, 2001). Ao vivenciar o que se presencia nas relações iniciais pode haver uma verdadeira inserção no mundo fundamental das emoções (Rustin, 2003a; 2005). A observação me ajudou a aprofundar a compreensão do desenvolvimento emocional e a respeitar uma técnica que auxiliou a organizar o pensamento, para traduzir em palavras o que é difícil de ser dito, por estar tão próximo ao que é primitivo. Progressivamente, com o auxílio do grupo foi possível ampliar o entendimento do desenvolvimento emocional do bebê em seu ambiente, além de sentir o impacto dos fenômenos observados.

Na observação continuada fui descobrindo diversos aspectos da relação de Vitorino em seu ambiente, com sua mãe, pais e irmãos, e deles comigo. Mesmo com a suavidade e empatia demonstradas pela mãe, no laço com seu filho, houve algumas quebras de continuidade próprias das interações da mãe com o bebê, de uma forma geral, e que se manifestaram também com a observadora. Pude sentir a violência da espera por uma observação que não ocorreu e em que não houve aviso ou ainda das que foram desmarcadas e me deixaram com a sensação de desamparo e abandono, provavelmente também vivenciada, de alguma forma, na experiência da relação do bebê com sua mãe e dela, em algum momento, com seus cuidadores.

Cabe considerar que a intermediária que me apresentou à família era profissional de um programa de atenção à primeira infância, que visava trabalhar questões do desenvolvimento de crianças em idade pré-escolar. A família recebeu atendimento temporário, irregularmente até o bebê completar três meses. A literatura aponta que tais programas privilegiam o atendimento à saúde física e precisam estar adaptados ao contexto cultural e social no qual vivem as populações atendidas (Trad & Bastos, 1998). A inclusão da família neste tipo de intervenção domiciliar ocorreu com base em índices de pobreza, tendo em vista residirem em zona de risco. Nesse sentido, a literatura aponta que o ambiente de pobreza pode interferir na maternagem e na saúde mental (Durkin, 2002; Heinicke & cols., 1999; Heinicke & cols., 2001; Kim-Cohen & cols., 2004; Martins & cols., 2004). Porém, considera-se importante destacar que o caso estudado não pode ser reduzido aos fatores socioeconômicos, tanto que foi surpreendente o desenvolvimento emocional do bebê na família.

Referenda-se o alerta de Fonseca (2002), que recomenda se lançar um olhar crítico aos estudos sobre as populações de baixa renda, que facilmente propiciam reducionismo e estereótipos, generalizações incorretas ou tendenciosas, pela ênfase excessiva nas questões financeiras. Cabe esclarecer que não se está desconsiderando a influência do nível socioeconômico, porém está se propondo ir além destes aspectos, sem lhes atribuir demasiado destaque, ao se estudar o desenvolvimento emocional que envolve mais do que as questões monetárias. Sobre a situação econômica, retomo Winnicott (1975) que afirma que um bebê de uma família pobre também pode sentir-se seguro e este pode ser um ambiente facilitador, com suas perseguições comuns.

No caso estudado, o desenvolvimento emocional de Vitorino esteve intimamente atrelado aos cuidados recebidos em seu ambiente, representado pela mãe, pelo pai e os irmãos, além dos demais familiares, e em consequência de muitos fatores, incluindo a cultura, nível socioeconômico, estrutura familiar e características da própria criança. Diversos estudos apontaram para a importância de se considerar múltiplos fatores do ambiente no

desenvolvimento (Kim-Cohen & cols., 2004; Lordelo, 2002; Lordelo & cols., 2000; Martins & cols., 2004; McMunn & cols., 2001), bem como para a influência da família e da sociedade nos cuidados infantis (Fonseca, 2002; Marshall, 2004; Raver & Leadbeater, 1999; Trowell & Bower, 1996).

A literatura tem demonstrado fartamente que existem relações socioeconômicas que envolvem diversos aspectos ligados ao desenvolvimento infantil (Bastos & cols., 1999), assim como há forte influência de fatores psicossociais no comportamento (Anselmi & cols., 2004). Porém, corroborando Bastos e cols. (1999), considera-se que os mecanismos subjacentes a estas relações precisam ainda ser melhor descritos, de forma específica e isenta de juízos de valor. Cabe enfatizar que não se pode inferir legitimamente que o potencial estimulador do ambiente esteja centrado apenas na renda familiar ou no conhecimento da classe social.

A família observada era muito humilde, sob o aspecto socioeconômico, residia em uma das vilas mais pobres da cidade, o que poderia ter gerado uma expectativa contrária ao que se verificou em termos de situações facilitadoras do desenvolvimento. Independentemente disto, Valentina era uma mãe de rara sensibilidade e Vitorino, um bebê que nasceu em circunstâncias desfavoráveis do ponto de vista financeiro, tornou-se uma criança cativante e determinada em suas manifestações. O ambiente que o circundava era repleto de um dinamismo, próprio de um lar em que residem mais três crianças com menos de cinco anos de idade. Foi visível o intenso clima emocional, repleto de sutilezas, incertezas e tendências humanas comuns, como a dor, as falhas e o desamparo. Apesar da falta de alimentos e brinquedos, Valentina soube cuidar dos filhos e, ainda, dar atenção especial ao bebê, com quem foi atenta, afetiva e comunicativa. Em todas as observações confirmou-se a capacidade inesgotável desta mulher, que conversava com seu bebê, alegrava-se com suas aquisições e habilidades e sabia esperar o tempo necessário para que Vitorino se desenvolvesse. Os irmãos também apresentavam uma capacidade de se beneficiar positivamente do convívio. Por terem idades tão próximas, brincavam criativamente juntos. Também eram espontâneos e genuínos em suas interações. O vínculo comigo foi se construindo ao longo dos meses que se seguiram às observações.

O desenvolvimento emocional do bebê foi enriquecido pela complexidade das relações estabelecidas em sua família numerosa. Alguns aspectos típicos ao desenvolvimento de um bebê no primeiro ano, observados no presente caso, são sintetizados a seguir. Para Mahler e cols. (1977), cada fase do processo de separação-individação é vista como um período de tempo em que é feita uma contribuição qualitativamente diferente ao crescimento psicológico da criança e, portanto, ao seu desenvolvimento emocional. Enquanto que no primeiro mês se desenrolava na dupla mãe-bebê uma espécie de comunicação silenciosa e empática, ao final segundo mês, a mãe

contava que o filho gostava muito de “*conversar*” com ela. Já no início do terceiro mês, Vitorino reclamava, através de balbucios e choro, quando sua mamada era interrompida. Aos quatro meses, começou a ser incluído mais ativamente nas brincadeiras com os irmãos, a exemplo da observação em que tocaram violão junto com a mãe. Aos cinco meses, Valentina já dialogava com o bebê e este explorava mais ativamente o corpo da mãe durante a amamentação. Aos seis meses, já era capaz de interromper a mamada para dirigir sua atenção a outros estímulos e retornar a ela, também parecendo principiar a distinção de quando a ausência da mãe era apenas um afastamento temporário, sendo capaz de se entreter, manipulando o próprio corpo ou algo no ambiente. Ao mesmo tempo, protestava caso ela não se reaproximasse logo. Aos sete meses, as aquisições passaram a ser destacadas pela mãe, como dentição e princípios rudimentares de linguagem, enquanto que no oitavo mês, o bebê ampliou visivelmente a possibilidade de explorar o ambiente e interagir com os irmãos. Já aos nove meses, podia tolerar por mais tempo a falta da mãe, entretendo-se com objetos no ambiente. Aos dez meses era capaz de seguir a mãe pela casa, engatinhando, bem como iniciar interações com os irmãos. No décimo-primeiro mês, o bebê já apareceu sem fraldas, embora estivesse menos ativo durante as observações, em que foi cuidado pela sobrinha de Valentina, pois a mãe passou a trabalhar fora diariamente. A mãe relatou que ele já caminhava, antes de completar um ano. Com pouco mais 13 meses, foi visto por mim caminhando e apontando para objetos que queria ter em mãos e continuou com um expressivo crescimento, correspondendo ao desejo de todos de que se desenvolvesse muito bem.

Assim como a mãe, entendi que minha atitude devia se adaptar às necessidades do bebê em seu ambiente, para que o trabalho de observação fosse gradualmente percebido como algo que não abalasse a confiança na maneira de ser e relacionar-se da família, muito embora uma espécie de ambivalência tenha permeado quase todo o processo. Como nas vezes em que não os encontrava em casa e temia (ou desejava) uma interrupção, por parte da família. A sensação de ser bem acolhida em um dia e não ter vontade de ir à vila na semana seguinte, também demonstrava a dinâmica e o funcionamento familiar refletidos na observadora. Muitas vezes, me sentia invadida pelo cansaço diante de tantos sentimentos despertados pela observação. Isso converge com as idéias de Caron & cols. (2000) de que, na sutileza do cotidiano, o observador é invadido e surpreendido pela violência das palavras, sensações, gestos ambivalentes e elementos surpresa com os quais precisa aprender a lidar.

Ainda com base nas considerações apresentadas, é preciso considerar a importância da longa duração do método, quando utilizado para a aplicação em pesquisa. Esse caráter longitudinal é o que pode enriquecer um estudo sobre o desenvolvimento emocional, a exemplo do que foi realizado para esta dissertação, porém sem que se permitam generalizações. A

aplicação do método durante o segundo ano de vida também é indicada, tendo em vista a proposta original de Bick (1964) de que as observações se estendam durante esse período. Algumas das potencialidades do método destacadas envolvem a oportunidade de se aprender sobre o desenvolvimento infantil e as vicissitudes da experiência relacional durante o primeiro ano. Além disso, esse método fornece a possibilidade de aumentar a habilidade e sensibilidade na prática clínica, como psicoterapeuta. E, sobretudo, de aprender com a experiência de valorizar a importância de observar antes de intervir.

Embora o dinamismo do cotidiano fosse extenuante para a mãe em função das múltiplas demandas das quais tinha que dar conta, Valentina também parecia sentir-se compreendida e acompanhada por mim, como verbalizou ao dispensar o retorno do atendimento de uma profissional do programa, no mesmo dia e horário das observações. Assim, o olhar da observadora também parece ter tido uma função continente. A mãe pôde projetar suas ansiedades quanto à falha na “*ligadura*” e ainda assim seguir construindo a ponte que, ao final das observações havia sido consideravelmente reforçada, tanto na vila, quanto na vida.

A conduta de um observador receptivo e não-crítico foi capaz de promover um apoio, que serviu para reforçar na mãe seu próprio papel, muito embora Valentina fosse uma mulher em quem a identidade materna preponderava. Na medida em que me tornei uma observadora confiável e pude fazer uma “*ligadura*” com ela, passei a entender a importância de meu papel na vida da família participante do estudo. A função do meu olhar sobre o bebê e seu ambiente pode ter contribuído para algo fundamental que foi deixá-los ser quem eram, sem julgamentos ou ensinamentos sobre a melhor maneira de criar um filho, além do fato de eu ter dedicado um tempo de atenção para as relações tão dinâmicas de um bebê, em uma família numerosa, durante o primeiro ano, em um período importante para o desenvolvimento emocional de Vitorino. Busquei permanecer receptiva e atenta aos aspectos novos e desconhecidos, encontrando-me frente a muitas situações inesperadas em que me vi observada e observando. Mais especificamente no momento da escrita da dissertação, pude refletir sobre as comunicações não-verbais que se estabeleceram nesse período. Somente então, pude dar sentido ao confronto de desamparos que ocorreu em nossa relação. Através de minha postura receptiva a mãe pode me usar para expressar esses sentimentos, ainda que de forma silenciosa. E eu pude trabalhar essas questões no grupo e com a orientadora, após um certo afastamento das observações e durante a escrita do trabalho. Por fim, a riqueza e a peculiaridade dinâmica do ambiente em que o bebê nasceu contrastaram com a falta de recursos materiais em que vivia a família, mas não pareciam interferir no desenvolvimento emocional das crianças.

Quanto à aplicação do método em pesquisa, cabe considerar que se manteve a premissa de Bick (1964) de não se estabelecer um foco *a priori*. Nas observações, minha atenção era flutuante para poder captar o que emergisse, mesmo que não fosse o bebê em sua relação com a mãe. Contudo, havia a clareza de que o objetivo do trabalho era estudar o desenvolvimento emocional, durante o primeiro ano de vida de um bebê, em uma família numerosa. A partir das etapas de observação, relato e supervisão criou-se o momento de sistematizar os dados para a escrita da dissertação. Ou seja, a aplicação do método em pesquisa requer esse momento inicial de uma amplitude de foco, para não se perder a riqueza dos fenômenos. Depois disso, houve a necessidade de se criar eixos, para organizar os dados específicos do estudo, pois neste tipo de pesquisa não há modelos prontos. Ao mesmo tempo em que a aplicação do método se torna um trabalho solitário no momento da coleta, pude contar com o auxílio do grupo de supervisão e, no caso dessa dissertação, da orientadora, que auxiliaram na sistematização dos dados para a escrita científica.

Cabe destacar o cuidado necessário em termos éticos, que vai além de não identificar os participantes, mas inclui o imperativo de ser verdadeiro ao se relatar o que foi visto, sem teorizações apressadas, para que, após esses três momentos iniciais - observar, relatar e supervisionar – possa se chegar à escrita que sintetize o que foi investigado, sem tirar a vivacidade do caso. Por fim, a divulgação dos resultados, que não é requisito do método padrão, constitui-se em outro desafio, que requer nova transformação dos dados do estudo para torná-lo publicável em periódicos científicos.

Este trabalho procurou contribuir para a compreensão de aspectos do desenvolvimento emocional durante o primeiro ano de vida de um bebê em uma família numerosa, em que havia interações com mais três irmãos, com idades entre dois a quatro anos, no início das observações, além do pai. Considera-se que a relevância do método de observação esteve na possibilidade de compreensão do desenvolvimento emocional do bebê em sua família, favorecendo o encontro com a realidade dessa criança em seu ambiente, na interação com a mãe, que auxiliou e promoveu esse desenvolvimento, além dos demais familiares, presentes na observação. Através das observações, buscou-se o aprendizado no momento em que o desenvolvimento emocional ocorria.

Por fim, a continuidade de estudos utilizando aplicações do Método Bick nos primeiros anos de vida também poderá colaborar para ampliar o entendimento deste período tão importante para o desenvolvimento emocional. Torna-se necessário que profissionais da saúde também tomem contato com as práticas de observação como forma de conhecer a realidade das populações atendidas e, especialmente, antes de propor intervenções em contextos diferenciados.

A aplicação do método, em vários contextos, pode cooperar para aprofundar o estudo das fases iniciais do desenvolvimento infantil, de forma intensiva e detalhada.

REFERÊNCIAS

- Ainsworth, M.; Blehar, M.; Waters, E. & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment*. Hillsdale: Erlbaum.
- Alencar, F. H. & Frota, M. O. (2003). Análise de fatores socioeconômicos-culturais e ambientais relacionados com o déficit ponderal de crianças ao nascimento em 1999, em Manaus/AM, Brasil. *Acta Amazônica*, 33(1), 33-39.
- Anselmi, L.; Piccinini, C. A.; Barros, F. & Lopes, R. S. (2004). Psychosocial determinants of behaviour problems in Brazilian preschool children. *Journal of Psychology and Psychiatry*, 45(4), 779-788.
- Aspland, H. & Gardner, F. (2003). Observational measures of parent-child interaction: an introductory review. *Child and Adolescent Mental Health*, 8(3), 136-143.
- Barker, C.; Pistrang, N. & Elliot, R. (1994). *Research methods in clinical and counseling psychology*. New York: Wiley.
- Bastos, A. C. S. & Almeida Filho, N. M. (1990). Variables econômicosociales, ambiente familiar y salud mental infantil em un área urbana de Salvador (Bahia), Brasil. *Acta Psiquiátrica Psicológica da América Latina*, 36, 147-154.
- Bastos, A. C. S.; Uripia, A.C. M.; Pinho, L. & Almeida Filho, N. M. (1999). O impacto do ambiente familiar nos primeiros anos de vida: um estudo com adolescentes de uma invasão de Salvador, Bahia. *Estudos em Psicologia* 4(2), 239-271.
- Bee, H. (1979). *Psicologia do desenvolvimento: questões sociais*. (E. Nick, Trad.). Rio de Janeiro: Interamericana.
- Bick, E. (1964). Notes on infant observation in psychoanalytic training. *International Journal of Psychoanalysis* 45, 558-566.
- Bick, E. (1987). Contribution of observation mother-infant interaction to development of psychoanalyst of psychoanalytic psychotherapist. Em Harris M. & Bick, E. *Collected papers of Martha Harris and Esther Bick* (pp. 225-239). Scotland: Clunie Presse.
- Bolsoni, J. (2000). *Interação entre irmãos: empatia e fatores de risco e proteção*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Borensztein, C. L. (2001). A importância da observação de bebês para a formação de psicanalistas. *Psicanálise - Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre*, 3, 89-99.

- Borensztein, C. L.; Abdala, N. G. K. de; Dimant; S. N.; Urman, C. N. & Ungar, V. (1998). Infant observation and its relation to our work as psychoanalysts. *Infant observation: The International Journal of Infant Observation and its Applications*, 1(2), 71-83.
- Bowlby, J. (1988). *Cuidados maternos e saúde mental*. (V. L. B. de Souza e I. Rizzini, Trad.) 2. ed. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1976).
- Bowlby, J. (1989). *Uma base segura para o apego: aplicações clínicas da teoria do apego*. (S. M. de Barros, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bracco, D. M. (1997). A especificidade do método de observação de bebês. Em *I Simpósio Brasileiro de Observação da Relação Mãe-Bebê: Tendências* (pp. 77-83). São Paulo: Unimarco.
- Brazelton, T. B. & Cramer, B. G. (1992). *As primeiras relações*. (M. B. Cipolla, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Brazelton, T. B. & Greenspan, S. I. (2002). *As necessidades essenciais das crianças*. (C. Monteiro, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Brazelton, T. B. (1988). *O desenvolvimento do apego: uma família em formação*. (D. Batista, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1981).
- Briggs, A. & Meltzer, D. (2002). The life and work of Esther Bick. Em *Surviving Space – Papers on infant observation*. Edited by Andrew Briggs. Foreword by Donald Meltzer Tavistock Clinic Series - Nick Temple, Margot Waddell (Orgs.) (pp. xix-xxx). London: Karnac Books.
- Briggs, S. (1999). Links between infant observation and reflective social work practice. *Journal of Social Work Practice*, 13, 147-156.
- Brum, E. H. M. & Schermann, L. (2004). Vínculos iniciais e desenvolvimento infantil: abordagem teórica em situação de nascimento de risco. *Ciência & Saúde Coletiva*, 9(2), 457-467.
- Bydlowski, M. (2003). *Esther Bick, témoignages vivants de l'observation du couple mère-nourrisson*. Retirado em 03/09/04, na World Wide Web: <<http://psychiatrie-francaise.com/LLPF/2003/janvier/article14.htm>>.
- Caron, N. (1995). Fundamentos teóricos para a aplicação do Método de E. Bick. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 29(2), 283-291.
- Caron, N. (Org.) (2000). *A relação pais-bebê: da observação à clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Caron, N. A. & Lopes, R. C. S. (2001). *Estudo longitudinal sobre o desenvolvimento do bebê, da mãe e da relação mãe-bebê intra-útero e nos primeiros três anos de vida do bebê*. Projeto não publicado.
- Caron, N. A.; Matte, L. D. da S.; Cardoso, M. G.; Lopes, R. de C. S. & Dalcin, V. E. (2000). Vivenciando a violência sutil: o impacto emocional diante de tendências humanas comuns. Em Caron, N. (Org.) (2000). *A relação pais-bebê: da observação à clínica* (pp. 45-59). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Carter, B. & McGoldrick, M. (2001). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Chemama, R. (1993). *Dicionário de psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Coll, X. (2000). Who needs to observe infants? *Child Psychology & Psychiatry Review* 5, 25-29.
- Cordeiro, A. N.; Pereira, C. F.; Andrade, N. F.; Mourão, B. L. A. & Picanço, M. B. M. (2004). Inserção das crianças na Creche UFF: Projeto um tempo para a família. Em *Anais do 2º Congresso de Extensão Universitária de Belo Horizonte* (pp. 1-6).
- Covington, C. (1991), Infant observation re-viewed. *Journal of Analytical Psychology*, 36, 63-76.
- Cramer, B. & Palácio-Espasa, F. (1993). *Técnicas psicoterápicas mãe-bebê*. (F. F. Settineri, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Debray, R. (1988). *Bebês/mães em revolta: tratamentos psicanalíticos conjuntos dos desequilíbrios psicossomáticos precoces*. (L. M. V. Fischer, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Dessen, M. A. & Braz, M. P. (2000). Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16(3), 221-231.
- Dias, E. O. (2003). *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago.
- Dunn, J.; Davies, L. C. & O'Connor, T. G. (2000). Parent's and partner's life course and family experiences: links with parent-child relationships in different family settings. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 8, 955-968.
- Dunn, J.; Plomin, R. & Daniels, D. (1986). Consistency and change in mother's behavior toward young siblings. *Child Development*, 57, 348-356.
- Durkin, M. (2002). The epidemiology of developmental disabilities in low-income countries. *Mental Retardation & Developmental Disabilities Research Reviews*, 8(3), 206-212.
- Elkind, D. (1991). Development in early childhood. *Elementary School Guidance & Counseling*, 26(1), 12-22.

- Elkind, D. (2004). *Sem tempo para ser criança: a infância estressada*. (M. F. Lopes, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Farias, E. P. de & Turcherman, S. E. (1988). A observação da relação mãe-bebê e a formação analítica. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 4(22), 595-609.
- Feldman, B. (2002). The lost steps in infancy: simbolization, analytic process and the growth of the self. *Journal of Analytical Psychology*, 47, 397-406.
- Fleming, S. (2004). The contribution of psychoanalytical observation in child protection assessments. *Journal of Social Work Practice*, 18(2), 223-238.
- Fonseca, C. (2002). Mãe é uma só? Reflexões em torno de alguns casos brasileiros. *Psicologia USP*, 13(2), 49-68.
- Freud, A. (1968). *O ego e os mecanismos de defesa*. (A. Cabral, Trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Freud, S. (1910). As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica. (M. A. M. Rego, Trad.). Em J. Salomão (Org.). *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira* (1996) (v. 11, pp. 143-156). Rio de Janeiro: Imago. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1969).
- Freud, S. (1912). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. (M. A. M. Rego, Trad.). Em J. Salomão (Org.). *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira* (1996). (v. 12, 123-133). Rio de Janeiro: Imago. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1969).
- Freud, S. (1915). Instintos e suas vicissitudes. (M. A. M. Rego, Trad.). Em J. Salomão (Org.) e E. Salomão (Coord.). *Obras completas de Sigmund Freud* (1997). (v. 14, 117-144). Rio de Janeiro: Imago. Cd-Rom, 24 volumes.
- Freud, S. (1920). Além do princípio do prazer. (M. A. M. Rego, Trad.). Em J. Salomão (Org.). *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira* (1996). (vol.18, pp.17-75). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1969).
- Furhmeister, A., Wirth, A. F., Miranda, G. B., Costa, H. D., Martini, I. & Enk, I. (2001). A importância da observação da relação mãe-bebê na formação do psiquiatra. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 23, 1, 56-60.
- Guirado, M. (1997). Vértices da pesquisa em psicologia clínica. *Psicologia USP*, 18(1), 143-155.
- Heinicke, C. M.; Fineman, N. R.; Ponce, V. & Guthrie, D. (2001). Relationship-based intervention with at-risk mothers: outcome in the second year of life. *Infant Mental Health Journal*, 22(4), 431-463.

- Heinicke, C. M.; Fineman, N. R.; Ruth, G.; Recchia, S. L.; Guthrie, D. & Rodning, C. (1999). Relationship-based intervention with at-risk mothers: outcome in the first year of life. *Infant Mental Health Journal*, 20(4), 349-375.
- Henry, G. (1984). Reflections on infant observation and its applications. *Journal of Analytical Psychology*, 29, 155-169.
- Houzel, D. (1989). Penser les bébés: réflexions sur l'observation des nourissimes. *Révue de Médecine Psychosomatique*, 19, 27-38.
- Houzel, D. (1997). Observação de bebês e psicanálise, ponto de vista epistemológico. Em Lacroix & Monmayrant. *Os laços do encantamento: a observação de bebês segundo Esther Bick, e suas aplicações*. (F. F. Settineri, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Houzel, D. (1999). A therapeutic application of infant observation in child psychiatry. *The International Journal of Infant Observation*, 2(3), 42-53.
- Houzel, D. (2000). Les applications préventives de la méthode d' Esther Bick. Rio de Janeiro, 22 p., manuscrito não publicado.
- IBGE (2005). *Perfil socioeconômico da maternidade nos extremos do período reprodutivo*. (Primeira versão). Rio de Janeiro: Diretoria de Pesquisas. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Retirado em 10/05/05, na World Wide Web: <<http://www.ibge.gov.br>>.
- Kim-Cohen, J.; Moffit, T. E.; Caspi, A. & Taylor, A. (2004). Genetic and environmental processes in young children's resilience and vulnerability to socioeconomic deprivation. *Child Development*, 75(3), 651-668.
- King, R. (2002). Experience of undertaking infant observation as part of the Post-Qualifying Award in Child Care. *Journal of Social Work Practice*, 16, 213-222.
- Klaus, M. & Klaus, P. (1989). *Seu surpreendente recém-nascido*. (M. C. G. Monteiro, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Klaus, M. H. & Kennel, J. H. (1993). *Pais-bebê: A formação do apego*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Klein, M. (1952). Algumas conclusões teóricas relativas à vida emocional do bebê. (pp. 85-118). (E. M. da Rocha e L. P. Chaves coord., Trad.). Em M. Klein (1991). *Inveja e gratidão e outros trabalhos* (1946-1963). Rio de Janeiro: Imago.
- Kompinsky, E. (2000). Observação de bebês: método e sentimentos do observador. Em Caron, N. (Org.) *A relação pais-bebê: da observação à clínica* (pp. 9- 43). São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Lacroix, M-B; Monmayrant, M. (Orgs.). (1997). *Os laços do encantamento: a observação de bebês segundo Esther Bick, e suas aplicações.* (F. F. Settineri, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (1995). *Vocabulário de psicanálise.* (P. Tamen, Trad.) São Paulo: Martins Fontes.
- Legg, C.; Scherick, & Wadland, W. (1974). Reaction of preschool children to the birth of a sibling. *Child Psychiatry Human Development*, 5, 3-39.
- Lopes, R. de C. S.; Oliveira, D. S.; Vivian, A. G.; Bohmagahren, L. M.; Donelli, & Piccinini, C. A. (submetido). Sentimentos maternos frente ao desenvolvimento da criança aos 12 meses: Convivendo com as novas aquisições infantis. Submetido à *Psicologia: Teoria e Pesquisa*.
- Lopes, R. de C. S.; Vivian, A. G.; Oliveira-Menegotto, L. M.; Donelli, T. S. & Caron, N. A. (no prelo). A observação da relação mãe-bebê através do Método Bick. Em Cesar A. Piccinini & Maria Lúcia Seidl de Moura (Orgs.) *Observando as Interações Pais-Bebê-Criança: Diferentes Abordagens Teóricas e Metodológicas*.
- Lordelo, E. da R. (2002). Interação social e responsividade em ambientes doméstico e de creche: cultura e desenvolvimento. *Estudos de Psicologia de Natal*, 7(2), 343-350.
- Lordelo, E. da R.; Fonseca, A. L. & Araujo, M. L.V. B. (2000). Responsividade do ambiente de desenvolvimento: crenças e práticas como sistema cultural de criação de filhos. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 13, 73-80. Retirado em 10/08/04, do SciELO (Scientific Eletronic Library Online), na World Wide Web: <<http://www.scielo.br/scielo.php>>.
- Mahler, M. (1982). *O processo de separação-individuação.* (H. M. de Souza, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Mahler, M.; Pine, F. & Bergman, A. (1977). (J. A. Russo, Trad.) *O nascimento psicológico da criança.* Rio de Janeiro: Zahar.
- Marshall, N. L. (2004). The Quality of Early Child Care and Children' s Development *Current Directions in Psychological Science*, 13.
- Martins, M. F. D.; Costa, J. S. D.; Saforcada, E. T. & Cunha, M. D. C. (2004). Qualidade do ambiente e fatores associados: um estudo em crianças de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 20(3), 710-718.
- McMunn, A. M.; Nazroo, J. Y.; Marmot, M. G.; Boreham, R. & Goodman, R. (2001). Children's emotional and behavioural well-being and the family environment: findings from the Health Survey for England. *Soc Sci Med*, 53(4), 423-440. Retirado em 01/03/05, do PubMed, na World Wide Web: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov>>.

- Mélega, M. P. (1987). Observação da relação mãe-bebê: instrumento de ensino em psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 21, 309-327.
- Mélega, M. P. (1995). Supervisão da Observação da Relação Mãe-Bebê: Ensino e Investigação. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 29(2), 263-282.
- Mélega, M. P. (1997). A supervisão da observação da relação mãe-bebê: ensino e investigação. Em *I Simpósio Brasileiro de Observação da Relação Mãe-Bebê: Tendências* (pp. 117-138). São Paulo: Unimarco
- Mélega, M. P. (2001). A contribuição de Esther Bick à clínica psicanalítica. *Psychê* 27, 69-83.
- Miles, G. (2002). The experience of teaching and learning in social work. The teaching of young child observation: a historical overview. *Journal of Social Work Practice*, 16(2), 207-211.
- Miller, L. (2002). Lessons from infant observation: the developing mind of the infant. *The International Journal of Infant Observation*, 5(1), 21-35.
- Miranda, R. B. P. (1982). Inter-relação da observação da inter-relação mãe-filho com o trabalho psicanalítico. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 3(16), 267-273.
- Muslow, M.; Caldera, Y.; Pursley, M.; Reifman, A. & Huston, A. (2002). Multilevel factors influencing maternal stress during the first three years. *Journal of Marriage and Family*, 64, 944-956.
- Negri, R. (1988). La fiaba della nascita del fratello nello sviluppo emotivo. *Quaderni di psicoterapia infantile*, 18, 45-73.
- Newcombe, N. (1999). *Desenvolvimento infantil: abordagem de Mussen*. (C. Buchweitz, Trad.). 8. ed. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Penn, H. (2002). Primeira Infância: a visão do Banco Mundial. (F. Rosemberg, Trad.). *Cadernos de Pesquisa*, 115, 7-24
- Perez-Sanchez, M. (1983). *Observação de bebês: relações emocionais no primeiro ano de vida*. (T. Pellegrini, Trad.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Perez-Sanchez, M. (1998). *Segundo ano de vida: uma compreensão psicanalítica*. (Centro de Estudos Psicanalíticos Mãe-Bebê-Família, Trad.). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Piccinini, C. A.; Moura, M. L. S. de; Ribas, A. F.; Bosa, C. A.; Oliveira, E. A. de.; Schermann, L. & Chahon, V. L. (2001). Diferentes perspectivas na análise da interação pais-bebê/criança. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 14(3), 469-485.
- Piontelli, (1995). *De feto à criança. Um estudo observacional e psicanalítico*. Rio de Janeiro: Imago.
- Plomin, R.; Asbury, K. & Dunn, J. (2001). Why are children in the same family so different? Nonshared environment a decade later. *Canadian Journal of Psychiatry*, 46(3), 225-234.

- Retirado em 04/08/04, do EBSCO Host Research Databases, na World Web Wide: <<http://www.ulbra.br/bibliotecas/ebsco.html/web7.epnet.com>>.
- Primeira Infância Melhor* – PIM (2003). Secretaria da Saúde do Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. (polígrafo não publicado).
- Ramos, H. M. (1994). Michael Balint e Donald Winnicott. Em S. A. Figueira (Org.). *Contratransferência: de Freud aos contemporâneos* (pp. 131-151). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Raver, C. C. & Leadbeater, B. J. (1999). Mothering under pressure: environmental, child, and dyadic correlates of maternal self-efficacy among low-income women. *Journal of Family Psychology*, 13, 523-534. Retirado em 22/05/04, do PsycInfo, na World Web Wide: <<http://www.psycinfo.com>>.
- Reid, S. (Org.) (1997). Reviews. Developments in infant observation: the Tavistock Model. London: Routledge. Em *Journal of Child Psychotherapy*, 24, 1998, 461-472.
- Resolução nº 016/2000, de 20/12/2000. Dispõe sobre a realização de pesquisa em Psicologia com seres humanos. Conselho Federal de Psicologia.
- Reynolds, D. (2003). Mindful parenting: a group approach to enhancing reflective capacity in parents and infants. *Journal of Child Psychotherapy*, 29(3), 357-374.
- Rhode, M. (2004). Infant observation as research: cross-disciplinary links. *Journal of Social Work Practice*, 18(3), 283-298.
- Rosa, J. C. (1995). Reflexões sobre o método de observação da relação mãe-bebê. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 29(2), 299-305.
- Rosa, J. C. (1997). Refletindo o método de observação da relação mãe-bebê. Em *I Simpósio Brasileiro de Observação da Relação Mãe-Bebê: Tendências* (pp. 95-106). São Paulo: Unimarco.
- Rustin, M. E. (1998). Observation, understanding and interpretation: the story of a supervision. *Journal of Child Psychotherapy*, 24, 433-448.
- Rustin, M. J. (1989). Observing infants: reflections on methods. Em Miller, L.; Rustin, M. E.; Rustin, M. J. & Shuttleworth, J. (Orgs.). *Closely Observed Infants* (pp. 52-75). London: Duckworth.
- Rustin, M. J. (1997). What do we see in Nursery? Infant Observation as Laboratory Work. *Infant observation: the international journal of infant observation and its applications*, 1(1), 71-83.
- Rustin, M. J. (2001a). *Reason and unreason: psychoanalysis, sciences and politics*. London: Continuum Books.

- Rustin, M. J. (2001b). Clinical and observational psychoanalytic research: roots of a controversy. Sandler, J.; Sandler, A-M.; Davies, R. (Orgs.). London: Karnac, 2000. Review in *Journal of Child Psychotherapy*, 27(2), 213-215.
- Rustin, M. J. (2003a). Learning about emotions: The Tavistock approach. *European Journal of Psychotherapy, Counseling & Health*, 6(3), 187-209.
- Rustin, M. J. (2003b). Research in the consulting room. *Journal of Child Psychotherapy*, 29, 137-145.
- Rustin, M. J. (2005). From the consulting room to social critique. *Psychoanalytic Dialogues*, 15(3), 367-378.
- Salo, F. T. The interface wiht infant research: the continuing gains for psychoanalysis. *Psychoanalysis Downunder: The Online Journal of the Australian*, 1-12. Retirado em 08/08/05, na World Wide Web: <<http://www.psychoanalysisdownunder.com/PADPapers>>.
- Se a favela não vai à psicanálise, a psicanálise vai à favela! Entrevista com Lulli Milman, coordenadora da Casa da Árvore (RJ), concedida em 15/06/2004. *Educação Pública: Jornal*. Retirado em 13/05/05, na World Wide Web: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/jornal>>.
- Shore, M. F. (1998). The making, unmaking and remaking of primary prevention. *Journal of Mental Health*, 7, 471-478.
- Shuttleworth, J. (1995). A relação entre os métodos e modelos da psicanálise e os da psicologia do desenvolvimento. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 29(2), 219-234.
- Sostek, A. & Read, S. (1979). *Reactions to the arrival of an infant sibling*. Manuscrito não-publicado. Washington, D.C., Georgetown University School of Medicine.
- Souza, M. S. I de. (1995). Supervisão da Observação da Relação Mãe-Bebê. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 29(2), 293-298.
- Spitz, R. A. (1979). *O primeiro ano de vida: um estudo psicanalítico do desenvolvimento normal e anômalo das relações objetais*. (E. M. B. da Rocha, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Stake, R. (1994). *Handbook of quality research*. London: Sage.
- Stern, D. (1997). *A constelação da maternidade*. (M. A. V. Veronese, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Taylor, P. M. & Koogan, K. L. (1973). Effects of birth of a sibling on mother-child interaction. *Child Psychiatry Human Development*, 4, 53-58.
- Terziani, G. (2005). *Linee guida per un'applicazione dell'«infant observation» negli asili nido e nelle scuole materne*. Esperienze e Documenti, 1-16. Retirado em 20/12/05, na World Wide Web: <<http://www.seieditrice.com/sei/Docenti/Orientamenti/285/Terziani.pdf>>.

- Trad, L. A. B. & Bastos, A. C. de S. (1998). O impacto sócio-cultural do Programa de Saúde da Família (PSF): uma proposta de avaliação. *Cadernos de Saúde Pública*, 14(2), 429-435.
- Trowell, J. & Bower, M. (Orgs.) (1996). *The emotional needs of young children and their families: using psychoanalytical ideas in the community*. Florence: Routledge.
- Trowell, J. & Miles, G. (1991). The contribution of observation training to professional development. Em Trowell, J. & Bower, M. (Orgs.) (1996). *The emotional needs of young children and their families: using psychoanalytical ideas in the community* (pp. 38-53). Florence: Routledge.
- Trowell, J. & Rustin, M. (1991). Developing the internal observer in professionals in training. *Infant Mental Health Journal*, 12, 233-245.
- Turato, E. R. (2003). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. São Paulo: Vozes.
- Turp, M. (1999). Touch, enjoyment and health: in infancy. *The European Journal of Psychotherapy, Counselling & Health*, 2(1), 23-39.
- Tuters, E. (1988). The relevance of infant observation to clinical training and practice: an interpretation. *Infant Mental Health*, 9(1), 93-104.
- UNICEF (2001). *Situação da infância brasileira*. São Paulo: B & C Revisão de Textos.
- Vincent, J. D. (1991). Développement et organisation de l'émotion. *Neuro-Psy*, 6(10), 505-508.
- Wendland, J. (2001). A Abordagem clínica das interações pais-bebê: perspectivas teóricas e metodológicas. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 14(1), 45-46.
- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. (J. O. de A. Abreu & V. Nobre, Trad.). Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D. W. (1982). *A criança e o seu mundo*. (A. Cabral, Trad.). Rio de Janeiro: LTC. (Original publicado em 1964).
- Winnicott, D. W. (1983). Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. Em D. W. Winnicott. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (pp. 38-54). (I. C. S. Ortiz, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1963).
- Winnicott, D. W. (1983). Sobre a contribuição da observação direta da criança para a psicanálise. Em D. W. Winnicott. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (pp. 101-54). (I. C. S. Ortiz, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1957).

- Winnicott, D. W. (1983). Teoria do relacionamento paterno infantil. Em D. W. Winnicott *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (pp. 79-87). (I. C. S. Ortiz, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1960).
- Winnicott, D. W. (1992). A construção da confiança. Em D. W. Winnicott. *Conversando com os pais* (pp. 139-152). (A. Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1969).
- Winnicott, D. W. (1999). A criança no grupo familiar. Em D. W. Winnicott. *Tudo começa em casa* (pp. 123-136). (P. Sandler, Trad.) São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1966).
- Winnicott, D. W. (1999). Vivendo de modo criativo. Em D. W. Winnicott. *Tudo começa em casa* (pp. 23-39). (P. Sandler, Trad.) São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1970).
- Winnicott, D. W. (2000). A mente e sua relação com o psicossoma. Em D. W. Winnicott. *Da pediatria à psicanálise: Obras escolhidas* (pp. 332-346). (D. L. Bogomoletz, Trad.) Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1949).
- Winnicott, D. W. (2000). A preocupação materna primária. Em D. W. Winnicott. *Da pediatria à psicanálise: Obras escolhidas* (pp. 399-405). (D. L. Bogomoletz, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1956).
- Winnicott, D. W. (2000). O desenvolvimento emocional primitivo. Em D. W. Winnicott. *Da pediatria à psicanálise: Obras escolhidas* (pp. 218-232). (D. L. Bogomoletz, Trad.) Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1945).
- Winnicott, D. W. (2000). Psicose e cuidados maternos. Em D. W. Winnicott. *Da pediatria à psicanálise: Obras escolhidas* (pp. 305-331). (Davi Litman Bogomoletz, Trad.) Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1952).
- Winnicott, D. W. (2002). *Os bebês e suas mães*. (Jefferson Luiz Camargo, Trad.). 2. ed. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1987).
- Winnicott, D. W. (2005). Família e maturidade emocional (1958). 129-138. Em: *A família e o desenvolvimento individual*. (Marcelo Brandão Cipolla, Trad.). 3. ed. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1965).
- Winnicott, D. W. (2005). Observações adicionais sobre a teoria do relacionamento parento-filial (1961). Em *Explorações psicanalíticas* (pp. 59-61). Winnicott, C.; Shepherd, R.; Davis, M. (Orgs.) (José Octávio de Aguiar Abreu, Trad.). 2. reimpr. Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1994).

- Winnicott, D. W. (2005). *Psiquiatria infantil, serviço social e atendimento alternativo* (1970). Em: *Pensando sobre crianças* (pp. 235-241). Shepherd, R.; Johns, J.; Robinson, H. T. (orgs.) (Maria Adriana Veríssimo Veronese, Trad.). 2. reimpr. Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1996).
- Winship, G. (2001). Notes on the technique of psychoanalytic infant observation: a group-analytic training perspective. *Group Analysis*, 34(2), 253-266.
- Yin, R. K. (1992). *Case study research design and methods*. London: Sage.
- Zaslavsky, J.; Nunes, M. L. T. & Eizirik, C. L. (2003). A supervisão psicanalítica: revisão e uma proposta de sistematização. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 25, 297-309.
- Zimmermann, D. E. (1999). *Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica*. Porto Alegre: Artes Médicas.

ANEXO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

A pesquisa intitulada “*O desenvolvimento emocional de um bebê em uma família numerosa: uma aplicação do Método Bick de observação*” busca compreender de que forma as mães com mais de um filho de zero a seis anos atendem as necessidades das crianças em termos do desenvolvimento emocional.

A família participante será observada semanalmente, até o bebê completar 12 meses, durante aproximadamente uma hora em sua residência, em um momento de interação com seus filhos, como fazem comumente no seu cotidiano.

Através desse trabalho esperamos poder compreender o ambiente de desenvolvimento emocional e o atendimento às necessidades das crianças em famílias com mais de um filho em idade pré-escolar.

Pelo presente consentimento declaro que fui informada, de maneira clara sobre os objetivos do presente estudo. Tenho o conhecimento de que receberei resposta a qualquer dúvida sobre os procedimentos e assuntos relacionados à pesquisa.

Concordo em participar do presente estudo, bem como autorizo para fins exclusivos desta pesquisa, a utilização de relatos de observações e anotações realizadas com minha família.

A divulgação em periódicos científicos não exporá a identidade dos participantes.

A orientadora deste projeto é a Professora Dr^a Rita de Cássia Sobreira Lopes e a mestranda psicóloga Aline Groff Vivian. Caso eu queira contatá-las, isso poderá ser feito pelo telefone 9982 1245 (Aline) e 465 8207 ou 33165145 (UFRGS).

Este documento será revisado e aprovado pelo Comitê de Ética da UFRGS.

Acredito ter sido suficientemente orientada a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo “*O desenvolvimento emocional de um bebê em uma família numerosa: uma aplicação do Método Bick de observação*”.

Eu discuti com a psicóloga Aline Groff Vivian sobre a minha decisão de participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do trabalho, as garantias de confidencialidade e esclarecimentos permanentes. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem que isto traga prejuízo à continuação do trabalho e sem prejuízos ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

Data / / .

Assinatura do participante do projeto

Pesquisador responsável